



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

MARIA DE NAZARÉ BARRETO TRINDADE

**ENTRE CACAUAIS E PARANÁ-MIRINS:
CULTURA E IDENTIDADE EM *CENAS DA VIDA DO AMAZONAS***

BELÉM/PARÁ

2013



*Do movimento desse rio que penetra a mata,
Brotam a seiva que nutre as nossas manifestações:
históricas, culturais, crenças, lendas e mitos.*
Maria Trindade (Moara)

MARIA DE NAZARÉ BARRETO TRINDADE

**ENTRE CACAUAIS E PARANÁ-MIRINS:
CULTURA E IDENTIDADE EM *CENAS DA VIDA DO AMAZONAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, área de Estudos Literários, Linha de Pesquisa História, Cultura e Identidade, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Fernandes

Belém

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –

Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Trindade, Maria de Nazaré Barreto, 1962 -

Entre cacauais e paraná-mirins: cultura e identidade em cenas da vida do Amazonas / Maria de Nazaré Barreto Trindade; orientador, José Guilherme dos Santos Fernandes. ---2013

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2013.

1. Sousa, H. Inglês de (Herculano Inglês), 1853-1918 – Crítica e interpretação. 2. Contos brasileiros – História e crítica. 3. Cultura. 4. Identidade social. 5. Regionalismo na literatura. I. Título.

CDD-22. ed. 869.9309

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Entre Cacauais e paraná-Mirins: cultura e identidade em *Cenas da vida do Amazonas*
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA como
requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: História, Cultura e Identidade

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Guilherme Fernandes-UFPA
Orientador

Prof. Dr. Yurgel Pantoja Caldas- UNIFAP

Membro

Apresentado em 25/06/2013

Conceito:

Profa. Dra. Marlí Tereza Furtado- UFPA

Membro

Dedico este esforço de compreensão:

*Aos que compartilham comigo esse ínfimo momento humano e inumano-
de civilização e barbárie.*

Especialmente as minhas três Icamíabas: Naíra, Marina e Mariana

AGRADECIMENTOS

Estar no mundo é estar em permanente diálogo com o outro. Assim: a todos os seres humanos e não humanos que *vivenciam comigo as maravilhas e os dramas da contemporaneidade*.

Em especial:

À mãe **Francisca** e ao pai **José** (*in memoriam*), que me possibilitaram o acontecer da vida.

Aos meus irmãos: Paulo, Sandra, Roseana, Geraldo, Rosilena, Cláudia, José Raimundo, Joseline, Marcelo e Fábio, ocasionais partícipes das alegrias e agruras desse mundo;

As três icamiabas: **Naíra, Marina e Mariana**, frutos de um amor perene, que me ensinam a viver com gestos de ternura, mas também de guerreiras;

Ao amigo Rogério Henrique Almeida, companheiro de estrada, pela disposição em ler os ensaios e por ter dialogado comigo em alguns momentos desta elaboração;

Às bibliotecárias da pós-graduação, que se mostravam sempre dispostas a nos ajudar na busca de material para nossa análise;

Aos Professores e colegas do curso de Pós-graduação em Letras, que contribuíram com suas experiências de vida e conhecimento para iluminar um pouco da nossa busca pelo saber;

Em especial, aos professores Paulo Maués Corrêa, que me apresentou Inglês de Sousa, e Luiz Guilherme, professores da graduação sempre atentos às nossas inquietações sobre literatura;

A meu orientador, Prof. José Guilherme Fernandes, que me inquietou com reflexões sobre cultura e identidade e dialogou comigo no processo da tessitura deste texto;

À Secretaria Municipal de Educação que me liberou por dois anos para o curso. Aos amigos da Secretaria Municipal de Educação, lugar de labuta e de profícuas discussões sobre educação. E que sempre me apoiaram nesta empreitada de produzir conhecimento literário.

Há um povo das florestas, que vive da extração de produtos da mata e dos rios e em guerra por sua conservação e sustentação. Há um povo indígena multifacetado, mas uníssono na guerra com os brancos e a usurpação que estes continuam fazendo de suas terras e riquezas.

Existe ainda um povo afro-brasileiro que cotidianamente reivindica a propriedade de seu território, obtido pela luta quilombola e escrava.

Todos estes povos se deparam constantemente com problemas como a devastação ecológica, a questão fundiária, a miséria e, sobretudo, a falta de acesso à plena cidadania.

Sua luta presente também rememora a dos tempos cabanos. Trata-se de povos amazônicos e de uma luta secular que merece ser conhecida e amparada.

Magda Ricci

RESUMO

Este trabalho interpreta as categorias cultura e identidade a partir da trilogia *Cenas da vida do Amazonas* de autoria do escritor paraense de Óbidos, Herculano Inglês de Sousa. A análise foi realizada com base na perspectiva teórica dos Estudos Culturais que se preocupam em conectar cultura, significado, identidade, poder e território, privilegiando a concepção de Identidade.

Palavras-chave: Identidade, Cultura, Estudos Culturais, Tapuio.

RESUMÉ

Cette thèse interprète la culture et de l'identité qui se dégage des "Scènes de la vie de l'Amazonie" de la trilogie écrite par l'écrivain de Obidos Para, Herculano Inglês de Sousa. L'analyse a été réalisée à partir de la perspective théorique des études culturelles qui s'inquiètent de relier la culture, le sens, l'identité, le pouvoir et le territoire, en favorisant le concept d'identité.

Mots-clé : Identité, Culture, Études Culturelles, Tapuio.

SUMÁRIO

INICIANDO O MERGULHO: ALGUMAS INFLEXÕES	11
CAPÍTULO I	
1 OS ESTUDOS CULTURAIS E A ANÁLISE LITERÁRIA	21
1.1 UM MERGULHO NA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CULTURAIS	21
1.2 OS ESTUDOS CULTURAIS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL	27
1.3 OS ESTUDOS CULTURAIS E A ANÁLISE LITERÁRIA	30
1.4 OS ESTUDOS CULTURAIS E A DISCUSSÃO SOBRE IDENTIDADE	32
CAPÍTULO II	
2 AMAZÔNIA OITOCENTISTA: O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA E O PENSAMENTO LITERÁRIO DE INGLÊS DE SOUSA	36
2.1A AMAZÔNIA OITOCENTISTA DE INGLÊS DE SOUSA	39
2.2A DISCUSSÃO HISTÓRIA X FICÇÃO	44
2.3O PENSAMENTO LITERÁRIO DE INGLÊS DE SOUSA	48
2.4 CRÍTICA À OBRA	51
2.5 NATURALISMO OU REALISMO SOCIAL?	58
CAPÍTULO III	
3 MERGULHO NA ESTÉTICA DO TEXTO LITERÁRIO	61
3.1 A TRILOGIA <i>CENAS DA VIDA DO AMAZONAS</i>	61
3.1.1 O desenredados Romances	62
O Cacaulista (C)	62
O Coronel Sangrado (CS)	63
História de um pescador (HUP)	63
3.1.2 A organização dos romances	64
3.2A ESTÉTICA DO TEXTO LITERÁRIO	66
3.2.1 Espaço e tempo nos romances	70
3.2.2 Personagens e narradores: vozes de uma cultura	71
CAPÍTULO IV	
4 CAMINHO DE RIO: CULTURA E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA	76
4.1 AS VOZES SOBRE IDENTIDADES NA AMAZÔNIA	76
4.2 AS IDENTIDADES NA OBRA INGLESIANA	80
4.2.1 Tapuio ou caboclo na obra literária	85

4.2.2 Cultura, relações de sociabilidade, trabalho e poder conformando a identidade cabocla	101
5 EM BUSCA DE NOVOS PORTOS	106
REFERÊNCIAS	111

INICIANDO O MERGULHO: ALGUMAS INFLEXÕES

Meu coração bateu em sintonia com o seu vagar ou com a sua inquietude, foi me levando em maresia para as suas águas barrentas, onde habitam botos e silêncios.

Maria Trindade

Essa foi a impressão que experimentei diante das caudalosas águas de um rio como o Amazonas. Elas nos dão a dimensão do que é viajar, pensar e escrever sobre essa região. Em viagem para Santarém, numa esplêndida manhã, onde só se avistava do navio um mundo de águas que parecia não ter fim, passamos pela localidade registrada na foto da contracapa desta dissertação. O colorido das casinhas ao largo, contrastando com a solenidade dos verdes de todos os matizes da floresta, a presença da igreja, o pequeno porto, a moça numa canoa, no esforço diário de remar até outro ponto do rio, compõem um cenário que, além de inspirador, é inquietante, porque mobiliza um universo de percepções sobre as formas de viver, de semover e de trabalhar neste ambiente, que remontam aos escritos naturalistas, aos quadros de costumes do início do século XIX.

A metáfora do mergulho em uma obra literária é assim, viajar por desvios, entrar por Paraná-mirins e cacauais, e descobrir esse mundo tão bem ficcionalizado por escritores que estiveram por estas paragens. A opção por esta investigação, ou seja, analisar e interpretar a obra literária de Inglês de Sousa teve sua origem em discussões nas disciplinas literárias do curso de Letras, momento em que nos foram apresentadas algumas obras do escritor e quando surgiram discussões sobre os estigmas que pesam sobre nós, amazônidas. Refletimos principalmente, sobre as formas como somos identificados e tratados neste grande país chamado Brasil. Além disso, surgiu a questão de por que estudamos tão pouco os autores paraenses e amazônicos durante o curso de graduação em Letras.

Temos uma literatura também colonizada em relação ao restante do país? E, ainda, perguntava-nos qual a origem das representações que diversos autores enunciam sobre nós, que vivemos nesta região, de exóticos a primitivos, refratários ao progresso há sem dúvida uma visão que permeia os trabalhos históricos, antropológicos, literários ou de qualquer outra feição teórica, produzidos na, ou sobre a Região Amazônica em suas diversas faces: humana, política, social, econômica, religiosa, etc.

Por ocasião do curso, tivemos oportunidade de fazer uma análise do conto “A Feiticeira” com base na discussão sobre o fantástico e o maravilhoso. A construção da

personagem central nos impressionou. Ela se transforma e aparece também em *O Cacaulista*(C), motivada em interrogar quem era “Maria Mucuí”, desenvolvemos o Trabalho de Conclusão de Curso¹ de Graduação em Letras que analisava essa personagem do conto com base nos estudos sobre Identidade.

O trabalho buscou perscrutar que identidade era aquela. Que ser humano estava representado naquela personagem que incomodava a todos do povoado de Óbidos. O confronto final do conto, entre o tenente Antônio de Souza, cuja fala do narrador sobre a conduta do personagem, enuncia um homem da cidade, preso à razão e à ciência, que não crê em nada do que o “universo ribeirinho” toma como parâmetro de explicação dos eventos no mundo, e a tapuia Maria Mucuí, representando a credice, a permanência de uma forma de ver e estar no mundo, de certo modo, alheia às novidades da província, mas por certo modificada pelos processos sociais.

Em suma, fomos motivados pela percepção inicial criada pela leitura das obras de Inglês de Sousa de que o mais contundente na sua ficção é o encontro e o confronto de seres humanos, envolvidos em relações sociais e políticas diversas, e não propriamente a paisagem. De certo modo, o crítico literário Josué Montello² confirma essa percepção, quando afirma no prefácio de *O Coronel Sangrado* (CS), que Inglês de Sousa em seus romances,

[...] fixa mais o homem que a selva, como se esta, com a sua opulência, não interessasse ao romancista que desejava apenas surpreender e apreender o elemento humano, nas suas lutas e nas suas fraquezas, nos seus caracteres e nas suas determinações (CS, 1968, p.3).

Apesar de observar que o escritor paraense não apresenta uma descrição pormenorizada da paisagem natural em todo o percurso de sua obra, mostra, no entanto, em algumas passagens, certa exuberância e o mistério desse ambiente. O que o

¹ MARIA MUCUIM, A FEITICEIRA DO PARANÁ - MIRIM DE CIMA: Um estudo sobre a não permanência identitária dos povos indígenas no Pará oitocentista. UFPA, Belém, 2010.

²Josué de Souza Montello nasceu em São Luís do Maranhão em 21 de agosto de 1917 e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de março de 2006. Filho de Antônio Bernardo Montello e Mância de Souza Montello. Estudou em São Luís do Maranhão, concluindo o seu curso secundário em Belém do Pará, de onde se deslocou, em dezembro de 1936, para o Rio de Janeiro, e aí se especializou em Educação. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Maranhão. Ocupou a cadeira de número 29 da ABL. Escreveu mais de 20 romances, novelas, obras para o teatro e literatura infanto-juvenil; prefaciou mais de cem obras, entre elas a edição de 1968 de *O Coronel Sangrado*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em 20 de dezembro de 2012.

diferencia de outros romancistas é o tom realista com que enfoca os acontecimentos e constrói o enredo de suas obras.

É o caso da forma como descreve uma tempestade no rio, quando ocorre o afundamento da canoa do pescador José, de *História de um pescador* (HUP). Ainda assim, o centro de suas narrativas é o ser humano e as suas formas de sociabilidade, encontro, confronto e enfrentamento com as adversidades do meio natural e social.

Frente a estas considerações e inflexões, o objetivo desta dissertação é discutir a categoria identidade na Amazônia do século XIX, utilizando como objeto empírico de análise a obra de Herculano Marcos Inglês de Souza. Escritor nascido em Óbidos, PA, em 28 de dezembro de 1853, foi advogado, professor, jornalista, contista e romancista. Fundou a cadeira de número 28 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono foi Manuel Antônio de Almeida. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de setembro de 1918.

Inglês de Sousa fez seus primeiros estudos nos Estados do Pará e Maranhão. Diplomou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1876. Nesse ano, publicou dois romances, *O Cacauleta*(C) e *História de um pescador* (HUP), aos quais se seguiram mais dois, *O Coronel Sangrado*(CS) e *O Missionário* e ainda um livro de contos *Os Contos Amazônicos*. Os três primeiros foram publicados sob o pseudônimo de Luís Dolzani³.

Apenas com o romance *O Missionário* (1891), Inglês de Sousa tornou-se conhecido, obra que, segundo a crítica literária, revela a influência do francês Émile Zola. Nesse romance, descreve com fidelidade a vida numa pequena cidade do Pará, revelando agudo espírito de observação, amor à natureza e fidelidade às cenas regionais.

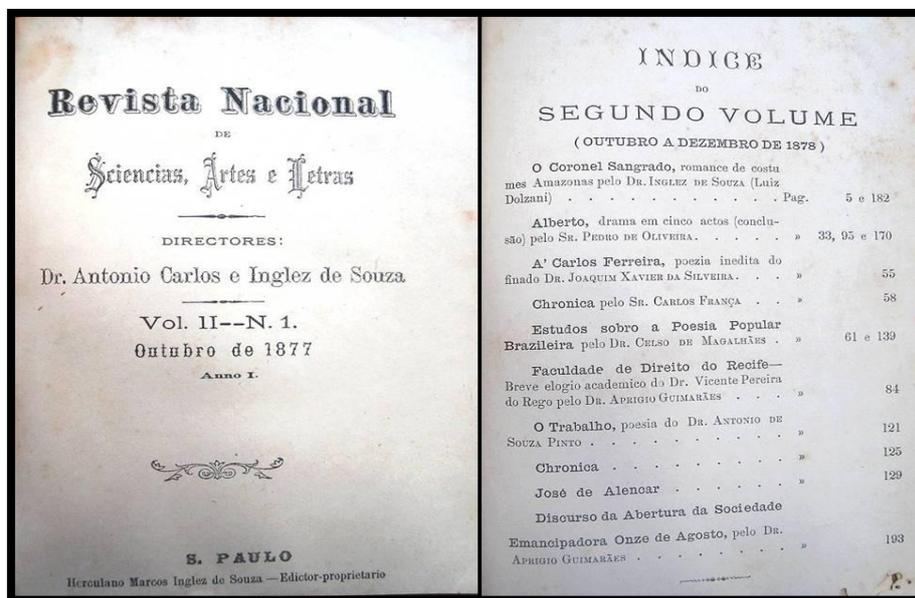
Em 1877, em Santos, publicou com Antônio Carlos Ribeiro de Andrade e Silva a Revista Nacional⁴ de Ciências, Artes e Letras, cujo segundo volume (conforme figura 1), publicado em outubro de 1878, trazia como primeiro título “O Coronel Sangrado-romance de costumes do Amazonas, com uma primeira edição em 1877 pelo Dr. Inglês

³ Vicente Salles explica que “Os Sousa se encontraram com os Dolzani pelo casamento de Silvestre José de Sousa com Carlota Dolzani, avós do romancista. Carlota era filha de Pedro e Maria Dolzani, oriundos do norte da Itália, estabelecidos em Óbidos no final do século XVIII. Quando Inglês de Sousa adotou o pseudônimo Luiz Dolzani, com que assinou toda a sua obra de ficção, evocou certamente essa ascendência italiana” (HUP, 1990, p. 9).

⁴ A Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras surgiu em julho de 1877. Seu editor-proprietário, bacharel Herculano Marcos Inglês de Souza, distinguia-se no ambiente cultural de Santos como também no de São Paulo. Ele e Antônio Carlos de Andrade eram diretores da revista, que se editava trimestralmente e apresentava trabalhos científicos e literários assinados por cidadãos que, se eles, refugiam-se nos círculos da Ciência, Arte e Literatura do País. Disponível em: História da Imprensa de Santos de Olavo Rodrigues. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0318z01.htm>>, acesso em: 21 de novembro de 2012.

de Souza (Luiz Dolzani)”, romance que só viria a ter sua primeira reedição em 1968, por iniciativa da Universidade Federal do Pará.

Figura 1: Capa e índice do segundo volume da Revista Nacional, publicada em 1878



Inglês de Sousa incursionou pela política e foi presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo. Posteriormente, fixou-se no Rio de Janeiro, onde atuou como advogado, banqueiro, jornalista e professor de Direito Comercial e Marítimo na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1908, foi nomeado presidente do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Vivenciou a transição do século XIX para o XX e centrou sua obra literária nos povoados de Óbidos, Faro e Silves, região do Baixo Amazonas. A bacia do Amazonas inunda a vida daqueles que moram nesta região, compõe a forma de relação dos habitantes com o tempo, o trabalho e outras circunstâncias da vida. Neste contexto, a economia local era marcada por monoculturas, entre elas a do cacau e a da mandioca e pela aquicultura da pesca.

Neste território, grupos indígenas, negros, migrantes judeus, sírio-libaneses, tapuios, entre outros, conformam o ambiente social da época, marcado por uma singular insurreição popular: a Cabanagem⁵. Há a presença marcante dos pequenos donos de

⁵ Magda Ricci, professora do programa de pós-graduação em História da Ufpa, em artigo publicado em dezembro de 2006 assim se refere ao movimento ocorrido em 1835: “A revolução social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou

terras, capitães, tenentes e coronéis, que representavam o poder político, econômico e militar. Márcio Souza (2009, p.190) explica que no alvorecer do século XIX, “meio século de programas econômicos voltados para a agroindústria e a manufatura tinha criado uma poderosa classe de proprietários e comerciantes, que constituíam uma burguesia mercantil”. Mas a realidade da capital da província não era igual a dos povoados mais distantes, onde as informações e o progresso tão cantado nas capitais ali chegavam de forma fragmentada e desigual.

A compreensão em torno da necessidade de se pensar esta problemática fez-nos selecionar a trilogia⁶ *Cenas da Vida do Amazonas – O Cacauleta (C)*, *O Coronel Sangrado (CS)* e *História de um Pescador (HUP)* como objeto da análise e interpretação literárias, a fim de tratarmos dos aspectos da cultura e da identidade com base no campo interdisciplinar dos Estudos Culturais, que servirá como baliza analítica para entendermos aquelas categorias. Buscaremos revelar os registros históricos, interpretar as ocorrências nos romances e analisar as identidades que se movem neste território das águas.

Observa-se na narrativa de Inglês de Sousa, assim como nos primeiros registros dos colonizadores e viajantes nessa região, uma representação comumente preconceituosa quando se referem às populações que inicialmente compunham vilas e povoados à margem do rio Amazonas. Para Edineia Dias (2007, p. 30), o “conhecimento produzido sobre a Amazônia quase sempre vinha acompanhado de uma visão oriunda de um mundo exterior, sem a compreensão das condições concretas do homem da região: das suas diferenças e especificidades”.

Pensando assim, como ler a literatura produzida por Inglês de Sousa? Para Reis (1981), há na leitura de um texto certa “lógica narrativa”, condicionada por regras dos gêneros literários, sistemas ideológicos e temáticos vigentes na época e referências culturais diversas. Deste modo, o ato de leitura de uma obra literária não é apenas uma

a crescer significativamente em 1860. Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos eram os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideias e de pessoas” (RICCI, 2006, p. 6).

⁶As três primeiras obras assinadas sob o pseudônimo de Luiz Dolzani. No prefácio de *História de um pescador*, Inglês de Sousa diz que, apesar de “História de um pescador formar um ação distinta liga-se a dos outros romances da série”. Daí a referência dada como subtítulo pelo autor de “Cenas da vida do Amazonas”.

desleitura no sentido de decodificação do texto. É mais que isso, ler um romance é “de certo modo reorganizar o tempo da história, a orquestração dos pontos de vista, o processo de narração, etc.”(REIS,1981, p.22).

Além destes elementos, importantes para a interpretação do texto literário, no caso da leitura da literatura produzida na Amazônia, Paes Loureiro (2000, p.69) pondera que se deve analisar aspectos da cultura amazônica, ou seja, “[...] encontrar o dominante que a mobiliza, deparar-se com um verdadeiro universo povoado de seres, signos, fatos, atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação”. O que pressupõe descobrir a diversidade cultural e as relações estabelecidas neste território das águas. Pois,

Trata-se de um **mundo de pescadores, indígenas, extratores consumidos em longas e pacientes jornadas de trabalho**; de uma geografia de léguas de solidão e dispersão entre as casas e as pequenas cidades; de um viver contemplativo em que predominam a linguagem e a expressão devaneantes, como se seus habitantes caminhassem entre o eterno e o cotidiano (2000, p. 69, grifo nosso).

A perspectiva de abertura da cultura para múltiplas possibilidades de análise e interpretação e as identidades citadas por Loureiro neste excerto são de certa forma a mola motivadora desta incursão teórica. E, ainda, a forma de compreender “a literaturamais como fato histórico do que como fato estético”, pois está ligada “a aspectos fundamentais da organização social, da mentalidade e da cultura brasileira” (CANDIDO, 1989, p.163), nos levou a pensar como a literatura de Inglês de Sousa traduz aspectos da organização social da sociedade amazônica oitocentista, ou seja, do período que se estende de 1800 a 1899.

A problemática social e política é a tônica do enredo das narrativas. Salta imediatamente do texto literário, seja na trilogia, seja nas outras duas últimas obras ficcionais do autor, a forma como representa literariamente o encontro entre identidades étnicas e culturais que naquele momento se movem neste território.

Frente a estas considerações iniciais, a proposta desta dissertação é discutir as identidades que emergem da trilogia “Cenas da vida do Amazonas”, com base na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, que se preocupam em conectar cultura, identidade, poder e território, privilegiando as concepções de Identidade, heterogeneidade e hibridismo, resvalando na análise das relações de poder.

No rumo desta navegação teórica, buscar-se-á construir um diálogo entre a obra literária e os documentos históricos, sociológicos e antropológicos produzidos sobre a região de Óbidos e adjacências, espaço do acontecer dos seres humanos, e,

ainda, interpretar a ficção, por meio da (re)construção do enredo, especificação do espaço e criação dos personagens e narradores, com a perspectiva de refletir principalmente sobre a rota traçada pelo autor: "Cenas da vida do Amazonas" o que remete às imagens de acontecimentos humanos às margens do grande rio e constroem ideias de cultura e identidade, os dois conceitos basilares na tessitura da dissertação.

A partir dos Estudos Culturais entendemos Cultura como prática social concreta, um campo de luta em torno da significação social. Identidade, por sua vez, é vista a partir da discussão "identidade" e "subjetividade", que segundo Kathryn Woodward são conceitos utilizados de forma intercambiável:

[...] há uma considerável sobreposição entre os dois. Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre "quem nós somos". A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos (2000, p.55).

A autora expõe questões importantes em torno da identidade e da subjetividade, de certo modo reveladas nas personagens do texto literário. Com base nesta perspectiva, a dissertação evidenciará como são representadas na obra essas identidades e suas relações. Além do referencial teórico indicado, outros autores e textos da história e da crítica literária sobre a Amazônia constituíram a base da argumentação. Neste sentido, procuramos indagar a obra literária sobre sua interrelação com os discursos tecidos sobre a História da região, discursos que evidenciam, entre outros processos sociais, o de semiescravidão.

Entre estes autores estão José Veríssimo (1857-1916)-jornalista, professor, educador, crítico literário e historiador da literatura brasileira, autor de várias obras que remetem à cultura e à história amazônicas, e de um inclusive de um título Educação nacional (1890), que trata da educação no país. Nascido, como Inglês de Sousa, em Óbidos, à época vila paraense situada no médio Amazonas, em 1857, Veríssimo é autor de cerca de 10 livros com quase 150 ensaios, incursionou também pela ficção escrevendo quatro contos e seis esboços em uma coletânea intitulada *Cenas da vida Amazônica*.

E ainda, Domingos Soares Ferreira Penna, mineiro, nascido em 1818, radicado em Belém e fundador do Museu Paraense Emílio Goeldi, chamado por José Veríssimode “o mais profundo sabedor da geografia da Amazônia”(1894)⁷. No prefácio do maior tomo de sua obra, onde documenta informações sobre a região Ocidental da Província do Pará, especialmente das comarcas de Santarém e Óbidos, é assim apresentado por Osvaldo Rodrigues da Cunha:

Foi Ferreira Penna homem de grande cultura, apesar de seu autodidatismo. Seu gosto excepcional pela história e ciência, demonstrando invulgar inteligência, tornou-o acima de tudo um pesquisador nato, modesto e probo. Ferreira Penna não foi um simples estudioso da história e da natureza amazônica, como rotineiramente se encontra em publicações vulgares. Em ser um estudioso, ele tornou-se um autêntico cientista, um pesquisador, um perquiridor das coisas que dizem respeito ao homem pré-histórico americano, dos acontecimentos históricos e de tudo o que respeita à natureza amazônica, desde a geografia e história natural (1973, Vol. 1, EX.2, p.13).

Deste modo, o propósito final do estudo é, por meio do diálogo com as obras de Inglês de Sousa, fazer uma abertura para o presente, tornar possível uma ponte entre a literatura produzida por este escritor, que viveu na segunda metade do século XIX, e a realidade histórica vivenciada hoje na Amazônia e, assim, fornecer ao leitor contemporâneo informações que possibilitem uma reflexão e compreensão sobre a formação das sociedades na Amazônia.

Não se trata de atualizar a obra literária, uma vez que ela foi escrita em um contexto histórico e social bem distinto, e sob influência das ideias e perspectivas societárias então vigentes sob a ótica do pensamento positivista. Mas, sim, de trazer à luz diferentes formas de interpretar a obra desse escritor com o objetivo de revelar as relações sociais e os aspectos da cultura dessa região – território das águas, palco e cenário do acontecer do ser humano e de suas relações. E, ainda, ressaltar a visão sobre a formação da sociedade amazônica, que aparece no texto literário, quando Inglês de Sousa possibilita ver o confronto entre os personagens: de um lado ricos proprietários de terra e gado, e de outro, os tapuios submersos numa eterna relação de endividamento e de *favor* para com o branco.

Portanto, dada a importância de recolocar a literatura produzida por este escritor no território cultural, físico e social da Amazônia brasileira, e reconhecendo a importância desse encontro na formação de gerações completamente apartadas das

⁷ VERÍSSIMO, José. Boletim do Museu paraense, 1894.

referências de sua terra, considera-se relevante incursionar pela análise e pela interpretação de textos literários nos quais os enredos revelam relações de gênero, étnicas e culturais da Amazônia oitocentista, cuja compreensão é imprescindível para a formação de nossa identidade.

Nesta introdução, buscamos traçar os rumos da navegação. A partida é o porto de Óbidos, porto de nascimento do escritor. A rota: as relações entre cultura e identidade. A chegada: algumas assertivas, a dúvida e uma nova viagem. O conhecimento da obra literária vai sendo agregado de valores a partir das diferentes interpretações. Aí reside a sua riqueza histórica e cultural.

Neste início de navegação, algumas questões inquietam e se constituem enquanto bússola para a viagem: como ocorre a ficcionalização da Amazônia? (representação do real na literatura); há, como no Romantismo, um herói inglesiano, ou o que se descobre nos romances é o confronto de personagens, construídos com pouca complexidade do ponto de vista psicológico, mas com uma densidade social, em vista das relações estabelecidas com outros sujeitos e suas identidades?

Podemos trataras obras como romances sociais? Em que aspectos? Podemos afirmar que Inglês de Sousa tem uma consciência dividida entre as visões do colonizador sobre os nativos viventes nesta região, como aquele que não progride, e a do colonizado que reage à dominação branca? Qual a voz que prepondera na literatura de Sousa, a do colonizador ou a do colonizado?

Por “Paraná-mirins”⁸ vamos em busca não de responder, como verdade absoluta, às questões colocadas, mas de iluminar um pouco mais a obra do autor obidense. Assim, o primeiro capítulo fará uma revisão da literatura sobre a origem do que se convencionou chamar de Estudos Culturais como esta discussão se dá na América Latina e no Brasil, e, ainda, um breve olhar sobre a relação dos estudos culturais com a análise literária e com a discussão sobre a categoria identidade, central na interpretação proposta.

⁸ Muito citadoem toda obra de Inglês de Sousa, os Paranás-Mirins são assim descritos: “O Amazonas, bem que seja um rio quase horizontal, adquire com o enorme volume de águas acumuladas em seu leito, tanta celebridade que obriga todos os afluentes a se inclinarem na direção que ele toma, nem mesmo os recebe sem lhes enviar primeiro um contingente seu, um braço, espécie de emissários que lhes vão anunciar a sua aproximação. São os paraná-mirins (pequenos rios ou melhor, filhos do grande rio) (FERREIRA PENNA, 1973, p.231). Este vocábulo é de origem tupi-guarani, por isso, de acordo com o novo guia ortográfico brasileiro, se grafa separado por hífen. Neste trabalho só será usado sem o hífen quando for citação direta do conto e/ou romances de Inglês de Sousa.

No segundo, há um panorama socioeconômico do contexto amazônico de produção da obra literária e algumas referências teóricas sobre as transformações ocorridas no berço do pensamento burguês. A Amazônia enquanto vivenciando uma situação de pós-colonização, onde se ressaltam os aspectos sociais e econômicos do período, as lavouras de cacau, a criação de gado, a pesca artesanal. Fazemos algumas incursões sobre o pensamento literário de Inglês de Sousa.

O terceiro capítulo traz uma análise da estética da obra literária. Apresentamos os enredos dos três romances e fazemos uma breve análise da construção dos narradores e dos personagens dos romances, além das formas de sociabilidade presentes na Amazônia do século XIX, representada nos romances.

E, finalmente, no quarto capítulo é realizada uma discussão sobre as categorias cultura e identidade a partir dos Estudos Culturais e a análise na obra, com base nestes conceitos, mostrando-se alguns elementos peculiares à obra de Inglês de Sousa, comentando-se os excertos mais representativos das questões colocadas e, ainda, alguns comentários da crítica literária sobre eles. Metodologicamente, optamos por ir trazendo das obras analisadas as passagens que demonstram e exemplificam a análise, que é feita de forma imbricada, teoria/texto literário.

Finalmente, este trabalho é movido pelo desejo de buscar as questões vinculadas a essa identidade amazônica, colocada à sombra por uma cultura eurocêntrica, ou seja, desvelar o *ethos* presente na obra de um autor pouco conhecido pelos seus conterrâneos e que precisa vir à luz. A discussão teórica vai sendo tecida permeada pela narrativa romanesca.

A possibilidade de se fazer uma leitura de romances escritos no século XIX à luz de uma teoria produzida já no início do século XX é a compreensão de que os estudos de Cultura se preocupam com questões que permeiam a história, a sociologia, a antropologia. Neste cabedal, conceitos como identidade, cultura e etnicidade afloram de forma crítica e constituem importantes chaves de leitura para a literatura produzida no período.

Na busca de compreender a Amazônia do século XIX, alguns autores que escrevem sobre a formação social da região. Serão citados com frequência: José Veríssimo (1970), Ferreira Penna (1973), Samuel Benchimol (2009), Márcio Souza (2009). A discussão teórica sobre cultura e identidade foi realizada com base na contribuição de Stuart Hall; Hommi Bhaba; Pierre Bourdieu; Arnold Hauser, Ana

Escosteguy, Silviano Santiago, Ángel Rama, Paulo Paim, Antonio Candido e Roberto Schwarz.

Para subsidiar a análise estética da obra, serão citados Mikhail Bakhtin, Roland Barthes, Carlos Reis. Alguns autores que se preocuparam com a recepção da obra de Inglês de Sousa e com a crítica literária: Lúcia Miguel-Pereira, José Veríssimo, Wilson Martins, Nelson Werneck Sodré, e ainda uma vasta resenha de articulistas e professores que escreveram e/ou analisaram a obra inglesiana.

Finalmente, esta dissertação, inserida na linha de pesquisa Literatura, Cultura e História do Programa de Pós-graduação em Letras, constitui-se como possível interpretação da obra do autor paraense, buscando agregar valor a essa obra literária que durante algum tempo ficou adormecida nas prateleiras da História.

CAPÍTULO I

2 OS ESTUDOS CULTURAIS E A ANÁLISE LITERÁRIA

1.3 UM MERGULHO NA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Quando os Estudos Culturais se constituíram enquanto campo de conhecimento ou de estudo? Qual a possibilidade de se fazer uma análise literária à luz de alguns conceitos dos Estudos Culturais? Para responder a estas e outras questões que eventualmente apareçam no decorrer da escritura do texto, faremos uma breve incursão sobre a origem histórica dessa perspectiva teórica.

As fontes lidas sobre o assunto dão conta de que os Estudos Culturais surgiram de,

Forma organizada, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao *English Department* da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS (ESCOSTEGUY, 2001, p.152)

Juntamente com Hoggart⁹, mais três autores têm papel importante nas formulações teóricas acerca desse campo de conhecimento. São eles: Raymond Williams, com a obra *Culture and Society* (1958), quando propõe um olhar diferenciado sobre a história literária, mostrando que a cultura é uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social, E. P. Thompson, com *The Making of the English Working-class* (1963) e Stuart Hall, , que incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade.

Citado como principal teórico dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2009) se aproxima da teoria de Gramsci¹⁰ e cria a imagem do “deslocamento” para relacionar cultura com as estruturas sociais de poder, categoria que recebe a atenção

⁹Considerado o fundador do CCCS, Hoggart em seu livro *As utilizações da cultura*, estabeleceu um marco na constituição dos EC. Neste livro o autor tem como referência o debate cultural pautado na sociedade de massa bem como no trabalho intelectual de Leavis. Em “*As utilizações da cultura* propôs-se a ler a cultura da classe trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões estruturais: como se fossem certos tipos de ‘textos’” (HALL, 2009, p.124).

¹⁰ Citado por Escosteguy como “talvez o primeiro importante teórico marxista e líder comunista a considerar as culturas das classes populares como objeto de estudo sério e de prática política” (2010, p.55).

dos teóricos dos EC e que estão na base do pensamento desses autores. Hall sustenta que as relações hegemônicas de poder fazem com que a pressão provoque “deslocamento” e não “transformação”. O autor utiliza o exemplo da diáspora dos negros africanos escravizados para explicar que o encontro de culturas diferentes provocou processos de hibridização, sincretização e criouliização que desestabilizam e deslocam as entidades originais (2009, p.88).

Para Hall (2009, p. 188), os “Estudos Culturais são uma formação discursiva¹¹ no sentido foucaultiano do termo”. Importante é que essa perspectiva concebe as formações discursivas não em termos de ideologia, mas em termos da relação entre saberes e poderes. Assim, enquanto formação discursiva os estudos culturais comportam diferentes posições, enunciados, críticas, conceitos, temas. O autor argumenta, ainda, que os estudos culturais britânicos começam a desenvolver-se “por meio de uma crítica acerto reducionismo e economicismo”, questões intrínsecas ao marxismo. E mais, a contestação do modelo de base e superestrutura¹², “através do qual tentaram pensar o relacionamento entre sociedade, economia e cultura” (HALL, 2009, p.191).

Sobre este tema, Luciano Lima (2010) aponta dois momentos dos Estudos Culturais, de aproximação e distanciamento dos conceitos de Marx:

Mas os Estudos Culturais, em seus aspectos teóricos, às vezes esbarram de volta nos conceitos de Marx e, outras vezes, em vozes do século XX, como os filósofos da Escola de Frankfurt. Deles os Estudos Culturais absorveram elementos da “teoria crítica”, principalmente de pensadores como Max Horkheimer e Theodor Adorno, os quais se preocupavam com relevantes aspectos da indústria cultural. Em um artigo intitulado “The cultural industry as massdeception”, Horkheimer e Adorno demonstram como a indústria cultural (o rádio e o cinema, por exemplo) atende à cultura e à ideologia dominantes, isto é, como os filmes de Hollywood estão subordinados à grande indústria de petróleo, aço e automóveis, ou seja, veiculam uma estética e um viver que fomentem o consumo de produtos dessa grande indústria. Esse agudo viés crítico da escola de Frankfurt associado a um dos conceitos fundamentais da teoria crítica,

¹¹ “Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (FOUCAULT, 1997, p 43).

¹² A teoria marxista sobre a sociedade diferencia duas estruturas: a base, que corresponde à estrutura econômica, e a superestrutura a que correspondem formas sociais de consciência. A superestrutura comporta a expressão jurídica, política, religiosa, artística, filosófica, cultural, enfim todas as instâncias responsáveis pela formação da consciência do indivíduo.

isto é, o uso de elementos da filosofia (como a linguagem filosófica) de modo acessível ao homem comum para promover a desalienação das massas, irá instrumentalizar os Estudos Culturais (LIMA, 2010, p.85).

Os estudos Culturais ora se aproximam, ora se distanciam do marxismo. Elaboram uma crítica ao determinismo econômico e retomam a discussão sobre superestrutura, e aí cabe dizer das categorias cultura, intelectual orgânico, poder, e, ainda, do deslocamento da questão da ideologia para a da hegemonia, ou seja, a partir da década de 1980, o CCCS, principal produtor da teorização sobre os Estudos de Cultura, passam a ver a cultura popular como um local de resistência e conflito, deixando de ser mero veículo ideológico, e a se preocupar com os grupos sociais e as suas ações. O projeto é de abstrair, descrever e reconstituir as formas como os seres humanos vivem, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente. Assim, dá-se uma atenção maior para a superestrutura e suas relações hegemônicas.

Para tanto, os teóricos retomam alguns conceitos gramscianos, inclusive o de bloco histórico, e fazem um movimento de tentativa de compreender e dar voz aos atores sociais colocados à margem da relação capital e trabalho. Richard Johnson trata de três premissas consideradas centrais para entender-se a influência de Karl Marx¹³ sobre os Estudos Culturais. São elas: a) “os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais”. Portanto, com a estruturação racial dessas relações; b) “cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias entre indivíduos e grupos sociais”. E, c) “a cultura não é um campo autônomo, nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais” (2010, p.12-13).

Observando estas premissas e preocupados com o processo de crítica e definição de um aporte teórico, os estudiosos dos Estudos Culturais argumentam que houve dois momentos importantes na composição de suas definições: as discussões e os movimentos em torno das questões do feminismo e de raça. Em relação ao feminismo, argumenta-se que este movimento estabeleceu uma ruptura e reorganizou de maneira bastante concreta esse campo de conhecimento, nos seguintes aspectos:

Primeiro, a proposição da questão pessoal como político nos estudos culturais. Segundo, a expansão radical da noção de poder, que até

¹³Karl Heinrich Marx nasceu em 05 de maio de 1818, em Trier, Reno, província da Prússia [Alemanha]. Morreu dia 14 março de 1883, em Londres. Foi revolucionário, sociólogo, historiador e economista, publicou com Friedrich Engels, o chamado *O Manifesto do Partido Comunista* (1848), documento mais célebre na história do movimento socialista. Autor do livro mais importante sobre a teorização do processo de formação da sociedade capitalista: *O Capital*.

então tinha sido fortemente desenvolvida dentro do arcabouço da noção do público, do domínio público, com o resultado de que o termo *poder*—tão central para a problemática anterior da hegemonia—não pôde ser utilizado da mesma maneira. Terceiro, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder. Quarto, a abertura de muitas questões que julgávamos ter abolidoem torno da área perigosa do subjetivo e do sujeito. Quinto, a reabertura da “fronteira fechada” entre a teoria social e a teoria do inconsciente- a psicanálise (HALL, 2009, p.196).

Pode-se inferir desse longo excerto, a apropriação da categoria poder por setores sociais antes à margem e que promovem o deslocamento do seu significado inicial para o campo das lutas sociais em torno de questões de gênero, sexualidade e raça. Em relação às questões raciais, Hall afirma que colocar na agenda dos estudos culturais “as questões críticas da raça, a política racial, a resistência ao racismo, as questões críticas da política cultural, consistiu numa ferrenha luta teórica” (2009, p.197).

Mesmo enfrentando fortes reações em torno de trazer as discussões relacionadas ao feminismo e à questão racial para o CCCS, Hall (2009) entende esses movimentos como provocativos de momentos teóricos importantes e, assim, busca refazer o caminho teórico do *Centro* e aponta um aspecto que se considera fundamental para esta dissertação, o de que, com estes movimentos, houve nos estudos culturais britânicos uma “virada linguística, a descoberta da discursividade, a textualidade” (2009, p.198).

Portanto, concebendo o texto literário como disseminador de um discurso, argumentamos que a análise literária pode utilizar como referência alguns pontos importantes do progresso teórico colocado contemporaneamente pelos Estudos Culturais, são eles:

[...] a importância crucial da linguagem e da metáfora linguística para qualquer estudo da cultura; a expansão da noção do texto e da textualidade quer como fonte do significado quer como aquilo que escapa e adia o significado; o reconhecimento da heterogeneidade e multiplicidade dos significados e, mais ainda, **o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade** (HALL, 2009, p.198, grifo nosso).

Estas perspectivas corroboram o texto literário enquanto um produto cultural que expressa em sua textualidade um conjunto de significados que podem representar o poder em determinado tempo histórico e espaço social. É essa perspectiva que baliza nossa análise: a representação como local de poder e o simbólico como fonte de identidade. A aproximação dos Estudos Culturais das questões de poder evidencia a

filiação de Hall ao método e às prioridades de Gramsci, entre elas, a de fazer um trabalho teórico que contribua para uma ideologia e cultura “populares”, em contraposição à cultura do bloco de poder. Trata-se não apenas de um posicionamento teórico, mas também político.

Neste sentido, observam-se nos Estudos Culturais posições políticas definidas. Discutindo o legado teórico dos EC britânicos, Hall (2009, p.13) retoma as ideias da guerra de posições da teoria gramsciana e cria uma metáfora interessante. Diz: “que fez jardinagem teórica com as ideias de Gramsci que podem ser desenterradas delicadamente do seu solo concreto e de sua especificidade histórica para serem transplantadas para um novo terreno, com muito cuidado e paciência”. Em outras palavras, o autor propõe um trabalho cuidadoso com a teoria, o que implica em não pensar de forma reducionista as relações entre o social e o simbólico. Para ele, o discurso teórico seria uma prática cultural crítica, que teria um potencial de intervenção.

Vista desse modo, a teoria seria um campo para solucionar problemas políticos estratégicos. Portanto, entendida como processo inacabado de indagação e descoberta, serviria também à produção de soluções dos problemas sociais. Trazendo essa percepção para a discussão sobre a literatura, argumenta-se que, enquanto discurso simbólico, o texto literário serviria à interpretação de um momento histórico e societário em um local definido. Esta compreensão nos levou a investigar as identidades na Amazônia a partir da interpretação do texto literário produzido no chão do século XIX.

Há pontos polêmicos entre os chamados fundadores dessa perspectiva teórica, mas existe também uma gama de questões compartilhadas que abrangem principalmente as relações entre cultura, história e sociedade. Refletindo sobre o que aproxima os autores fundadores dos Estudos Culturais, Storey afirma:

O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, ao invés de seu consumo passivo (1997, p.46 *apud* ESCOSTEGUY, 2001, p.155).

Importa ressaltar o aspecto de que os Estudos Culturais privilegiam a análise da cultura de uma sociedade, por meio das suas práticas textuais, documentadas. Neste sentido, concebe o texto literário como produto ativo de uma cultura. A criação literária é a prática concreta, por meio da qual o escritor, o crítico, o romancista ou o contista

representa, numa forma textual ficcional, aspectos da realidade. A articulação que os Estudos Culturais teorizam, entre cultura, significação, identidade, poder e território, constitui o argumento central para pensar a análise de uma obra literária.

Em conferência proferida por George Yúdice¹⁴ sobre os “Debates atuais em torno dos Estudos Culturais nos Estados Unidos”, este autor ressalta a emergência desse tipo de estudo no final da década de 1970 e o olhar autorreflexivo que distinguia essa nova área de conhecimento da crítica cultural anterior.

Fredric Jameson (1994, p.11) observa que os Estudos Culturais devem ser abordados política e socialmente como projeto para se constituir um bloco histórico. Nesta perspectiva, política é entendida enquanto acadêmica, portanto, enquanto conhecimento produzido nas universidades. Este autor argumenta que a postura político-cultural dadireita e a apropriação de um discurso de valorização da cultura de grupos ditos minoritários na sociedade acabaram criando a necessidade de se pensar os estudos de cultura como além de meramente uma política acadêmica. Deste modo, amplia a discussão na direção de uma “correção política”, o que segundo Jameson é identificada como política cultural dos “novos movimentos sociais”, entre eles os de antirracismo, anti-homofobismo, entre outros.

Jameson (1994, p.13) defende, ainda, que definir os Estudos Culturais “significa retirar deles aquilo que não são, remover o barro estranho à escultura emergente, estabelecer uma fronteira por instinto e sentimento visceral”. Pondera que uma das formas sob as quais os estudos de cultura procuram definir-se é por suas relações com as disciplinas estabelecidas, entre elas a história e a antropologia.

Cabe assim pensar a cultura segundo a perspectiva que rompe com o domínio das ideias e dá ao termo uma conotação deliberadamente antropológica, ou seja, enfatiza o aspecto de “cultura” que se refere às *práticas* sociais. Hall cita Raymond Williams, e diz que este autor:

[...] relacionou esse aspecto do conceito ao uso mais documental do termo — isto é, descritivo ou mesmo etnográfico. O ponto importante nessa discussão se apoia nas relações ativas e indissolúveis entre elementos e práticas sociais normalmente isoladas. É *nesse* contexto que a “teoria da cultura” é definida como “o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global”. A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares [*folkways*]” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e

¹⁴Citado em artigo publicado na *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.04, 1998.

constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas (HALL, 2009,p.127-128).

O entendimento da cultura enquanto prática social, já exposto neste capítulo e, ainda, enquanto campo de disputa de poder é o que interessa a esta análise. Richard Johnson aponta que a cultura constitui-se uma categoria que, no campo dos Estudos Culturais, é fonte de divisões teóricas e metodológicas. Há os que defendem que as “culturas devem ser estudadas como um todo e, *in situ*, localizadas, em seu contexto material” (JOHNSON, 2010, p.41). Williams & Thompson “ênfatizam a importância das descrições complexas, concretas, que sejam capazes de apreender, particularmente, a unidade ou a homologia das formas culturais e da vida material” (*apud* JOHNSON, 2010, p.42).

Há uma crítica explícita dos Estudos Culturais às definições de “cultura” como “alta cultura” ou como “cultura dos especialistas”, ainda resquício das primeiras formulações marxistas. O termo absorve a partir daí a dimensão dada por Gramsci: compõe a chamada “superestrutura”. Portanto os Estudos Culturais deslocam o termo de sua posição mais elitista, os organizadores e produtores culturais deixam de ser apenas grupos de “intelectuais” e passam a ser estratos sociais inteiros ligados às escolas, faculdades, lei, imprensa, burocracia estatal e partidos políticos (JOHNSON, 2010).

2.2 OS ESTUDOS CULTURAIS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

Na América Latina, os Estudos Culturais apresentam uma narrativa próxima da inglesa à medida que autores como Canclini, Candido e Schwarz se preocupam conectar as concepções de cultura, identidade e poder com os processos de descolonização vivenciados pela maioria dos países que compõem o bloco latino-americano.

Ângela Prysthon (2000) cita ainda nomes como os de Silvano Santiago, Heloísa Buarque de Holanda e Renato Ortiz como responsáveis por uma tradição da teoria brasileira sobre este campo de conhecimento. Cada um, com suas reflexões, contribuiu para a formação de um pensamento brasileiro e para colocar as discussões em torno dos fenômenos culturais no centro do debate.

Silvano Santiago demarca o período de 1979 a 1981 como momento-chave de emergência dos estudos culturais no Brasil, quando são retomados os debates das relações entre arte, vida e política. Cita textos emblemáticos deste novo momento, tais

como “[...] *Patrulhas Ideológicas* (1980) de Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder; o livro *Retrato de época*, de 1981, um estudo sobre a poesia marginal da década de 70 do mesmo Carlos Alberto, entre outros” (1998, *apud* MIRANDA, 1991, p.15). Segundo o autor, essas obras contribuíram à sua maneira para a democratização das instâncias de produção e recepção da arte e da literatura no Brasil.

Roberto Schwarz, na obra *Ao vencedor as batatas* (1977), cuja premissa de “as idéias fora do lugar” constituem um fundamental olhar sobre o liberalismo e as relações de trabalho no Brasil do século XIX, faz uma importante reflexão sobre a sociedade brasileira, no que diz respeito aos seus rumos sociais e políticos. Analisa que o Brasil agrário, dividido em latifúndios, dependia ainda depois da independência, do trabalho escravo, situação incompatível com a racionalização produtiva do nascido capitalismo.

Neste contexto, para Schwarz, “a escravidão não era o nexos efetivo da vida ideológica” (1977, p.16). Ou seja, não era a escravidão, apenas, que explicava a sociedade em formação após a independência e, ainda, segundo o autor, a colonização produziu três classes de população. Observem que o autor não utiliza o conceito de classes sociais caro à sociologia, por analisar um momento da sociedade brasileira em que essas fronteiras sociais ainda estavam em formação.

No entanto, o que interessa a esta dissertação é como Schwarz reflete sobre estas três classes porque aparecem ficcionalizadas nos romances de Inglês de Sousa, objeto dessa análise. Assim, afirma o crítico: “[...] a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’” (1977, p.16). Uma composição social ainda embrionária, equivalente a um momento de incipiente desenvolvimento econômico, principalmente em algumas regiões do Brasil, caso da Amazônia, onde os grupos sociais se organizam em torno da concentração de terra e da luta pela mesma.

Essas duas situações estão em *O Cacauleta* (1876) na contenda do personagem Miguel com o tenente Ribeiro pela posse de um pedaço de terra e ainda nas relações estabelecidas entre os personagens. Mando, subserviência e enfrentamento são ações que aparecem nos três romances.

Outro importante crítico da literatura brasileira, Antonio Candido, no ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* (1989) analisa as diferentes perspectivas da relação entre o desenvolvimento do país e a sua produção literária de acordo com a perspectiva vigente. Candido argumenta que segundo Mário Vieira de Mello, “até mais ou menos o decênio de 1930, predominava entre nós a noção de ‘país novo’” (1989, p.140). Essa

perspectiva marca a produção literária com as insígnias do exotismo, de grande país e da esperança no futuro.

Nesta perspectiva, a literatura “se fez linguagem da celebração e do terno apego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma” (1989, p.141). É o momento de afirmação nacional, e os textos literários trazem as marcas textuais de uma supervalorização da pátria associada à beleza e grandiosidade da natureza.

Assim, tínhamos um país cantado em “verso e prosa”, aprisionado na ideologia de país do futuro. A negação desta perspectiva veio, segundo Candido, após os anos de 1950, momento que o autor chama de consciência do subdesenvolvimento, o que colocou escritores e pensadores da sociedade brasileira diante de novos problemas. A conjuntura socioeconômica “evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante” (1989, p.142). As mudanças nas penas literárias são marcantes, abandonando as amenidades e inculcando no romance o que Candido chama de “força desmitificadora”, no sentido de começar a mostrar as raízes do atraso no desenvolvimento econômico.

Persistindo em sua análise, Candido faz uma associação entre as perspectivas vigentes acerca do desenvolvimento do país e a literatura, chama de consciência amena do atraso à fase da ideologia do país novo e de consciência catastrófica do atraso a do pós-guerra. Em cada uma destas fases a literatura terá um aspecto a ser ressaltado.

Utilizando como quadro referencial esta associação de Candido, a obra do escritor paraense Inglês de Sousa, objeto desta dissertação, estaria correspondendo à fase da consciência amena do atraso, em que a literatura retrata a esperança em torno da construção de um país forte, rico, mas ressaltamos que este autor rompe com esta perspectiva quando em alguns momentos dos romances traz para a narrativa certo tom de denúncia das condições sociais e econômicas que grassavam nos povoados às margens do Amazonas.

Analisando esse vínculo entre etapa do desenvolvimento do país e a literatura produzida, Candido faz uma ressalva no que diz respeito ao Naturalismo no romance. O autor pondera que o que ocorre com a literatura produzida durante o naturalismo é “simples demora cultural” (1989, p.150). Para o autor, o fato de sermos um país com “problemas de ajustamento e luta com o meio, assim como problemas ligados à discussão racial, prolongou a preocupação naturalista com os fatores físicos e biológicos” (1989, p.150).

De fato, quando analisamos a obra literária de Inglês de Sousa vemos aí colocada esta discussão, com a ressalva de que mesmo criando personagens que estão sublimada certa concepção biologicista e determinista em relação à população que habitava a Amazônia neste período, o escritor vai além, e mostra também as formas de resistência e os confrontos que poderíamos chamar de étnicos.

Pode-se dizer, com base na perspectiva teórica dos estudos culturais, que Inglês de Sousa radicaliza sua escrita no sentido de revelar, na enunciação, as oposições das identidades após a independência e que se materializam nas formas distintas de como “encena os encontros” entre tapuios e brancos, tapuios e negros, enfim entre colonizadores e seus *outros*.

Importante salientar que, de acordo com Candido (1989, p.158), em ambas as etapas do desenvolvimento havia por parte dos escritores uma “espécie de seleção de áreas temáticas, uma atração por regiões remotas, nas quais se localizam os grupos marcados pelo subdesenvolvimento”. E continua: “É o caso da região amazônica, que atraiu romancistas e contistas brasileiros, como José Veríssimo e Inglês de Sousa”.

Após esse painel das questões que interessam aos Estudos Culturais, podemos afirmar a preocupação dos autores em entender o pensamento produzido na sociedade brasileira e na literatura a partir da teorização sobre o seu desenvolvimento, cultura, identidade, e, principalmente a sua história social e econômica.

Na Amazônia, a discussão em torno dos Estudos Culturais é relativamente nova. Uma importante iniciativa para socializar as reflexões e produzir trabalhos sobre as temáticas concernentes a este campo interdisciplinar foi a criação do grupo de estudos de cultura – GECA, na Universidade Federal do Pará.

1.3 OS ESTUDOS CULTURAIS E A ANÁLISE LITERÁRIA

Afinal qual a relação entre os EC e a análise literária? É possível pensar a literatura produzida na Amazônia do século XIX com base no aporte teórico dos EC? Entende-se que a possibilidade da análise de uma obra literária como *Cenas da Vida do Amazonas*, escrita na segunda metade do século XIX à luz dos conceitos estabelecidos pelos estudos de cultura, se inscreve em duas perspectivas.

Primeiro, no fato de que os estudos culturais rejeitam a identificação exclusiva da cultura com a chamada *alta cultura*. Neste sentido, não se restringem apenas ao cânone literário, mas abrem possibilidades para possíveis incursões às obras que

estejam distanciadas desta perspectiva. Interessa aos estudos culturais os textos e as narrativas que dão conta da cultura popular, no sentido já apontado, enquanto práticas sociais. Sobre o que é esse “popular”, Hallteceas seguintes considerações:

No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres. Este fato deve constituir o ponto de partida para qualquer estudo, tanto da base da cultura popular quanto de suas transformações (2009, p.231).

Neste aspecto, a produção literária de Inglês de Sousa, por algum tempo colocada à margem do cânone literário, torna-se objeto importante para se pensar sobre a sociedade cacauera amazônica do século XIX. De certo modo, os estudos culturais reabilitam essas escrituras marginalizadas e as páginas de cultura nelas impressas.

Segundo. O argumento de que “todas as formas de produção cultural tem de ser estudadas em relação com outras práticas culturais e com estruturas sociais e históricas” (RIBEIRO e RAMALHO, 1999, p. 69), amplia a reflexão sobre como o texto literário pode iluminar as relações sócio-históricas presentes em determinado momento e em um solo histórico definido.

Essa preocupação e o regresso às discussões acerca da sociedade e da história aproximam os estudos literários de uma análise mais realista e desloca de um olhar apenas sobre as classes dominantes para um olhar para “os outros- marginalizados pela política e pela cultura: a mulher, o negro, o homossexual, as minorias étnicas, as minorias em geral” (RIBEIRO e RAMALHO, 1999, p.69).

Os argumentos apontados com base nos estudos culturais promovem a possibilidade de analisar obras literárias, que trazem para o centro da narrativa o conflito de identidades, seus encontros e confrontos. Isso, porque entendem a cultura como situada num cenário social, econômico e político, e que a literatura, enquanto uma das expressões dessa cultura, de alguma forma a representa.

No caso da América Latina, discutem-se as possibilidades da análise literária de uma obra com base nos estudos culturais, trazendo para esta discussão as concepções em torno do processo de descolonização e pós-colonização vivenciados pelos países dessa região. Pode-se dizer que a colonização deve ser compreendida nos dias de hoje, não só em termos das relações verticais entre colonizadores e colonizados, mas também em termos de como essas e outras formas de relações de poder sempre foram deslocadas e

descentradas por outro conjunto de situações, entre as quais podemos citar a formação das elites locais e a representação sobre os povoadores.

Uma última questão que abordaremos é a análise de um texto com base nas orientações dos Estudos Culturais torna-se aporte para a constituição de um pensamento crítico sobre a literatura brasileira e, particularmente, aquela produzida sobre o território amazônico, em seus meandros históricos e sociais.

Esse argumento é enfatizado por Silviano Santiago (1989) que discorre sobre como “os estudos literários passam a fazer parte das ciências sociais à medida que fornecem subsídios para o melhor entendimento da história social” e ainda, visto que “representando mimeticamente a estrutura da sociedade, fornece uma compreensão da sua organização social um sentido para a direção do seu desenvolvimento” (SANTIAGO, 1989, p.216).

Esta perspectiva de certo modo vai ser fundamentada no Brasil pelo trabalho de Antonio Candido (1965), que discute que toda obra ganha uma nova dimensão através de seu ficcionista e que a

literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (CANDIDO, 2010, p.187).

Santiago (1989, p.216) continua argumentando por uma “articulação da estruturação formal da obra e do processo histórico da sociedade”, o que define a obra de arte como realista, inicialmente tomada como “proposta estética do século XIX em particular, portanto constituída a partir de um padrão etnocêntrico, dado o momento histórico em que se inscrevia a obra e a posição que naquele momento tinha no devir da sociedade ocidental”.

Cabe apontar que, nesta perspectiva, a obra literária produzida sobre e na Amazônia apresenta traços deste padrão etnocêntrico, ou seja, da afirmação de valores e ideário advindos do pensamento positivista de progresso que grassava nos países europeus, o que nos leva a pensar sobre certa dependência cultural. Sobre este tema, Candido afirma:

Levando a questão às últimas consequências, vê-se que no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio, que serviu às vezes violentamente para impor tais valores [...] Uma literatura, pois, que do ângulo político pode ser encarada como peça eficiente do processo colonizador (1989, p.164).

O autor analisa que a literatura teve um papel importante na imposição de uma cultura, de uma forma própria de ver e pensar o mundo. Basta ver quem eram “os cronistas, historiadores, oradores e poetas dos primeiros séculos, eram quase todos sacerdotes, juristas, funcionários, militares, senhores de terra –obviamente identificados aos valores sancionados da civilização metropolitana” (1989, p.166).

No entanto, é claro que há algo de particular, de genuíno na produção literária de Inglês de Sousa e que a diferencia dos outros textos ditos naturalistas produzidos neste período, o que se torna a base de nossa reflexão, porque não encontramos um autor que simplesmente repete padrões eurocêntricos e sublima em seus romances a crença na ciência, no racionalismo e no positivismo. Encontramos um literato que explora em seus romances situações sociais e políticas que coloca no centro dos conflitos as identidades sociais e étnicas.

1.4 OS ESTUDOS CULTURAIS E A DISCUSSÃO SOBRE IDENTIDADE

A discussão em torno da “identidade” tem sido preocupação de diferentes áreas do conhecimento. Assim, a psicanálise, a biologia, a filosofia, a linguística, a antropologia e a literatura têm imprimido a esta discussão diferentes análises, dependendo dos conceitos produzidos no âmbito da sua área disciplinar. Segundo Roberto C. Oliveira (2006, p.21-22), “a questão identitária em sua feição étnica foi elevada ao plano da elaboração teórica no final de 1960 e princípios da década seguinte, sendo que no Brasil, tal ocorreria em meados da mesma década com a obra *Identidade, etnia e estrutura social*”.

Para Kathryn Woodward, o conceito de identidade estaria relacionado a dez questões, dentre elas, enumeramos:

[...] 1) A identidade, é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades; 2) A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais [...]; 3) O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades (2000, p.17).

As três formas sob as quais a identidade pode ser pensada, como relacional, portanto que se constrói num processo de interação com outras identidades; construída com base nas condições sociais e materiais, na qual determinado sujeito está inserido; e finalmente a articulação entre o social e simbólico. Tudo isso nos leva a inferir que as identidades na Amazônia se conformaram numa configuração de confronto, assimilação e até perda de identidade.

Assim, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Neste sentido, “em vez de falar em identidade como algo acabado, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2003, p.38). Segundo Hall, o próprio processo de identificação tornou-se mais provisório e variável.

Neste sentido, a identidade como condicionada à articulação entre o social e o simbólico é vista pelos Estudos Culturais no “circuito da cultura”, e neste âmbito é fundamental a relação entre representação e identidade. Segundo Woodward (2000, p.17), a representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos”. Os sistemas simbólicos, entre eles a literatura, tornam possível pensar a identidade. Assim, a

Representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (2000, p.17).

Essa representação de identidades aparece de forma enfática no romance *História de um pescador*, e em alguns contos. Trata-se de uma identidade que é coletiva, é cultural, entendida pelos Estudos Culturais como aspectos de nossa identidade que surgem do “nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais” (HALL, 2003, p.8).

Nesta perspectiva, Hall problematiza identidade enquanto categoria complexa e a respeito da qual é impossível fazer afirmações conclusivas e situa a discussão como referente ao final do século XIX, quando as sociedades modernas estavam passando por profundas mudanças que atingiram a percepção que o sujeito tinha de si mesmo como ser integrado. As paisagens sociais que conformavam determinada identidade social e asseguravam uma adequação às necessidades objetivas da cultura (HALL, 2003, p.12) estavam sob mudanças estruturais, dadas as formas como as sociedades se reorganizavam no processo pós-colonial.

Em face dessas mudanças, Hall distingue três concepções de identidade: a) sujeito do iluminismo; b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno. Destas, a do,

Sujeito sociológico, entendida enquanto formada a partir da interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num

diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem (2003, p.11).

Parece ser a compreensão mais adequada a esta dissertação. Uma vez que por ocasião da colonização e da chegada de povos de além-mar, ocorreu na Amazônia um encontro de “identidades”, de mundos totalmente diferentes, de visões sobre a realidade totalmente opostas, afinal,

Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver, tão rico de aves, de peixes, de raízes, de frutos, de flores, de sementes, que podia dar as alegrias de caçar, de pescar, de plantar e colher a quanta gente aqui viesse ter. Na sua concepção sábia e singela, a vida era dádiva de deuses bons, que lhes doaram esplêndidos corpos, bons de andar, de correr, de nadar, de dançar, de lutar. [...] Os recém-chegados eram gente prática, experimentada, sofrida, ciente de suas culpas oriundas do pecado de Adão, predispostos à virtude, com clara noção dos horrores do pecado e da perdição eterna (RIBEIRO, 2006, p.38-39).

Observa Hall (2003, p.30) que após o século XVIII, com o desenvolvimento do capitalismo e do Estado Moderno, emergiu uma concepção mais social de sujeito em função de dois eventos que tiveram papel importante nesta concepção: a biologia darwiniana, que passa a explicar a razão com base na natureza e a mente com fundamento no desenvolvimento físico do cérebro; e o surgimento das novas ciências sociais.

Os Estudos Culturais propugnam uma concepção de identidades não permanentes, ou seja, que se movem em diferentes sentidos e são afetadas por relações de subserviência. Essas identidades moventes estão sendo deslocadas por processos de colonização e descolonização. Ou seja, elas são conformadas a partir da agregação/desagregação de recalcamientos oriundos das diferentes relações humanas/sociais/econômicas e políticas.

Para compreender identidade, na perspectiva da discussão dos estudos culturais é necessário entender quando foi o pós-colonial no Brasil e como se pode analisar esta categoria a partir de regiões remotas e periféricas como a amazônica. Retomamos o termo pós-colonial como o que se “refere ao processo geral de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas (de formas distintas, é claro)” (HALL, 2003, p. 108).

Para Hall, o pós-colonial se refere à colonização como algo mais do que um domínio direto de certas regiões do mundo pelas potências imperiais. Significa o

processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a “face mais evidente”, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia, e, depois, ocidental, após 1492 (HALL, 2003, p.112-113).

Assim, falar de um momento pós-colonial no Brasil e na Amazônia é, portanto, inventariar como o rompimento com a situação de colônia de um império influenciou na situação social, econômica e política da região, mobilizou atores sociais e um pensamento mais genuíno sobre e na Região. Compreendido desta maneira, interessa discutir as formas de encontro ou confronto entre colonizadores e colonizados, entendido como identidades em processo de movimento e que são alteradas em função da redefinição dos campos de poder e saber.

Inglês de Sousa escreve nesse momento de indefinição e desconstrução de um discurso sobre a região o que, de certo modo, acaba se evidenciando na forma como em alguns momentos sua literatura confronta essas identidades. Neste aspecto, o sujeito e a identidade são dois conceitos solapados em suas formas unitárias e essencialistas, e assumem novas posições discursivas (HALL, 2009, p.111). Essas posições discursivas são evidenciadas nas diferentes formas como os sujeitos sociais são representados na literatura.

CAPÍTULO II

2 AMAZÔNIA OITOCENTISTA: O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA E O PENSAMENTO LITERÁRIO DE INGLÊS DE SOUSA

A Amazônia, também chamada de Hiléia amazônica, localiza-se ao norte da América do Sul. Compreende toda a Bacia Amazônica composta pelos seguintes países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Peru, Guiana, Venezuela, Suriname, Equador e Guiana Francesa. Destes, o Brasil é o que comporta a maior porcentagem da bacia (68%). Portanto um vasto território de águas e florestas onde durante séculos viveram diferentes povos que se enfrentaram e se acomodaram até chegarem à atual composição.

É um território que representa 55% do Brasil, e que por isso constitui-se uma força estratégica do ponto de vista da sua economia, da riqueza mineral do seu solo e da fertilidade de suas terras. Estudos arqueológicos constataram que “a Amazônia compôs, na pré-história, um rico e diversificado cenário de sociedades humanas” (SOUZA, 2009, p.33). A arqueóloga americana Anna Roosevelt¹⁵ a partir de pesquisas realizadas no arquipélago do Marajó e na calha amazônica concluiu que a Amazônia teve um “passado formado por sociedades de grande complexidade econômica e sofisticação cultural” (SOUZA, 2009, p.33).

Segundo Souza, os

[...] primeiros habitantes da Amazônia formaram uma continuidade de alta sofisticação. Abrangeram desde os paleoindígenas até os pré-ceramistas arcaicos e ceramistas arcaicos avançados, estabelecendo uma vasta e variada rede de sociedades de subsistência, sustentadas por economias especializadas em pesca de larga escala e caça intensiva, além de agricultura de amplo espectro, cultivando plantas e também criando animais (2009, p.33).

No século XVI, quando os viajantes de além-mar, portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses aqui aportaram, encontraram uma variedade de etnias vivendo às cercanias do grande rio Amazonas. Eram sociedades organizadas segundo uma estrutura hierarquizada, com alta densidade demográfica. Sociedades com

¹⁵ Pesquisadora, professora da Universidade de *Illinois* e curadora do Museu *Field* de Chicago, encontrou indícios de uma cultura que teria evoluído em plena bacia amazônica no período paleolítico. De 1990 a 1992, Roosevelt fez oito viagens a um sítio arqueológico em Monte Alegre, município a 1.169 quilômetros de Belém, no Pará. Ela já havia estudado as cerâmicas do Museu Paraense Emílio Goeldi, na capital paraense, e estava convencida da passagem do homem pré-histórico por aquelas bandas. Com uma equipe de estrangeiros e brasileiros, chegou à caverna da Pedra Pintada. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/1996>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

mais de 10 mil anos de construção, em menos de 100 anos foram aniquiladas pelos invasores europeus, “condenadas ao isolamento, resistência ou subserviência” (SOUZA, 2009, p.38).

Os artefatos arqueológicos encontrados sinalizavam que os povos que viviam na Amazônia conformavam um padrão cultural identificado como “Cultura da Selva Tropical”. “Os últimos avanços da arqueologia na Amazônia vêm corroborar a tese de que a Cultura da Selva Tropical foi capaz não apenas de formar sociedades perfeitamente integradas às condições ambientais, como também de estabelecer sociedades complexas e politicamente surpreendentes” (SOUZA, 2009, p.39).

A história da colonização a partir do século XVI teve novo enredo. Grupos étnicos foram exterminados por europeus sedentos por estabelecer no chamado Novo Mundo uma civilização controlada pela ideologia cristã. Em nome da cruz foram cometidos crimes atrozes contra civilizações que ocupavam diferentes territórios do Brasil e da Amazônia. E foi essa história somada à escravização de africanos que marcou quase três séculos de colonização.

O cenário do final do século XVIII e início do XIX é de profundas transformações sociais, econômicas e políticas, não apenas nas nações colonizadoras, mas naquelas que diretamente sofreram as atrocidades do processo colonizador. Pode-se citar, entre essas transformações, o incremento industrial na Inglaterra, e a revolução nas ideias na França.

O racionalismo econômico, o avanço da industrialização, o progresso das ciências históricas e o cientificismo filosófico geral compõem o contexto do pensamento nas sociedades oitocentistas europeias. Nas artes, para Arnold Hauser(1998), trata-se do momento de apogeu de um racionalismo antirromântico. Inglaterra e França são os baluartes destas mudanças:

Na França o romantismo como movimento tinha sido superado em meados do século e as escaramuças com ele assumem um caráter mais ou menos privado. Na Inglaterra, a situação evolui de forma diferente: aí, o antagonismo entre as tendências racionalistas e irracionais não se limita, em absoluto, a uma luta interna, como em Flaubert, por exemplo, mas divide o país em dois campos de caráter bem heterogêneo (HAUSER, 1990,p.837).

Assim como em toda Europa Ocidental, na Inglaterra e na França, o desenvolvimento do positivismo corresponde aos princípios do racionalismo e do naturalismo e início de crises sociais, como bem aponta Hauser:

Os anos de 1832 a 1848 constituem um período de crises sociais extremamente agudas, repleto de desenfreados e sangrentos conflitos entre capital e trabalho. De certa forma o povo comum e a aristocracia são irmanados em torno de um inimigo comum: a classe média capitalista (1998, p.836).

Entre a intelectualidade brasileira, segundo argumenta o filósofo Lara, foi a versão política do positivismo que se impôs. O lema comtiano do “amor como princípio, a ordem como base, o progresso como fim” e a exaltação romântica da indústria são as ideias predominantes entre a elite brasileira da época (1988, p.157-158).

Esses princípios e valores aparecem com maior ou menor evidência na produção romanesca do período. Em Portugal, Eça de Queiroz, em suas obras, evidencia as classes médias. Segundo José Castello (1999), a repercussão do naturalismo no Brasil se deu por meio dos dois romances de Eça de Queirós: *O Crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, que, segundo a crítica literária do momento, trazia uma influência muito forte da literatura francesa de Émile Zola, no aspecto da minúcia do detalhe e da temática voltada para o comportamento social. Os ventos dessas ideias sopraram para as ex-colônias por meio da circulação das obras dos romancistas franceses, além do já citado Zola, Flaubert e Balzac influenciaram as Letras brasileiras.

Além disso, sobre a conjuntura política deste momento, Eric Hobsbawm (1981) argumenta que a dupla revolução, a Francesa e a Industrial, não representou apenas a história do triunfo da nova sociedade burguesa, mas principalmente a redefinição de novos campos de poder e oposições, novos processos econômicos e sociais. Neste sentido, o rebatimento dessas mudanças atingiu amplamente as antigas colônias europeias, entre estas, o Brasil.

Assim, o alvorecer do século XIX no Brasil e na região amazônica sofre os efeitos indiretos das grandes revoluções ocorridas nos séculos XVIII e XIX. Em decorrência, ocorrem mudanças no plano político, nas ideias acerca de liberdade e independência, que vão influenciar profundamente a perspectiva de uma nascente classe preocupada em dar novos rumos sociais e políticos para o Brasil.

São mudanças que marcam a passagem de um mundo essencialmente rural para o industrial; redefinições de conteúdo social, econômico e político. As ideias de progresso, modernização da maquinaria, novas relações de trabalho e formas de pensar a sociedade varrem os campos europeus. O tempo de produção passa a dominar a vida do ser humano. O capitalismo nascente exige produção em larga escala, e mais que isso, que todos se envolvam no intuito do progresso.

Neste contexto, iluminismo e liberalismo emergem como movimentos que propõem novas formas de compreensão da ciência e da política dando uma nova feição às sociedades. O século XIX inicia repleto de contradições e entre elas uma se impusera:

[...]a oposição entre a burguesia-classe emergente e vitoriosa a partir de 1848, que procurava capitalizar para si todas as vantagens da revolução e, as forças populares, imersas nas doutrinas socialistas e continuadoras do processo revolucionário (LARA, 1988, p.77).

Ainda no aspecto político, as novas ideias liberais motivaram os movimentos de independência nas colônias europeias. A ciência moderna lança as bases de uma nova relação no mundo do trabalho. Agora entre o operário e o produto final do seu trabalho, interpõe-se a máquina. Em contrapartida ao clima de país recém-independente, vive-se um momento em que esse ideário liberal se choca com a escravidão e seus defensores (SCHWARZ, 1977).

Seríamos, conforme escreveu Machado de Assis num panfleto liberal, “um fato moral, impolítico e abominável” (SCHWARZ, 1977, p.13). A questão colocada pela crítica era a do convívio de ideias científicas de progresso e desenvolvimento com relações humilhantes e indignas da escravidão negra e indígena. Portanto, vive-se no Brasil um momento em que forças políticas se organizam em torno de princípios mais liberais. Era inconcebível manter, por exemplo, a escravidão dos negros.

Sobre este contexto histórico, Lilia Schwarcz aponta alguns aspectos importantes. Segundo a autora, em 1870, após a “desastrosa” Guerra do Paraguai, alguns efeitos são notados no Brasil: “a elevação política e social do exército e o fortalecimento da campanha abolicionista”(1987, p.35). O cenário político era então composto “pela Guarda Nacional, formada por grandes latifundiários, comerciantes e políticos voltados para o controle da ordem e a manutenção do poder da aristocracia agrária” (1987, p.35). Neste sentido, a literatura produzida neste momento ganha o estatuto de um realismo social à medida que algumas obras trazem representadas estas contradições em seus enredos, personagens e narradores.

2.1 A AMAZÔNIA OITOCENTISTA DE INGLÊS DE SOUSA

De qual Amazônia fala a narrativa de Inglês de Sousa? Porque não é anacrônico falar deste autor do século XIX no século XXI? Inicialmente, porque seus romances suscitam questões que constituem o embrião da sociedade amazônica. Não apenas no aspecto de costumes e crenças dessas paragens, muitos ainda mantidos na

contemporaneidade em alguns vilarejos e cidades, mas principalmente porque suscita em seus romances questões de teor político e social. E, ainda, porque traz para a sua ficção elementos centrais para uma discussão atual sobre a identidade ou as identidades na Amazônia e as relações políticas presentes neste território.

O contexto histórico de produção da obra de Inglês de Sousa é de um país que vivia uma condição de pós-colônia. Hall diz que o pós-colonial é um conceito que se refere a um alto nível de abstração. O termo se refere ao processo geral de descolonização, que, tal como a colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e colonizadas:

De fato, uma das principais contribuições do termo pós-colonial tem sido dirigir nossa atenção para o fato de que a colonização nunca foi algo externo às sociedades das metrópoles imperiais. Sempre esteve profundamente inscrita nelas - da mesma forma como se tornam indelevelmente inscritas nas culturas dos colonizados (HALL, 2009, p.101-102).

Sem entrar na polêmica sobre o termo, entendido por alguns teóricos como Ella Shohat (*apud* HALL, 2009, p. 96), “como processo já acabado, passado, algo concluído, como se o colonialismo e seus efeitos tivessem realmente terminado”. O utilizaremos enquanto processo de descolonização que produziu nas ex-colônias mudanças de diversas ordens e que trouxe para o centro da teorização sobre cultura as identidades, os sujeitos e suas vozes.

Essas mudanças criaram, segundo Hommi Bhabha (1998), um *entre-lugar* (Silviano Santiago, 1989), concebido como um terceiro espaço, híbrido, que permitiu o aparecimento de outras posições, no caso, a constituição de novos sujeitos. Esse terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e gera novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas. É uma interpretação que se adéqua ao momento histórico vivenciado pela Amazônia, em que forças sociais e políticas estão se reorganizando e identidades se confrontando e se acomodando.

O processo de hibridação cultural origina algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação. E a região amazônica vive os entraves de um processo social e econômico pautado na exploração e no povoamento desordenado. Analisamos que essa categoria responde à forma de representação presente tanto na obra literária quanto na histórica sobre o papel social e cultural do tapuío e sua importância na formação da sociedade amazônica.

Assim, apesar de a voz preponderante na literatura de Inglês de Sousa ser a do colonizador. Uma segunda voz, mesmo que tímida e represada, e muitas vezes estereotipada, aparece na obra: a dos tapuios, personagens representados no texto literário como uma identidade coletiva. Têm-se, nesta região, neste momento, identidades moventes, deslocadas, conformadas a partir da agregação/desagregação de recalcamientos oriundos das diferentes relações humanas, sociais, econômicas e políticas. São identidades que se movem em um território também em mudança. Sobre essa composição social e organização administrativa das cidades e vilas no Brasil do século XIX, afirma Darcy Ribeiro:

As cidades e as vilas da rede colonial, correspondentes à civilização agrária, eram, essencialmente, centros de dominação colonial, criados, muitas vezes por ato expresso da Coroa para defesa da costa, como Salvador, Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Florianópolis e outras. Exerciam, como função principal, o comércio, através de importação e contrabando, e a prestação de serviços aos setores produtivos, na qualidade de agências reais de cobrança de impostos e taxas, de concessão de terras, de legitimação de transmissões de bens por herança ou por vendae de julgamento nos casos de conflito(2006, p. 178-179).

As vilas e as cidades às margens do grande rio passam a cumprir esse papel de defesa e ter uma importância para os portugueses na manutenção do seu território colonial. Cidades como Belém, Óbidos e Faro, ganham a atenção da administração por serem objetos da cobiça de outras forças colonizadoras. No contexto econômico, além dos cacauais e de grandes fazendas de gado, há o comércio dos regatões¹⁶.

Além disso, o povoamento da região é totalmente irregular. Um bom exemplo disso é que a cidade de Óbidos do século XVIII (1758), denominada inicialmente de aldeia dos Pauchys, quando ascendeu à situação de Vila, o capitão general F.Xavier de Mendonça Furtado, sabendo que a Vila recém-instalada, enquanto tal, não apresentava indícios de progresso por falta de população, mandou,

[...] transportar para ela todos os índios Barés que se achavam aldeados e estabelecidos junto à boca do Curuá do Norte, onde tinham formado sob a direção de seus dois missionários capuchos, uma povoação que o mesmogovernador naquele ano havia condecorado com o título de Lugar sob a denominação de Arcozello (FERREIRA PENNA, 1973, p.158).

¹⁶ Dá-se nome de regatão aos comerciantes que em canoas ou outros tipos de embarcaçãocomercializavam os mais variados produtos para moradores ribeirinhostornando as embarcações verdadeiros armazéns flutuantes.

Há uma forte presença indígena em Óbidos. Ferreira Penna, em suas viagens entre as Províncias do Pará e Amazonas, aponta que poderia se contar aproximadamente de 18 a 20 mil guerreiros Mundurucus que não eram somados à população do povoado, mas que “por sua indústria e tráfico de drogas aproximam-se mais da população civilizada do que das outras tribos indígenas” (1973, p.309).

Os exemplos citados, tanto dos índios Barés, como dos Mundurucus, demonstram como foi o processo de formação da sociedade amazônica: marcado por relações sociais, servis e de poder, mas também de resistência dos povos conquistados. A história do povoamento demográfico é de migração e de narrativas de uma diáspora cultural e política. As relações travadas entre os sujeitos, nesse contexto, evidenciam que território e identidades são definidos a partir de uma visão dominante – a do civilizador, o qual dispõe do outro e decide sobre seu destino, sobre seu corpo, enfim, sobre sua existência física, material e cultural.

Márcio Souza fala de uma Amazônia abandonada no início do século XIX, segue-se ao mercantilismo de quase cinquenta anos de rotina e recuos, uma crise administrativa e econômica, que “desencorajava a produtividade e fomentava as inquietações” (2009, p.156). É um contexto de acirramento das diferenças entre caboclos, mestiços e brancos. Argumenta que o capitalismo nascente não assegurou a sobrevivência da sociedade colonial portuguesa na América por ser,

[...] a colonização um processo de transculturação necessariamente mais lento e progressivo, e tendo sido mais tarde substituído por um modelo extrativista exportador, as raízes coloniais resistiram na Amazônia em seus alicerces superestruturais, deformando-se por cima e reaparecendo num persistente fenômeno observado por quase todos os viajantes e cientistas que visitaram o vale no século XIX: uma sociedade voltada para o extrativismo para suprir as exigências do mercado externo e subordinada a importações para atender suas necessidades internas. Daí a imitação das formas políticas das nações coloniais europeias mescladas ao liberalismo democrático norte-americano (2009, p.157-158).

Esses condicionantes históricos na formação da sociedade amazônica são analisados como produtores de uma representação da região. Neste momento a Amazônia não está mais sob o controle direto do Império português, mas também não se constitui como parte de um estado-nação moderno. Vive uma situação de intermédio em que a política advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento.

Pode-se inferir que o final do século XIX marca esse momento de maior complexidade do mundo dito moderno. A configuração social, política e econômica do ocidente se alterava em função das revoluções científicas e sociais. Essas transformações na Europa sopraram ares de liberdade e independência na direção dos territórios colonizados.

Assim, instalaram-se na América Latina e na África processos de descolonização, no qual se inseria o Brasil. Estava-se, possivelmente, nesse *entre-lugar*: não mais colônia de Portugal, mas também não tão independentes a ponto de negar a metrópole e firmar uma identidade nacional própria. Deste processo, emergem novos sujeitos e novas significações para as relações travadas nesse território, e é do rastro dessa indefinição que emergem confrontos étnicos e raciais, culturais e políticos que fizeram do tapuio uma identidade segregada, diáspórica, apartada, sobre a qual diferentes representações foram gestadas, seja pela escritura dos viajantes, seja pela dos que aqui viviam.

A Amazônia oitocentista vive, portanto, uma situação econômica e social marcada por uma “economia” cacauera e de concentração de terras, o que conforma neste período dois segmentos de classe: de um lado um grupo social composto por pescadores, donos de pequenos sítios às margens dos paranás-mirins, cujas condições de existência dependem de outrem, como bem encontramos no texto literário: “Fora José nascido e criado no sítio do pai, pobre homem que vivia da caça, da pesca e de algum cacauero que tinha a ver se poderia pagar o que devia ao capitão Fabricio Aurelio.” (HUP, grafia original, p.33). Do lado oposto, setores representados por proprietários de grandes extensões de terra, “Era este um rico proprietário de terras, em cujas terras vivia Anselmo” (HUP, p.33).

Essa situação dos povoados na Amazônia é retratada no texto histórico de Ferreira Pena (1971) quando se reporta a Óbidos, da seguinte maneira: “às margens dos paranás-mirins e as do Amazonas desde os limites da Província até muito abaixo de Óbidos, são com poucos intervalos, extensas linhas de cacais” (1971, p.151). Segundo Veríssimo (1970, p.182), o cacau constituía, depois da borracha, o principal produto da economia amazônica, e Óbidos era uma das principais cidades produtoras na segunda metade do século XIX.

E, ainda, Walter Bates diz da sociedade obidense:

A maioria dos moradores de Óbidos são proprietários de plantações de cacau, situadas nas terras baixas dos arredores. Alguns são grandes

criadores de gado, e possuem fazendas de muitas léguas quadradas no campo, ou distritos de pastagens que marginam o Lago Grande e outros lagos do interior, perto das vilas de Faro e Alenquer. A cidade tem todas as casas cobertas de telhas, geralmente de sólida construção (*apud* MOURA, 1968, p.5).

Portanto, Inglês de Sousa escreve sua literatura a partir da observação da economia cacauera e das relações sociais e políticas resultantes do processo de descolonização da região amazônica. Souza (2009) denomina esse século na Amazônia de contraditório. Segundo este autor,

entre 1800 e 1899, a Amazônia brasileira foi sucessivamente colônia de Portugal, território do Império e região da República. A economia, baseada na agricultura, entrava no novo século em expansão, ainda sob o impacto da valorização de diversos produtos tropicais, tais como o algodão e o cacau, embora fosse uma expansão que apresentava todas as desvantagens de uma economia colonial (2009, p.208).

A região é palco de relações contraditórias entre as povoações da Província, neste momento, do Grão Pará, e entre esta e o poder central pós-colonial representado pelo Rio de Janeiro. Na obra literária, os conflitos emergem personificados nos personagens que traduzem relações étnicas e sociais completamente desiguais.

Inglês de Sousa imprime um realismo ao texto literário que a todo o momento evidencia eventos da realidade histórica vivenciada no Amazonas. Assim, a referência à criação da chamada *Companhia de navegação e Comércio do Amazonas*. É textual na obra literária. Para mostrar o desnível entre José, o pescador, e seu antagonista, capitão Fabricio, Inglês de Sousa apresenta o capitão como rico proprietário de terras e gado, cuja

casa estava durante o dia cheia de gente que lhe vinha comprar ou vender alguma coisa. A sua fazenda era um porto importante. A **Companhia de Navegação e Comercio do Amazonas** contratára com ele o fornecimento da lenha necessária para a machina, e os comandantes dos vapores mensais que passavam de Alenquer pra Óbidos compravam-lhe gado que depois vendiam na capital ou em Manáos (HUP, p.140, grafia original, grifo nosso).

É apenas um dos vários exemplos que há no romance, mas, há referências históricas em praticamente toda a obra de Inglês de Sousa, além disso, constrói personagens que escapam aos moldes do naturalismo, pois imersos em conflitos sociais e confrontos que denotam e sugerem a origem de problemas sociais que até hoje marcam o solo amazônico: a luta pela terra, a semiescavidão, o controle dos donos de grandes extensões de terra sobre o pequeno colono.

2.2A DISCUSSÃO HISTÓRIA X FICÇÃO

Segundo Roger Chartier, a ficção “é um discurso que informa do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é” (2009, p.24). Neste sentido, “a noção de ‘energia’ que tem um papel essencial na perspectiva analítica do *New historicism* pode ajudar a compreender como algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado” (GREENBLATT, 1988, p.1-20 *apud* CHARTIER, 2009, p.25).

Com base nessa discussão, o autor francês define três pontos que dificultam uma clara distinção entre história e ficção. O primeiro diz respeito à força com que a literatura representa o passado, e isso fica evidente em algumas obras do teatro e romances do século XIX. Para Chartier, o

teatro nos séculos XVI e XVII, e o romance no século XIX, se apoderaram do passado, deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são apresentadas como tal (2009, p.25).

Um segundo ponto reside em que a literatura se apodera não apenas do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica, um desses mecanismos chama-se efeito de realidade. Para o teórico francês, a fábula fortalece mais sua relação com a história multiplicando as notações concretas destinadas a carregar a ficção de um peso de realidade e produzir uma ilusão referencial (2009, p.28).

Esse “peso” ou “efeito de realidade” é patente na obra literária de Inglês de Sousa, quando o mesmo traz para o texto referências a políticos e situações vivenciadas no século XIX. Alguns exemplos estão no romance *O Cacauleta*: “[...] com o alferes Pedro Moreira Bentes, que entre os seus títulos contava o de ser protegido do dr. B...**chefe do Partido Liberal do Pará**” (2004, p.173, grifo nosso), possivelmente menção ao cônego Batista Campos, líder liberal, que depois participou da Cabanagem. É do mesmo livro, a referência literal à cheia de 1859: “Infelizmente, porém, quando a grande cheia de 1859 reduzia maior parte dos lavradores do Baixo-Amazonas à penúria, o ativo português sofreu perdas [...]” (SOUSA, 2004, p. 30). Sobre a grande inundação de 1859 e seus efeitos, escreve Penna:

As cores negras com que os habitantes pintam os efeitos desta inundação, o terror que ela infundiu nos próprios irracionais e a

extraordinária altura de cerca de três metros a que subiram as águas acima do nível das campinas merecem ser aqui mencionados. [...] Os fazendeiros, iludidos com a lentidão do inverno e não suspeitando que a cheia fizesse tão rápida invasão, não trataram de retirar dos campos o seu gado; quando reconheceram o perigo, era já tarde para atalharem o mal. Entretanto, à medida que as águas avançavam para os lugares mais altos e afogavam todos os pastos, vinha a fome perseguindo os míseros animais. [...] enfraquecidos e extenuados de fome, estes animais sucumbiam uns após os outros; seus cadáveres boiavam aos milhares no meio da planície inundada. Os efeitos e a influência desta calamidade, que os habitantes com razão denominaram *dilúvio* se faziam sentir sobre animais domésticos e silvestres, uns e outros pareciam dominados por uma melancolia profunda (1973, p. 153, 305-307).

As enchentes no grande rio provocam o medo, a penúria e perda aos habitantes das margens dos rios. Interessante que o relato de Penna (1973, p. 308) sobre essa inundação em  bidosinsiste na lamentável perda do gado pelos fazendeiros. Segundo ele, “criadores com 3 a 5.000 reses no fim da enchente contavam com apenas 100”; e ainda na fome que os animais domésticos passavam. Para ele, “são essas causas que tem obstado o desenvolvimento da indústria pastoril na parte ocidental desta província”(1973, p. 308). Aos seres humanos da região refere-se apenas quando fala da voracidade de animais como o jacaré e a sucuriju.

A cheia enquanto fen meno natural com tamanha extensão de destrui o possivelmente resulta do processo de explora o dos recursos naturais nos moldes de uma civiliza o implantada do exterior, com paradigmas fundados na no o de desenvolvimento, civiliza o e cultura eurocêtricos. Imagem recorrente na obra de Inglês de Sousa, em uma passagem do romance *História de um pescador*, assim o narrador descreve a tormenta que antecede   cheia no paraná-mirim:

O trovão tem uma força como não tem em outra parte. O raio cahe frequente, e cahe com tal ruído que a grande distancia ensurdece. O relampago tem um brilho que deslumbra, um brilho que cega. Junta e agora a tudo isto o ruído immenso das aguas do rio, quebrando-se onda contra onda, o fragor das arvores, que cahem e das terras altas, das ribanceiras que se desmoronam, o gemido de afflic o dos passaros ribeirinhos, o urro longinquo das onças dos aningaes, e sobretudo o peso daquela athmosphera de chumbo, e tereis em fracas expressões o que   uma tempestade no Amazonas (HUP, 1990, p.40, grafia original).

Descrita com cores impressionistas, as tempestades e as enchentes no Amazonas deveriam, de fato horrorizar aos viajantes e habitantes das margens do rio. Euclides da Cunha, viajante por estas paragens e escritor, descreveu com um tom poético movimento do rio na Amazônia:

A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infundáveis, desesperadamente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. Assim ele se precipitou pela angustura afogante de Óbidos num abandono completo do antigo leito, que ainda hoje se adivinha no enorme plaino maremático, ganglionando de lagoas, de Vila Franca, ou vai, noutros pontos, em furos inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se illogicamente tributário dos seus próprios tributários; sempre desordenado, e revoltado, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios –coma ânsia, comatortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomençar perpetuamente umquadro indefinido [...] (CUNHA, 2006, p. 25).

Finalmente, Chartiercita Hobsbawm para estabelecer a terceira razão da proximidade entre história e ficção. Diz respeito à necessidade de “afirmação ou justificação de identidades construídas” (HOBSBAWM, 1994 *apud* CHARTIER, 2009, p.30). Aspecto que interessa particularmente a este trabalho, que evidenciará na trilogia romanesca as identidades em confronto no cenário amazônico, na perspectiva de autoafirmação diante de uma formação socio-histórica que apresenta a origem da exclusão social.

Não obstante a consideração do aspecto documental da obra, Luiz Costa Lima, importante crítico da literatura, pondera que

o discurso literário não se apresenta como prova, documento, testemunho do que houve, porquanto o que nele está se mescla com o que poderia ter havido. O que nele há se combina com o desejo do que estivesse; e que por isso passa a haver e a estar (1986, p.195).

A problemática enfrentada quando se analisa o texto literário à luz de uma teoria como a dos estudos culturais é a de que se promove o encontro de diferentes formas de construção textual. É preciso por isso explicitar algumas especificidades. Entendemos que o texto histórico se preocupa em documentar o dito sobre o fato e ainda em imprimir realismo ao que está sendo narrado. O texto literário, ficcional, por sua vez, faz um movimento excêntrico, ou seja, para fora, não se preocupa com a comprovação e a documentação do narrado.

Neste sentido, a literatura projeta imagens por meio de signos que se organizam em um discurso ficcional. Não obstante essa diferença, observa-se no texto literário de Inglês de Sousa signos que expressam a realidade histórica da Amazônia, o que aproxima e promove o encontro da obra literária com a história. Literatura é um dos signos de nosso tempo. Como usar literatura pra ler o presente? Schwarz concebe o

sentido da representação literária como real, objeto privilegiado para que se esclareçam as relações sociais no Brasil (*apud*SANTIAGO, 1989, p.220). Reside aí a importância do encontro entre a literatura e os documentos históricos.

A polêmica entre ficção e história pode ser analisada na perspectiva da relação documentoxficção. Lima, após uma longa discussão sobre o tema, fala de uma “inevitabilidade documental de tudo que o olhar humano atinge” (1986, p.192). Por certo proveniente da relação do ser humano com os signos. Mas, assim como o documento é fundamental para a pesquisa histórica, na análise literária ele tem outro estatuto, é secundário, mas não é dispensável.

Conclui-se que na análise literária a documentação deve ser buscada numa perspectiva compreensiva do caminho de reconstrução de identidades. A documentação histórica, antropológica ou de outro matiz, deve ser buscada com a perspectiva de que explicita traços de uma cultura de rio, cujas significações estão presentes nas relações com os acontecimentos, com as práticas culturais e sociais, enfim com a realidade vivida por estes povos no contexto da Amazônia paraense da segunda metade do século XIX e no contexto de um autor que, mesmo tendo saído muito cedo de Óbidos, tem a alma imersa nessa cultura de rios e florestas.

Recorrente, no percurso de leitura das obras desse autor, encontram-se vários exemplos desse encontro ficção/realidade. Aqui se expõe o seguinte: sobre a antiga colônia militar, em *O Cacaulista*, aparece: “Tendo vindo, como tantos outros filhos de Portugal, engajado para a malfadada colônia militar de Óbidos, que devia morrer em breve pela negligência do governo e má gerencia dos diretores, [...]” (C, 2004, p. 29).

E, ainda, o naturalista Penna¹⁷ assim descreve a extinta colônia militar:

Parece ter sido criada sem os conselhos da experiência, mal organizada e mal administrada, teve ainda para apressar a sua ruína, de experimentar desde logo a violação do único artigo de seu regulamento que podia amparar a sua existência, *aquêle* que garantia ao soldado a propriedade do terreno por ele cultivado e dos frutos que tirasse *desse* trabalho (1973, p.158, grafia original, grifo do autor).

Penna, em seu extenso relato sobre a região ocidental do Pará, expõe longamente sobre o desfecho dessa colônia, e demonstra sua queda em função da falta

¹⁷Considerado pelo crítico literário José Veríssimo “o mais profundo sabedor da geografia da Amazônia”, Domingos Soares Ferreira Penna no maior tomo de sua obra documenta informações sobre *A região Ocidental da Província do Pará*, produto de uma tarefa a ele confiada pelo presidente da província J.R. Lamare, com a orientação de que deveria estudar as comarcas de Santarém e Óbidos (FERREIRA PENNA, 1973, p.50).

de interesse do governo colonial em mantê-la, não obstante constituir-se em um território excelente para as “culturas do cacau, do café e mesmo da cana de açúcar”(1973, p.159). Assim, de 255 colonos que ali viviam em 1854, em 1863 não restava um para contar histórias.

2.3 O PENSAMENTO LITERÁRIO DE INGLÊS DE SOUSA

Inglês de Sousa figura no rol dos mestres que estão a pedir aquela gota de sangue com que, no poema de Homero, as sombras reconquistam o seu direito à vida.

Josué Montello

Quem é esse sujeito oitocentista Inglês de Sousa, que conta, inventa, cria estórias? Para entender o pensamento de Inglês de Sousa sobre a região e a sua escritura romanesca, é necessário situar o seu lugar de enunciação. Pode-se dizer que a escritura romanesca de Inglês de Sousa foi provavelmente influenciada por informações do pai e de viajantes, além do contato com informações históricas fundamentais para entender a região. Salles pondera que “a influência do pai marca a formação do escritor” (1990, s/p).

Portanto, problematizar a história social da literatura na Amazônia remete a perguntar quem é esse autor que viveu neste período? Quais as suas influências e quais as suas referências de mundo? De que lugar social ele fala? Herculano Marcos Inglês de Sousa, paraense de Óbidos, de família tradicional, fez seus estudos entre Pará e Maranhão, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, onde se graduou como bacharel em Direito. Iniciou o curso na escola de Recife, onde estudou de 1870 a 1872, lugar de disseminação de ideias filosóficas ligadas ao positivismo.

Paim (1997) localiza Inglês de Sousa como compondo um grupo de intelectuais da denominada Escola de Recife, cujo principal expoente foi Tobias Barreto que debateu publicamente suas ideias e proclama adesão parcial ao positivismo¹⁸. Barreto diz em um artigo: “Tendo em alta estima a concepção grandiosa da escola positivista, fazemos, contudo algumas reservas que julgamos importantes; e não podemos, por conseguinte, declarar-nos seu fiel discípulo”. Inglês de Sousa conviveu entre alguns intelectuais importantes da literatura e crítica literária, entre eles Araripe Júnior e Sílvio Romero e é citado na lista seleta de intelectuais:

Entre os estudantes, o argumento dos partidários das idéias novas ainda não apresenta contornos nítidos nem se revelaram os pendores de cada um. Assim, encontramos, entre os companheiros de Tobias

¹⁸ Sobre essa polêmica consultar PAIM (2007).

Barreto, nesse período: Franklin Távora (1842/1888) – posteriormente escritor conhecido – dedicado ao jornalismo político, editando com Tobias Barreto *O Americano* (1870/1871) e, de 72 a 73, *A Vanguarda*, cuja leitura fora proibida aos católicos por D. Vidal; Guimarães Júnior (1847/1898); Araripe Júnior (1848/1911) – também da mesma turma de Tobias Barreto, e que veio a tornar-se crítico literário de renome – tendo participação ativa na difusão das novas ideias filosóficas no Ceará; **Inglês de Sousa (1853/1918) – estudante nos primeiros anos da década de 70, vindo a concluir o curso em São Paulo – romancista e, mais tarde, jurista**; finalmente, os jovens que propunham fazer poesia científica, isto é, abertamente a serviço de suas ideias filosóficas, entre outros: Sílvio Romero, Sousa Pinto e Generino dos Santos, sendo que os dois últimos se detiveram no positivismo. Atenção particular merece a notável figura de Sílvio Romero, pela influência que viria a exercer no pensamento brasileiro das décadas seguintes (PAIM, 1997, p. 17, grifo nosso).

Segundo a historiadora Lilia Schwarcos primeiros anos de fundação das duas grandes faculdades de Direito do país, a de São Paulo e a de Recife, foram

Profundamente vinculados à lógica e dinâmica que marcaram a independência política brasileira em 1822, já em seu momento de nascimento esses estabelecimentos pareciam responder à necessidade de conformar quadros autônomos de atuação e de criar uma *intelligentsia* local apta a enfrentar os problemas específicos da nação. Nas mãos desses juristas estaria, portanto, parte da responsabilidade de fundar uma nova imagem para o país se mirar, inventar novos modelos para essa nação que acabava de se desvincular do estatuto colonial (1993, p.141).

A independência política e o rompimento com a situação de colônia exigido país, formar quadros de intelectuais para atuar neste momento político, criar uma *intelligentsia*, porém, mesmo com a perspectiva de formação de intelectuais independentes, o que a autora observa em relação à Escola de Recife, que inicialmente funcionou em Olinda, é que em tudo imitava a metrópole portuguesa: a estrutura do curso e os hábitos dos alunos eram idênticos aos da faculdade de Coimbra (SCHWARCS, 1993, p.144). Posteriormente, com a mudança para Recife em 1854, não houve melhorias em termos de instalações, mas na produção intelectual apresentou ganhos com a formação de um grupo de intelectuais, entre eles o já citado Tobias Barreto (SCHWARCS, 1993, p.147).

O ideário que circulava por esta época era o de que, nos domínios do social e do político, o estágio positivo do espírito humano marcaria a passagem do poder espiritual para as mãos de sábios e cientistas e do poder material para o controle dos industriais. Fomenta-se entre os estudantes, a concepção chamada de *Culturalismo Sociológico*, baseada nas ideias do positivismo filosófico, que surgiram na França no

começo do século XIX, e que defendiam ser o conhecimento científico a única forma de conhecimento verdadeiro e de explicação da realidade. Sobre este assunto, aponta Paim que

Tobias Barreto não encontrou entre os seus seguidores quem se dispusesse a desenvolver essas teses e dar continuidade à vinculação com o culturalismo alemão que somente amadurece plenamente após a sua morte, notadamente com a obra de Hermann Cohen (1842-1918). De todos os modos, essa parcela de sua meditação acabaria sobrevivendo – certamente de uma forma inesperada – através do denominado *culturalismo sociológico*. Trata-se de criação de Sílvio Romero (1851-1914) que teve uma grande fortuna no plano estritamente sociológico, sobretudo graças a Oliveira Viana (1883-1951). Mas encontrou em Alcides Bezerra (1891-1938) a pessoa que retomaria o caminho apontado por Tobias Barreto. No importante estudo que dedicou ao *Culturalismo sociológico de Alcides Bezerra* (São Paulo, Convívio, 1981), Francisco Martins de Souza destaca esta tese de Bezerra: “O homem, o **meio, a sociedade, se completarão numa função evolutiva criadora, tendo como mola propulsora a cultura** e, como garantia de sua realização, o aspecto da moralidade, que sugere o fim de tal processo” (2007, p.64, grifo nosso).

Observa-se a ênfase dada à cultura enquanto mola propulsora das relações entre homem e sociedade. Era tal o debate sobre as ideias novas na escola de Recife que Gilberto Amado, quando ingressou na Escola, ouvia perguntarem Como se ouve hoje, no Rio, perguntar: “Você é Flamengo ou Fluminense?”, ouvia-se na Faculdade do Recife, no velho convento: “Você é monista ou dualista?” (PAIM, 2007, p.17). Para João Adeodato (2003, p.304), circulava entre os que frequentavam a Faculdade de Recife “uma filosofia idealista e eclética, assim como as ideias monárquicas e a tradição do feudalismo nordestino, dos senhores de terra explorando os trabalhadores”. As ideias conservadoras predominavam entre os intelectuais.

Inglês de Sousa, não obstante as ideias positivistas de progresso: a inevitabilidade de processos, as condições de vida e trabalho ditados pela submissão, traz para o palco de sua ficção personagens que representam sujeitos viventes na realidade social do povoado de Óbidos na Amazônia do final do século XIX, sujeitos invisibilizados que viviam sob a batuta dos que detinham o poder e a riqueza. É o caso dos tapuios o tempo todo trazidos para os textos, em condição de subserviência, cuja subjetividade estava ameaçada por relações de preconceito racial e a disputa por posição social nessa sociedade.

Wilson Martins, na obra *História da inteligência brasileira*, faz todo um percurso histórico trazendo à tona questões sobre a língua, a literatura, a religião. No terceiro volume deste trabalho, faz a seguinte referência: “No terreno das idéias gerais,

começa a constituir-se por essa altura a futura ‘Escola do Recife’. É bem possível, como sugere Antonio Paim que Tobias Barreto haja encontrado nas polêmicas da questão Coimbra as primeiras referências ao movimento de crítica religiosa que então se expandia pela Europa” (1977, p.232). Wilson Martins cita a importância da Escola de Recife como “inaugurando uma nova idade no pensamento brasileiro” (1977, p.500).

2.4 CRÍTICA À OBRA

O Realismo-Naturalismo na literatura brasileira recebeu, por parte de Miguel-Pereira uma ácida crítica, afinal diz ela:

Num país onde se processavam experiências raciais da maior importância, onde as condições de existência variavam dos requintes sofisticados da Corte ao primitivismo das populações rurais, onde as relações de senhores e escravos suscitavam um sem-número de problemas, os romancistas que se criam realistas voltavam-se de preferência para os casos de alcova, para a análise de temperamentos doentios. Seguiam os temas de Zola e Eça de Queirós, sem atentarem nas diferenças entre as sociedades francesa e portuguesa e o nosso meio em formação, sem perceberem que o que lá refletia a desagregação da burguesia, aqui não passava de anedota isolada (1957, p. 130).

Apesar de, na maioria dos compêndios de Literatura Brasileira, Aluísio de Azevedo ser considerado introdutor do Naturalismo no Brasil, alguns autores trazem à luz que,

Antes mesmo que o meio literário conhecesse o naturalismo de Aluísio Azevedo, lançara-o Inglês de Sousa. Nesse autor comprova-se e até se grafa melhor, o traço comum do naturalismo em alguns cacoetes, no anticlericalismo, na tese da hereditariedade e ainda nas características fundamentais, a presença do romantismo e na preponderância do quadro de costumes (SODRÉ, 2002, p.442-443).

Ainda de acordo com Sodré, Inglês de Sousa foi mais um narrador regional que um naturalista, e o cenário amazônico, mais o humano do que o físico, o que é uma singularidade, foi o fundo de sua ficção. Para Lúcia Miguel-Pereira (1957), em seus primeiros romances, Inglês de Sousa mantém-se independente. Não se submete aos moldes rígidos dos romancistas naturalistas, apenas em seu último romance- *O Missionário*- apresenta os aspectos analisados por Sodré, apesar de permanecer fiel aos temas regionais.

Segundo a crítica da literatura brasileira Miguel-Pereira, a escrita de Inglês de Sousa torna-se, a cada obra, mais reveladora das situações do desprezo étnico e social e cria personagens que polarizam as condições do ambiente. Despreocupa-se dos excessos

descritivos e centra-se nos tipos humanos, concordando com Sodré. E ainda, Inglês de Sousa teria encontrado filões autênticos e inexplorados. Tanto *O Coronel Sangrado* como *O Cacauleta* lhe atestam a visão segura, o poder criador e a faculdade de síntese. E acrescenta:

Considerada em conjunto, a obra de Inglês de Sousa apresenta-se como um documento social, fixando aspectos vários da Amazônia, da Amazônia do cacau e da pesca, região meio selvagem onde a vida era sempre uma luta; luta do tapuio contra o proprietário que o explora, na *História de um pescador*; luta do mulato ambicioso contra o branco que não o quer considerar seu igual, no *Cacauleta* no *Coronel Sangrado* (...) em todos eles luta do homem contra o homem, e contra a natureza que o ameaça física e moralmente, pelos animais que o atacam, pela água que o afoga, pelo sol que o queima, pelo amolecimento que o derreia a energia (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p.160).

Essa visão é retomada por Arthur Cezar Ferreira Reis (2004, n/p) que considera:

O romance amazônico é desde o nascedouro, um romance telúrico, paisagístico, ao mesmo tempo que social. Em todo ele, seja qual for o autor, além do quadro físico, que é o fundo de tudo, encontramos a história do homem nas suas desventuras, nos seus anseios, nas experiências ásperas da vida, na aventura genésica do seu conflito com a natureza.

Miguel-Pereira, na obra *Prosa de ficção* (1957, p.123), considera *O Coronel Sangrado* como primeiro livro realista aparecido entre nós. Em outra obra reitera:

De fato, quem primeiro escreveu aqui segundo as regras realistas, foi Inglês de Sousa. Ao *Coronel Sangrado*, e não ao *Mulato* de Aluísio Azevedo, que lhe é quatro anos posteriores, cabe sem dúvida alguma primazia no aproveitamento da objetividade, da observação, que por esse tempo pregavam os romancistas franceses (MIGUEL-PEREIRA, 1994, p.64-65).

Antonio Candido, analisando a ficção produzida na fase que ele denomina de pré-consciência do subdesenvolvimento, dos anos de 1930-1940, fala de certo pessimismo que a caracterizava, mas diferente do pessimismo presente na ficção naturalista. Nessas obras, o homem pobre é focalizado como “elemento refratário ao progresso” enquanto que naquelas o indivíduo é degradado em face da espoliação econômica e não “por seu destino individual” (1989, p.160).

Reitera-se, no entanto, certa parcialidade na crítica de Candido, pois, mesmo tendo sido escrita num contexto econômico predominantemente rural, de relações econômicas incipientes, a prosa de Inglês de Sousa já revela o embate entre atores sociais em posições diferentes, que disputam lugar no quadro da sociedade cacaueira.

Portanto considera-se que Inglês de Sousa rompe com o puro descritivismo da literatura naturalista e avança para uma escritura mais social. Segundo Sodré, Inglês de Sousa “[...] realiza boa parte do seu projeto criando alguns dos melhores quadros regionais que a Amazônia proporciona, particularmente porque se despreocupa dos excessos descritivos, de colocar a natureza em primeiro plano” (2002, p.443).

Esse posicionamento é reforçado por Martins (1977), que, na obra *História da inteligência brasileira* dedica três páginas para comentar a literatura do escritor paraense, apresentando Inglês de Sousa como ficção realista. Este autor argumenta que Sousa teria introduzido no romance brasileiro o coeficiente social e afirma:

Com *O Cacauleta* (1876), o romance brasileiro deu o salto qualitativo do herói individual e do “caso” psicológico para o personagem social e a caracterização de uma sociedade, além disso, a “tese” transpõe os limites abstratos dos princípios para o exemplo tirado da vida e da problemática contemporânea (1977, p. 509-510).

Para Martins *O Cacauleta* já é o primeiro volume do “ciclo do cacau” que continuaria com o escritor baiano Jorge Amado e sua vasta obra sobre a sociedade cacauzeira baiana. A literatura de Inglês de Sousa é, portanto, uma literatura diferenciada da vigente, uma vez que, apesar de o nacionalismo ser a tônica do momento, este autor constrói um caminho literário próprio, centrando nas relações entre os sujeitos sociais. Nesta mesma direção vai a escritura de outros autores, como Juvenal Galeno no Ceará, que publicou em 1891, o primeiro livro de contos, “Cenas Populares” que traz, segundo a crítica de José de Alencar, a descrição de lugares, pessoas e costumes típicos, “livro tão original ainda não se escreveu entre nós”. Ao invés do verso, o autor preferiu a prosa em que descreve lugares, pessoas e costumes típicos, de sumo interesse para o folclore em alguns contos singelos: “Ospescadores”, “Dia de feira”, por exemplo.

Vicente Salles afirma sobre *O Cacauleta*:

Mas é fora de dúvida que a obra do escritor paraense abriu vários caminhos na história da literatura brasileira: documentarista da Amazônia da segunda metade do século XIX, é também incontestável a percepção do seu valor histórico, sociológico, antropológico e etnográfico. Ela serve com segurança aos estudiosos da linguagem popular e do folclore.

E, ainda:

[...] de qualquer forma, inspirando-se tão só na Amazônia, berço natal, ambiente das suas narrativas, principalmente Óbidos e Silves, a pequena produção de Inglês de Sousa resulta num painel grandioso e corresponde a uma narração completa, articulada pelo título geral de “Cenas da vida do Amazonas” (SALLES, 2004, n/p).

Para este crítico literário, a obra de Inglês de Sousa “é ficção reveladora da vida na pequena comunidade interiorana, inserida no contexto da economia extrativista e da lavoura do cacau”(SALLES, 2004, n/p). Analisando-se esse amplo painel da obra do autor paraense, observamos que o ciclo *Cenas da Vida do Amazonas* representa o lugar de centralidade que o autor propicia aos personagens que se movem nos seus romances e contos em busca de se firmar, de se reconhecer e ser reconhecido neste vasto mundo dos cacauais, das fazendas de bois e das águas dos rios, estabelecendo relações sociais e étnicas bastante conflituosas.

Portanto, interessa ao autor, imerso nessa realidade, como se fosse um artista plástico, dar uma cor mais expressiva aos tipos humanos, o que, segundo Miguel-Pereira, vai se tornando marca do amadurecimento de sua escrita na direção de desvelar relações étnico-culturais, sociais e políticas assimétricas:

O Cacaalista não mostra, como em *História de um pescador*, apenas um observador, mas também um escritor, um romancista. Nas desavenças entre o môço Miguel, filho de português e de brasileira branca, de família antiga no lugar, e o tenente Ribeiro, mulato que enriquecera a custa dos vizinhos pobres, não há somente o amor contrariado do jovem, apaixonado pela filha do mestiço, nem a disputa de um pedaço de terra: **há o atrito de duas camadas sociais, de duas raças, de duas concepções de vida. E o de dois feitios opostos** (1957, p. 161, grifo nosso).

A discussão sobre a questão racial é desse modo colocada. Podem-se observar, neste território das águas, grupos sociais em disputa, mesmo que ainda em um processo de individualização, ou seja, não se trata de disputas por campos de poder, por pessoas engajadas nas lutas sociais modernas, na verdade, esses confrontos evidenciam um momento da história da Amazônia. Estão em campos opostos das relações de poder, identidades coletivas, étnicas ainda vivenciando uma situação rural, pré-capitalista.

Frente a isso, a perspectiva é de interpretar esse encontro/confronto dos sujeitos sociais e culturais que emergem da tessitura dos romances em forma de personagens, pareando com a história real e a vida dos povos ribeirinhos¹⁹ que habitavam as margens do rio Amazonas nas Províncias do Grão-Pará e Amazonas oitocentista.

Inglês de Sousa em seus romances revelarelações estabelecidas por colonizadores e colonizados, por cacaualistas, lavradores, pescadores, enfim, diferentes atores sociais, que se moviam naquele território. Conflitos bem marcados no desenrolar

¹⁹Utilizado aqui para designar a população dos sítios ou que vivem às margens do Amazonas, desenvolvendo atividades econômicas sazonais (Mais sobre o assunto consultar artigos de Carmem Rodrigues e Deborah Lima.).

do enredo dos romances, como nesse exemplo de *O Cacaulista*, quando D.Ana, personagem-mãe do protagonista Miguel, conta um fato que denuncia a conduta de Ribeiro, mulato e antagonista de Miguel em relação às terras disputadas pelas duas famílias:

- “Uma noite, (e quem me contou isto foi o compadre Capucho, que não mente) o seu tenente vai com dois negros ao lugar do marco, arranca-o, e vem enterrá-lo três braças pelas nossas terras a dentro; ora isto ninguém sofre, e eu sofri para não brigar...” (C,p.36).

Ao evidenciar o ser-humano no palco dessas relações, a trilogia produz uma representação sobre a identidade tapuia e sobre a cultura da população ribeirinha às margens dos rios, na Amazônia, onde as relações humanas são mediadas não apenas pela ação dos entes naturais, do rio, do vento, da densa floresta, dos animais, mas por relações sociais que mostram a luta pela posse da terra, entre outras questões. Todos esses elementos, culturais, religiosos, sociais aparecem de forma marcante na obra do escritor. Alfredo Bosi assim se refere a literatura de Sousa:

[...] é uma voz espontânea que capta e registra a alma de seu povo amazônico, que rompe os limites de um documento sócio ou de informações jornalísticas, permitindo ao leitor uma sensação de pertença a uma sociedade e civilização ricas em saberes populares, religiosidade, manifestações culturais, propriedades que faltaram, segundo vários críticos literários, ao naturalismo brasileiro de modo geral (2002, p. 14).

Nos dias atuais, diversos trabalhos têm sido escritos sobre a literatura de Inglês de Sousa. Alguns de caráter crítico, outros simplesmente de releituras de obras dando ênfase a algum de seus aspectos. Neste rumo, estão os trabalhos de Paulo Maués Correa (2007) que opta por uma leitura do conto “Acauã” a partir da referência da Escola de Frankfurt, utilizando a classificação de Tzvetan Todorov sobre as categorias do fantástico, do estranho e do maravilhoso para interpretar o conto de Inglês de Sousa. Cita três motivos porque elegeu Inglês de Sousa para sua crítica: o fato de este autor ter sido o introdutor do Naturalismo no Brasil; o de ter sido pioneiro no romance político e social, de acordo com Wilson Martins e por ter sido considerado o primeiro romancista da Amazônia. Nessa mesma direção, Lauro Figueira (2005) faz um estudo sobre o conto “A Feiticeira” com base numa análise estrutural pró-barthesiana.

Numa outra perspectiva teórica, poderíamos citar os trabalhos de Elaine de Oliveira, que faz uma análise do discurso narrativo na obra. O interesse da autora é discutir a obra de Sousa a partir dos conceitos da narratologia que regem a enunciação do discurso. Numa perspectiva mais histórica e antropológica, temos os textos de Marcus

Vinicius Leite (2002) e de Mauro Vianna Barreto (2003), respectivamente. O primeiro promove o diálogo entre a obra de Inglês de Sousa e a História, discutindo, entre outros aspectos que chama de “fantasmagoria da dívida” e a “política de compromisso”. Mauro Barreto, por sua vez, propõe-se a fazer uma leitura socioantropológica da obra. Neste intuito vai cruzando dados e transitando entre fontes históricas e literárias para mostrar a vida social e econômica da Amazônia cacauífera do século XIX.

Numa edição bastante didática e bem elaborada esteticamente com ilustrações de Fernando Vilela, a professora Maria Viana organiza o livro *O Rebelde e outros contos Amazônicos*, obra que traz uma associação de cada conto a um fato histórico, assim “O Rebelde” associa-se à Cabanagem; “A Quadrilha de Jacó Patacho” às ações dos rebeldes cabanos no interior da Província do Grão-Pará, “O Donativo do Capitão Silvestre” à chamada questão Christie, contenda diplomática entre o Brasil e a Inglaterra, por ocasião do naufrágio do barco inglês *Prince of Wales*, e “O Voluntário” à Guerra do Paraguai.

Há ainda uma série de artigos publicados sobre aspectos da obra do autor, que possuem o papel de tornar a obra viva, no sentido de agregar mais conhecimento e interpretações sobre ela. Entre eles, o artigo publicado na revista *Água Viva de Estudos Literários*, em que Rafael Voight Leandro discute de que modo entram em tensão dialética a História e a Literatura no conto “O donativo do capitão Silvestre”, de Inglês de Sousa.

No artigo *Inglês de Sousa e a belle époque amazônica: um estudo sobre a ‘civildade’ e a ‘matutice’ na Óbidos do século XIX*, a Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Raquel Ripari Neger, discute a formação destes dois conceitos, trazendo da obra os excertos que os evidenciam. Mais recentemente, há o trabalho da professora Marlí Tereza Furtado (2009): “Crimes da terra” na Amazônia de Inglês de Sousa a Dalcídio Jurandir. O quadro a seguir organiza alguns dos trabalhos produzidos sobre a literatura de Inglês de Sousa.

Quadro: Trabalhos de análise e crítica da obra literária, no período de 1945-2012

TÍTULO	AUTOR (AS-ES)	ANO
Inglês de Sousa obra Contos Amazônicos: O homem na luta com o mundo selvagem (XIV Congresso Internacional de Humanidades).	Jéssica Teixeira do Couto (UFP)	2012
Ideias em evolução: Inglês de Sousa cronista (Art.XII Congresso ABRALIC)	Marcela Ferreira(UNESP)	2011
Inglês de Sousa: Amazônia, História e Ficção. Art.	Rafael Voight Leandro	2011
Inglês de Sousa na Paris das Selvas (Revista Língua Portuguesa)	João Antonio Ramos	2010
“Crimes da terra” na Amazônia, de Inglês de Sousa a Dalcídio Jurandir	Marli Tereza Furtado	2009
O Signo da Água na Amazônia de Inglês de Sousa e Francisco Izquierdo Rios (Artigo- XI Congresso ABRALIC)	Paulo Sérgio Marques	2008
Inglês de Sousa e a Reforma da Instrução Pública em Sergipe: entre a Tradição e a Renovação (Art)	Omar Schneider	2008
A personagem Miguel e o contraste matutice X civilidade em <i>O Coronel Sangrado</i> de Inglês de Sousa (Dis)	Lucimeire F. Dotto (PUC)	2008
O rigor científico na ficção de Inglês de Sousa (Jornal Beira Rio)	Walter Pinto	2008
A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do segundo império (Dis-Área da Educação)	Omar Schneider (PUC)	2007
Leitura do Acauã, de Inglês de Sousa: um conto fantástico	Paulo Maués Corrêa	2007
Cenas da vida do Amazonas: um estudo dos Contos de Inglês de Sousa. .Art.	Marcos Teixeira & Matheus Martins	2006
Literatura e História na recepção crítica do conto de Inglês de Sousa. Dis	José Mourão de Araújo	2006
Inglês de Sousa em todas as letras	Paulo M. Corrêa	2005
Contos Seleccionados: Voluntario, Acauã e Quadrilha de Jacó Patacho	Paulo M. Corrêa	2005
O romance da vida amazônica: uma leitura sociológica da obra literária de Herculano Marcos Inglês de Sousa.	Mauro V. Barreto	2005
“A Feiticeira”: Uma análise estrutural pró-Barthesiana. (Art.)	Lauro do C. Figueira	2005
Os Romances da Mocidade ‘Cenas da vida do Amazonas’(um estudo do discurso narrativo na obra de Inglês de Sousa) Dis.	Elaine Oliveira Cruz	2003
Cenas da vida Amazônica: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa	Marcus V.C. Leite	2002
O Episódio Naturalista (p.442-444)	Nelson Werneck Sodré	2002
República, escola e cidadania: um estudo sobre três reformas para a educação no Espírito Santo (1882 – 1908). (Dis-Área da Educação)	Isabel C. Novaes (PUC)	2001
Sobre alguns temas em Inglês de Sousa: um ensaio caleidoscópico. (Dis.)	Marcus V.C. Leite	1998
A dialética da <i>matutice</i> da <i>civilidade</i> : uma leitura crítica dos romances de Inglês de Sousa (Art-Revista NAEA)	Marcus C. Leite	1998
Inglês de Sousa e a Belle Époque Amazônica: Um estudo sobre a “Civilidade” e a “Matutice” na Óbidos do Século XIX (Art)	Raquel Neger (UNICAMP)	1982
Prólogo a O Missionário de Inglês de Sousa	Araripe Junior	1978
Prosa de Ficção (de 1870 a 1920): Inglês de Sousa	Lúcia Miguel-Pereira	1957
Inglês de Sousa versus Luiz Dolzani (Correio da Manhã, 17/6/1945)	Lúcia Miguel-Pereira	1945

2.5 NATURALISMO OU REALISMO SOCIAL?

Parece-nos que a história e a crítica literárias não têm se entendido muito quando se trata de falar de Herculano Marcos Inglês de Sousa. Durante algum tempo à sombra da crítica literária, só teve sua obra reconhecida mesmo a partir da intervenção de Lúcia Miguel-Pereira. Por isso apresentamos uma breve compreensão sobre o percurso literário deste autor com base na discussão de Antonio Candido, buscando entender os limites da sua escritura e a crítica à estética da sua obra.

Porque Cenas da vida do Amazonas? Influência da escola realista-naturalista, com a ressalva de que Inglês de Sousa coloca o ser humano e as relações travadas entre si e com o ambiente no centro de suas narrativas. O Brasil vive o momento da independência política. O segundo reinado se estabelece. Neste contexto, a literatura produzida no país passa a expressar, de acordo com Candido (1989), dois aspectos da sociedade: imposição de padrões culturais e fermento crítico para manifestar as desarmonias da colonização. Em relação a este segundo aspecto, a literatura dita realista encontra um novo gênero, o romance, para expressar a sondagem social e mostrar as filigranas do processo colonizador. Segundo o autor, mesmo a nascente

[...] ficção brasileira teve inclinação pelo documentário e durante o século XIX foi promovendo uma espécie de grande exploração da vida na cidade e no campo, em todas as áreas, em todas as classes, revelando o país aos seus habitantes, como se a intenção fosse elaborar o seu retrato completo e significativo. Aí está inserida a escritura romanesca de Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Oliveira Paiva, Adolfo Caminha, entre outros (1989, p.172).

A literatura produzida neste momento vive esse duplo sentido: ao mesmo tempo que serve à imposição de padrões e valores exógenos à população, mostra também as contradições do processo de ajuste do país colonizado às novas situações resultantes das ideias de liberdade que emanam dos países europeus e que se abatem sobre as colônias, no que poderemos chamar de momento pós - colonial. A ficção de Inglês de Sousa vai mostrar a todo o momento este desequilíbrio: afirmação e negação uma identidade.

Candido denomina essa tendência na literatura de “genealógica”, pois consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que, de certo modo, é nativista, mas procura se aproximar o mais possível dos ideais e das normas europeias (1989, p.172).

Salles, no prefácio da segunda edição de *O Cacaquista*, afirma que Inglês de Sousa promove o encontro entre a prosa de ficção e o documento histórico. Assim o seu texto literário constitui-se um documento sociológico “cujo tema central é sempre ‘a vida do Amazonas’, não o ‘temperamento’ dos personagens”(SALLES, 2004, n\p). Salles aponta na obra de Sousa fatos históricos, geográficos, usos e costumes, folclore, enfim todo um inventário da vida regional.

Apenas a leitura minuciosa e crítica dos três romances faz-nos perceber que há um fio condutor na produção literária de Sousa. Um pensamento sobre a Amazônia que percorre toda a sua obra e que a unifica. Isto se traduz na forma como os dois romances de estreia são um contínuo, como uma novela, e os contos amazônicos retomam referências dos dois romances, seja por meio de alguns personagens: o Ribeiro e o Miguel (*O Cacaquista* e *O Coronel Sangrado*), a Maria Mucum (*O Cacaquista*, “A Feiticeira”), o velho Estevão (aparece em *O Cacaquista* e é o narrador do conto “A Feiticeira”).

Inglês de Sousa evidencia no texto literário, a todo o momento, as temáticas do confronto entre interesses sociais: da luta pela posse da terra, das situações de escravidão e semiescravidão, do controle social estabelecido pelo recrutamento da guarda nacional, e do desrespeito à população. Incursiona por aspectos da política, mostrando a forma como o poder político começa a se construir nesta região. Em *O Coronel Sangrado*, evidencia como as instituições de poder, como por exemplo, as eleições para a câmara de Óbidos, se estabelecem e quais os mecanismos coercitivos usados contra os tapuios. Basta ver este excerto da obra citada, quando o narrador descreve a forma como o coronel Severino (personagem-título da obra) aborda as pessoas para pedir-lhes voto:

Com a **gentinha** o seu procedimento e linguagem eram outros; entrava pela cabana adentro, varava até a cozinha, e enquanto os moradores levantavam-se respeitosos para cumprimentá-lo, o coronel atirava-lhes palavras destas:

- Ora tomem lá muito sentido. **Nas eleições ninguém recebe chapa senão do meu balaio...**senão, aguentem-se no balanço. Meto tudo na cadeia, tudo, entenderam? Se se fazem de tolos, súcia de uma figa, **dou-os todos com as costas no quartel**. Irra, que o Brasil anda muito precisado de soldados. O demônio do Paraguai comeu-nos muita gente. Sentido com as costas, **canalha!** (CS, 1968, p.85, grifo nosso).

É apenas uma breve passagem das muitas que aparecem no romance como sinal da gestação de uma forma de ver e fazer política, presa ao apadrinhamento e ao cabresto. Fica claro no excerto, como se controlava qualquer possibilidade de resistência da população pobre aos grupos organizados: coronéis, donos de terra e gado.

A ameaça de recrutamento era a principal forma de controle sobre essa população, e os sintagmas pejorativos “gentinha” e “canalha” dizem do desprezo dos grupos sociais mais aquinhoados pelos que viviam do seu labor cotidiano, pescadores e trabalhadores extrativistas.

Márcio Souza (2009, p.219) discutindo a resistência durante a segunda regência no Brasil, aponta que Lobo de Souza, então governador da Província do Grão Pará, baixa uma portaria substitutiva ao decreto em que ordenava o recrutamento forçado de todo jovem, inclusive dos filhos de pequenos fazendeiros e da classe média, e ordena “o recrutamento à força de qualquer jovem, especialmente os desocupados, os mamelucos e cafuzos, a indiada tapuia e todo e qualquer ‘mestiço e vagabundo’”.

Concluimos que Inglês de Sousa faz um caminho que analisamos como fronteira entre o Naturalismo e o Realismo. É realista, porque expõe a base material dos povoados da Amazônia do século XIX, e mostra as relações políticas de dominação e de manutenção de certo *status quo*, em alguns momentos a resistência presente como mecanismo para alteração desse *status quo*.

Assim, especialmente nos três romances analisados, o autor paraense usa uma linguagem que vai além do merodescritivismo do Naturalismo e avança para uma escrita mais social à medida que expõe de forma explícita o confronto entre identidades étnicas: branco *versus* tapuio, branco *versus* mulato, mulato *versus* tapuio e assim por diante, mediados por relações sociais desiguais.

A prosa escrita por Sousa se inscreve no quadro do Naturalismo ou do Realismo social? Pode-se considerar que o texto literário de Inglês de Sousa apresenta contornos de um realismo social porque circunscreve questões relevantes para se entender as relações entre história e sociedade no contexto da Amazônia oitocentista e, do ponto de vista da cultura, entender as representações sobre as identidades surdidas neste vasto território das águas e florestas.

Miguel-Pereira (1957, p.163), analisando o enredo de *O Coronel Sangrado*, diz que sob uma “aparente superficialidade transparece a vocação do escritor: o romance social, a fixação dos choques produzidos pelos grandes interesses que governam os homens”.

CAPÍTULO III

3 MERGULHO NA ESTÉTICA DO TEXTO LITERÁRIO

A narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí como a vida.

Roland Barthes

A epígrafe traduz um pouco da discussão deste capítulo. Inglês de Sousa é um autor de narrativas que estão aí “como a própria vida”, imersas nas realidades social, política e econômica de distantes povoações da Amazônia do século XIX. Sem perder esta referência, neste capítulo faz-se uma discussão do romance enquanto objeto estético. Assim mostraremos como, na construção dos três romances, o autor paraense utiliza marcas linguísticas, expressões verbais e semantemas que oportunizam ao leitor de romances conhecer aspectos importantes da cultura e da sociabilidade de localidades à margem do Rio Amazonas em meados do século XIX.

Quem são os narradores e os personagens? Quais os espaços sociais presentes nas três obras? Que aspectos da sociabilidade aparecem nos romances? São algumas questões que buscaremos responder para depois imbricar com a análise das categorias teóricas cultura e identidade. Para conhecimento e uma melhor compreensão dos leitores, apresentam-se brevemente os enredos dos textos literários.

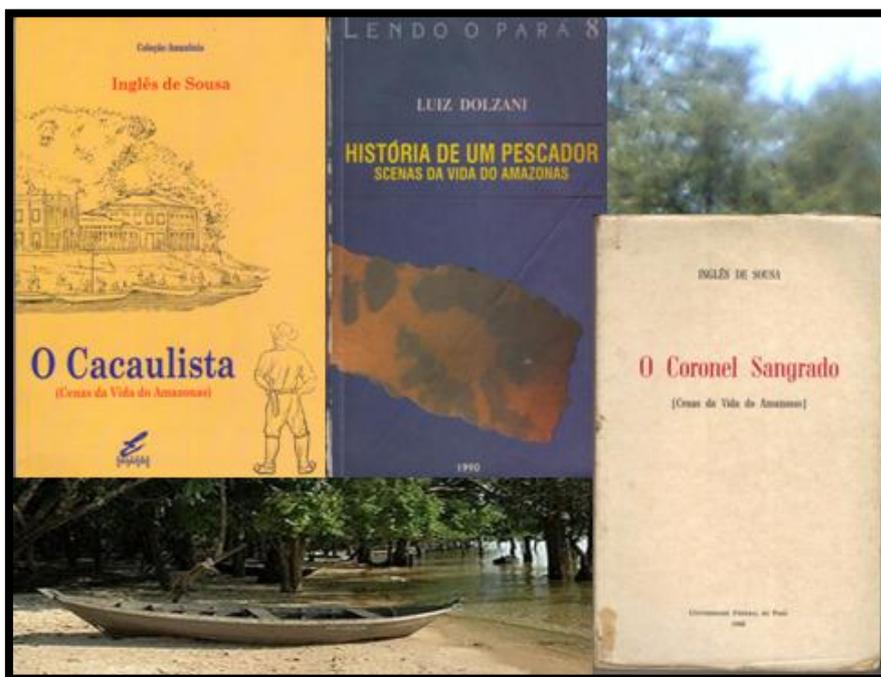
3.1A TRILOGIA CENAS DA VIDA DO AMAZONAS

Os três primeiros romances escritos por Inglês de Sousa e assinados sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, organizados com o subtítulo de *Cenas da vida do Amazonas*, constituem a trilogia que marca o início da breve carreira literária do autor paraense. Inglês de Sousa. O autor anuncia, na apresentação de *O Cacauleta*, que este faz parte da coleção “Cenas da vida do Amazonas” e, ainda, que os episódios nele narrados serão complementados em *O Coronel Sangrado* (1877).

O Cacauleta, escrito em 1875 e publicado em 1876, em Santos, foi a primeira obra de Inglês de Sousa. Nela, o autor apresenta ao leitor um vasto território dos costumes e do *modus vivendis* dos habitantes da cidade de Óbidos, na Província do Pará, na segunda metade do século XIX. Segue-se a este livro *História de um Pescador* e *O Coronel Sangrado* (1877), que retoma alguns personagens do primeiro romance e trata de questões ligadas ao fazer político nesse período, marcado pelo cabresto do voto

comprado e por relações em que fica claro quem manda nessa região: os cacaulistas e os donos de grandes extensões de terra e gado.

Figura 2: Capasdas edições analisadas dos três romances



Capa 1: O Cacaulista (1876), 2ª Edição, 2004

Capa 2: História de Um Pescador(1876), 2ª Edição, 1990

Capa 3: O Coronel Sangrado (1877), 1ª Edição. 1968

3.1.1 O desenredo dos romances

O Cacaulista(C)

O Cacaulista conta a história de Miguel, um jovem que, junto com a mãe, possui uma fazenda chamada São Miguel, pequena extensão de terra onde é cultivado cacau e onde há alguma cabeça de gado. Sua mãe herdara a fazenda do marido, o português João Faria. Uma parte dessas terras, chamada Uricurizal, é constantemente ameaçada por um vizinho, o tenente Ribeiro, um mulato muito temido na região.

A trama central ocorre em torno da posse dessa terra. Para a demanda os tapuios são chamados pela família de Miguel, para jurar ou dar seu testemunho sobre quem eram os donos originários da terra, em troca de dinheiro e da garantia de proteção contra o recrutamento. Um dos cablocos acaba jurando contra, e a família de Miguel perde a terra. Em meio à trama, Miguel se apaixonou pela afilhada do tenente Ribeiro.

Mas Rita é prometida pelo tenente ao Moreira. Ao fim da história Rita e Moreira casam-se.

Miguel resolve partir para Belém, possivelmente por causa de duas derrotas: perdeu a terra demandada ao tenente e perdeu o amor de sua vida, a afilhada do tenente, Rita.

O Coronel Sangrado (CS)

Em *O Coronel Sangrado* há a continuidade da história iniciada em *O Cacauleta*. Miguel retorna de Belém para Óbidos, após 5 anos de ausência. Em Óbidos é recebido pelo Tenente Coronel Severino de Paiva, apelidado de o “Coronel Sangrado”, por exercer a cura de doenças por meio de sangrias. O coronel tem aspirações em relação à entrada de Miguel na política como membro do partido conservador e ainda torná-lo seu genro.

Miguel conhece Mariquinha, a filha do coronel Severino de Paiva. Mas não esquece a sua paixão jovial – Rita, e, quando o esposo dela morre, Miguel volta a procurá-la. Relações de poder aí se mesclam às questões pessoais. Os conservadores mandam na cidade e brigam pelo poder contra os liberais.

Alguns membros do próprio partido do Coronel Sangrado o traem porque não concordam com a indicação de Miguel para a câmara e tiram o nome dele das prévias eleitorais. Com a derrota política, o coronel adoece, depois de receber a notícia de que Miguel vai casar-se com Rita, não suporta a traição e morre no final do romance, tomado por uma manifestação de cólera contra o português Vastos, que tinha lhe dado as notícias, expressa pelo narrador:

O coronel Sangrado ergueu-se de um ímpeto, e como movido por uma força estranha. Estava quase negro. Os olhos grandemente abertos tinham um fulgor sinistramente amarelo. As narinas extremamente dilatadas, o rosto cavado e uma indizível expressão de cólera que tinha o seu semblante, davam-lhe à fisionomia um aspecto horrível. Atirou-se de novo contra o português, agarrou-o pelo colarinho, atirou-o com uma força sobre-humana contra a parede, agarrou-o de novo, tornou a atirá-lo, bradando em tom de voz vibrante e áspera: -Canalha, canalha! (CS, p.189).

História de um pescador (HUP)

O enredo do romance é a história de José, um pescador. Filho de Anselmo Marques e de Benedita. Os três viviam em um pequeno sítio em uma das margens do Igarapé de Alenquer, próximo de Óbidos. Ainda menino, é mandado para estudar no Colégio de São Luis Gonzaga, em Óbidos, por recomendação do padre José.

Após quatro anos de estudos, José foge do colégio por ocasião de uma visita de sua mãe, que vai dar a ele a notícia da morte de seu pai quando fazia uma viagem para Santarém às ordens do capitão Fabrício Aurélio, “homem de maior influência naquelles logares, era rei e senhor de toda a gente pobre” (HUP, p.139). José volta de canoa para o sítio e, apesar de ter intenção de trabalhar de forma independente, é chamado pelo capitão, que lhe impõe um adura rotina de trabalho para pagar a dívida deixada pelo pai.

Um dia sai pra pescar, como de costume, e ocorre de não conseguir nada próximo de seu sítio. Vai se afastando e, por último, uma grande tempestade o leva para longe e acaba por afundar sua canoa. Depois de muita luta, consegue chegar a um sítio e é acolhido por uma senhora e sua filha. Era o sítio do finado Serapião, onde moravam sua viúva, e dois filhos.

Ali conhece Joanhina, por quem se apaixona e com quem resolve casar-se. José trabalha de sol a sol e entrega ao capitão tudo o que consegue durante o dia, seja na pesca ou na caça. Alguns acontecimentos, afundamento da canoa, perda da “confiança” do capitão nele e finalmente, o roubo de sua noiva, Joanhina, pelo capitão, atrapalham os planos de José que, num rompante de indignação, invade a fazenda e atira no capitão.

3.1.2A organização dos romances

O Cacaulista (1876), primeiro livro escrito e publicado por Inglês de Sousa organiza-se em 24 capítulos. No primeiro, o narrador fala da fazenda São Miguel onde moram Miguel, o protagonista da história, sua mãe D. Ana e algumas mulatas. No capítulo seguinte, é citado o tenente Ribeiro, mulato proprietário da fazenda vizinha, e, ainda, a principal questão do enredo: a disputa por um pedaço de terra denominado de Uricurizal. No terceiro capítulo, o narrador apresenta Rita, a afilhada de Ribeiro, moça de dezesseis anos, baixa e robusta, por quem Miguel se apaixonará. Além destes três personagens, é importante citar o padre José, irmão de dona Ana, responsável por levar Miguel para Óbidos e, ainda, os tapuios chamados para jurar na demanda de Miguel contra o tenente. São eles: tio Capucho, Ignácio Antunes e Martinho Mendes, moradores antigos do lugar.

O Coronel Sangrado (1877) é considerado pela crítica mineira Miguel-Pereira, o romance melhor elaborado por Sousa e o que representa melhor o Realismo na literatura, como já apontado no segundo capítulo. A narrativa é organizada em 26

capítulos, enumerados com algarismos romanos. A diferença para o primeiro romance é a mudança do *locus* dos acontecimentos: transfere-se a trama do espaço dos sítios à margem do Amazonas para o espaço “urbano” da cidade de Óbidos, onde os espaços de sociabilidade se ampliam, aparece a botica, a câmara municipal, a igreja, a casa de correligionários do partido conservador, entre outros.

Além disso, observa-se uma mudança na perspectiva temática. Apesar de ser continuidade do primeiro, vê-se que nele Inglês de Sousa sugere que as questões sociais, como a da posse de terra, por exemplo, podem ser resolvidas por alianças políticas e eleitorais. Tanto é assim que o episódio central do romance é a peleja eleitoral entre liberais e conservadores por vagas na câmara de Óbidos.

Em um trecho do romance CS, o boticário toma a palavra e rememora o episódio de *O Cacaulistada* demanda de Miguel contra o mulato Ribeiro, pelas terras do Uricurizal, mostrando que a questão se resolveu com dinheiro e influência do mulato. O narrador observa:

Naquele tempo os liberais eram tudo nesta terra. Óbidos não era ainda comarca, nem havia juiz formado aqui; por isso o Ribeiro arranjou tudo com cobre, ganhou a questão, e ainda em cima achou um branco de boa família para genro (CS, p.13).

História de um pescador (1876), por sua vez, é, segundo o próprio autor adverte ao leitor: “uma narrativa de muitos defeitos, escrita com pressa durante os trabalhos do ano letivo” (n/p). O texto foi dividido em três partes. A primeira parte é composta de dez títulos (capítulos), que tratam da trama central do romance; ora apresentando um personagem, caso dos capítulos intitulados “Joaninha”, ou “O Capitão Fabricio”; “O Manoel Andrade”. Outras vezes, apresenta um lugar: “Retiro”, nome do sítio onde mora a jovem Joaninha, “O Lago Grande”, local de pesca do pirarucu; e outras vezes alguma situação; “A festa que acabou mal”, “Desilusão”.

Nota-se o escritor ainda muito preso a uma racionalidade expressa na construção linear do romance, na dificuldade de construir um enredo mais imbricado, em que as situações diversas envolvam diferentes vozes de personagens, muito próprio do romance moderno e que de certa forma só começa a germinar em *O Coronel Sangrado*.

Por isso, em HUP, os personagens são apresentados um a um, algumas vezes em um capítulo inteiro, possivelmente mostrando a pouca maturidade do autor. A impressão que o leitor tem quando lê pela primeira vez *História de um pescador* é de certa quebra no ritmo da narrativa, tornando-a lenta. As situações são apresentadas uma

a uma, ou seja, a trama apresenta certa simplicidade na construção do enredo e no encadeamento das ações; o que pode enganar o leitor desavisado, que não interpretar os personagens como papéis sociais e imersos em conflitos, que estão além da aparente singeleza e simplicidade do romance.

Inglês de Sousa em HUP não mostra apenas um tipo social: o pescador. Os tipos sociais desfilam diante do leitor de forma linear, mas importa ressaltar a situação social explicitada pelo romancista. José é pescador, mas é também um *agregado*, categoria social, relacionada a homem livre no nascente capitalismo. E veremos, no decorrer dessa análise, que é justamente o fato de Inglês de Sousa, principalmente nessa trilogia, revelar essas relações desiguais na Amazônia do século XIX, que torna a obra digna de ser conhecida, interpelada e interpretada à luz da teorização dos Estudos Culturais.

3.2A ESTÉTICA DO TEXTO LITERÁRIO

O crítico da literatura brasileira Castello aponta que a época em que Inglês de Sousa produz sua literatura é

[...] uma fase de pesquisa e debate sobre a identidade nacional da nossa literatura, neste caso voltada para um “tipo brasileiro” de narrativa “realista”, quer dizer informativa e verdadeiramente documental, também preocupada com o registro de vocábulos regionais, procedimento mais intuído, do que linguístico (1999, p.249).

Esse aspecto aparece em *O Cacauleta*, quando chega um caboclo no sítio de D. Ana, mãe do protagonista Miguel, e diz: “-*Eanecuema*, nhá branca- disse então tirando o chapéu. – *Eanecuema* (bom dia)- respondeu a viúva de João Faria” (C,p.37). Amarílis Tupiassuchama de

[...] falsa calma do texto, vinda da amarração espontânea das frases ponteadas de amazonismos que bóiam com delicadeza à flor do discurso tecido com impressionante naturalidade, dando vazão, por uma das várias janelas transversais do romance, a verdades antigas, como a existência de brasileiros bilíngues, falantes de uma língua portuguesa, compassada por vocábulos tupis (2004, sp)

A leitura cultural do texto literário não exclui a necessária análise das estruturas textuais e das formas particulares de organização discursiva. São muitos os exemplos de representação do linguajar dos habitantes dos sítios à margem dos paraná-mirins. Em CS, aparecem reduções vocabulares como “nhá”, “nhó”, “disque”,

“paresque”, expressão de desprezo como “Achi”, “Ara”, na fala de uma “chibante crioulinha de dezoito anos” (CS, p.14).

Neste sentido, a obra de Inglês de Sousa permanece aberta, pois apresenta, literalmente, um caudaloso rio de possibilidades de análise e interpretação em diferentes perspectivas teóricas, desde as ocorrências linguísticas do tupi-guarani, da metalinguística, inventário do linguajar do povo caboclo (“enacuema”, “paresque”, “disque”, “vossuncê”, “namasque”), originárias do tupi ou de formas corrompidas do português- “paresque” (parece que), “disque” (diz-se que), “namasque” (não mais que) presentes nos romances e nos contos do autor; passando pelo cabedal de costumes e credences até as formas de organização e de convivência social dos ribeirinhos da região ocidental das então Províncias do Pará e Amazonas.

Nos romances do escritor paraense, o ser humano, representado em *personagens-tipo* está no centro das relações, sejam elas sociais, culturais ou econômicas. Esse ser humano é também um ser da linguagem. Assim, estudar o romance como signo cultural produzido em vários estágios da história humana, significa mostrar e representar a riqueza da diversidade cultural presente no território em que se movem estes sujeitos, ou seja, as diferentes formas de as pessoas viverem e conviverem em espaços sociais, geográficos e, portanto, culturais.

Essa diversidade cultural aparece nos três romances, seja no relato de festas religiosas, nas formas de pesca, principalmente a do pirarucu, nas formas de tratamento comuns a estas populações, caso do uso de apelidos, na descrição dos costumes alimentares, na descrição das relações políticas, nas cantigas das noites de sereno, entre outros.

Para Mikhail Bakhtin, “O romance é um gênero híbrido, no sentido de representar a imagem do homem na linguagem” (1995, p.20). Além disso, é também um objeto estético, que se compõe de dois elementos imbricados: conteúdo e forma. O crítico russo (2002) faz uma longa discussão sobre a estilística de composição do romance e aponta cinco tipos de unidades linguísticas em que se decompõe esse gênero literário.

São elas: 1) a narrativa direta e literária do autor; 2) a estilização das diversas formas de narrativa oral tradicional; 3) a estilização de diversas formas de narrativa escrita (cartas, diários), 4) outras formas literárias, que estão fora do discurso literário do autor, como escritos morais, filosóficos, científicos, descrições etnográficas; e

finalmente, 5) os discursos dos personagens estilisticamente individualizados. Estas unidades estilísticas formam um sistema literário harmonioso que leva este autor à seguinte definição de romance:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas, [...], enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. [...] O discurso do autor, os discursos dos narradores, os discursos dos personagens, os gêneros intercalados não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance (2002 p.74-75).

Inglês de Sousa em sua escritura apresenta essa diversidade social de linguagens apontadas por Bakhtin. O dialeto social é bem marcado na fala dos personagens, mesmo entre os brancos. Por esta definição conclui-se que um “bom romance” seria aquele em que se observa esse plurilinguismo, ou seja, o aparecimento de variadas formas escritas e orais de expressão vocabular que organizam o discurso romanesco. Para Bakhtin, a principal característica do gênero romanesco é o homem que fala e sua palavra, o que se desdobra em três momentos:

1) No romance o homem que fala e sua palavra são objetos tanto de representação verbal como literária; o discurso do sujeito falante no romance não é apenas transmitido ou reproduzido mas *representado artisticamente* e ainda, representado pelo próprio discurso; 2) o sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social*, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social; 3) o sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideograma* (2002, p.134-135).

Analisando a prosa ficcional de Inglês de Sousa, com base na estratificação apontada por Bakhtin, e considerando que os sujeitos que falam em seus romances são sociais, convém fazer algumas observações. Mesmo tendo sido escrito no século XIX, os romances apresentam narradores e personagens cuja linguagem remete à estilização de narrativas tradicionais, ou seja, há ambientes de comunicação, onde se conta a história, há a presença de interlocutor, o que se nota na forma como o escritor utiliza alguns marcadores textuais, como por exemplo, pronomes de tratamento e oblíquos como recurso para mostrar a interação oral, a conversa, o diálogo. Assim, em HUP aparece o seguinte texto “-Ides pensar talvez, **dizia-me o boticário** quando chegava a

este ponto da narração, ides pensar que eu exagero a situação de José e de Benedicta” (HUP, p.49, grifo nosso).

No plano sintático, a utilização do pronome oblíquo “me” significa proximidade, conversa face a face, diálogo utilizado como recurso estilístico e que se evidencia também no uso do hífen, indicando o discurso direto. No uso do pronome, está implícito que há a presença de um interlocutor e de alguém que conta a história do pescador José, no caso o boticário, que é o narrador dessa história. Este mesmo tipo social reaparecerá em *O Coronel Sangrado*, citado pelo narrador como “jornal da terra, a crônica viva” (CS, p.11).

A imbricação entre forma e conteúdo aparece na estrutura narrativa, ou seja, Inglês de Sousa utiliza uma linguagem com alguns recursos estilísticos para dar “efeito de realidade” ao romance, como já apontado no segundo capítulo. Trata-se do uso de algumas expressões linguísticas indígenas e um recurso interessante de aproximação do narrador com o narratário²⁰, como que buscando trazê-lo para a trama, envolvê-lo, e mesmo num momento de nascedouro do romance brasileiro, inserem-se no texto literário outras formas textuais escritas: cantigas, cartas. É o caso da cantiga que aparece em HUP, por ocasião do rapto de Joanhina, a noiva de José:

Entraram todos precipitadamente na canoa. O mulato sentou-se ao jacuman, e dando forte remada cantou com a voz rouca:
Tu queres, pomba fugir
das unhas do gavião...
Mas não fiques já contente
Que tu não escapas não! (HUP,p.150)

Sousa utiliza outros recursos estilísticos, como por exemplo, as cartas, que aparecem em HUP e em *O Coronel Sangrado*. Em HUP há um capítulo intitulado “A Carta”, momento do romance em que o pescador recebe uma carta do seu protetor Padre José:

José, Sou obrigado a partir quanto antes para a capital e a aproveitar o Arary, por se me terem agravado os males antigos. Fica por isso adiado o teu casamento, se me quiseres fazer a graça de esperar por mim (HUP,p.89, grafia original).

Em CS, há uma carta de maior porte e densidade, porque nela Miguel, o protagonista dos dois romances- *O Coronel Sangrado* e *O Cacauleta* escreve a um amigo contando de sua súbita saída de Belém. Há nesta carta uma maior densidade, à medida que Miguel vai descrevendo para o amigo Júlio, a beleza de sua viagem pelo

²⁰ O narratário é, segundo a narratologia, o leitor de papel, aquele a quem o narrador está contando a história.

Amazonas. Há, ainda na carta um tom poético e, diríamos, intenso e melancólico, expressão da subjetividade do personagem que retorna a sua terra natal:

Depois de mais de cinco anos de exílio ía eu rever a família, os amigos da meninice, aquelas grandiosas terras do Amazonas que nunca se cansa a gente de admirar, e que uma vez vistas deixam na alma uma impressão profunda e duradoura.

Fora com impaciência viva que eu aguardara o dia da saída do vapor, sorvendo o vermelho pó da aborrecida Belém. Eu ia rever o Amazonas. Aquelas regiões, que eu deixara menino, apareciam-me agora envoltas num véu de não sei que grandioso e maravilhoso sonho.

[...] À meia-noite seguiu viagem o Madeira, dobrando galhardamente as muitas ilhas que fecham a entrada de Belém. O convés estava cheio de passageiros. A noite estava escura; **miríades de estrelas brilhavam**, porém, no céu, e as luzes da cidade adormecida refletiam-se nas águas da baía do Guajará, inundando de luz a superfície do rio (CS, p.24, grafia original, grifo nosso).

Transcrevemos esse longo excerto para mostrar como neste romance em especial, Inglês de Sousa utiliza recursos da língua, expressos nas figuras de linguagem “miríades de estrelas” e “cidade adormecida” apenas para exemplificar certo cuidado com a construção do romance, que, além de mostrar a subjetividade do personagem, a melancolia do retorno à terra natal, demonstra o cuidado e a beleza do texto do romancista.

Importante ressaltar que, se Inglês de Sousa não era um viajante por estas águas, depois de ter saído da Amazônia aos 11 anos, quando foi fazer seus estudos no Maranhão, depois se fixou em Recife e depois no Rio de Janeiro, conhecia, no entanto, sua cartografia e história, possivelmente por meio de relatos e outros escritos sobre a região, além das informações do seu pai. O certo é que o autor cria seus romances e personagens, combinando memória, observação e imaginação, e escreve com propriedade e conhecimento da região, além, é claro do tom poético impresso em algumas páginas e irônico em outras, quando o narrador descreve alguns tipos sociais.

3.2.1 Espaço e tempo nos romances

Espaço e tempo, enquanto categorias das narrativas, são bem marcados nas três obras. Em HUP, os espaços são os sítios, portanto espaço rural. Às margens do grande rio e seus paraná-mirins se dão os acontecimentos. Assim, grande parte da trama do enredo se passa entre os sítios de Jacaretúba, situado em uma das margens do Igarapé de Alenquer, pertencente à família do pescador José, e a fazenda do capitão Fabrício.

O tempo é linear, cronológico: “Quando José acordou no **dia seguinte**, não encontrou mais o pai [...]”; “**Quinze dias depois**, o menino entrava no collegio de S. Luiz “ (HUP, p.27); “**Eram cinco horas da tarde**, e José não tinha ainda pescado coisa que ao menos servisse de alimento para o dia seguinte” (HUP, p.39, grifo nosso).

Vale essa mesma observação para seu primeiro romance *O Cacaulista*, como exemplo, o trecho inicial do romance que marca o tempo pretérito, tempo cronológico, tempo em que o narrador começa a contar a história do cacaulista Miguel: “Algumas milhas acima da cidade de Óbidos, à margem do Paraná-mirim, **existia ainda em 1866** a fazenda chamada de S. Miguel, bonito sítio em que se plantava cacau, e se criavam algumas cabeças de gado” (C, p.29). “**Por uma manhã de janeiro** estava D. Ana sentada na maqueira da varanda” (C,p.35) “**Eram duas horas da tarde**, quando Miguel, coberto com um chapéu do Chile” (C, p.43). O tempo bem marcado nos sintagmas adverbiais: uma manhã, duas horas da tarde, etc.

Em CS, ocorre da mesma maneira. A marcação do tempo é linear, cronológica. No início do romance, lê-se:

Pela manhã de um dos últimos dias de maio de 1870, três pessoas qualificadas da cidade de Óbidos achavam-se reunidas na antesala da botica do Sr. Anselmo Pereira, no largo da Cadeia: o escrivão do Júri Félix dos Santos Ferreira, o capitão Manuel Matias e o dono da casa (CS, p.11, grifo nosso).

A descrição minuciosa e objetiva do tempo deixa claro para o leitor o momento do acontecimento que abre a narração do romance. O sintagma destacado no grifo permite situar-se perfeitamente no tempo cronológico. Diferente do romance que o antecedeu, no caso de CS, o espaço de acontecimento de grande parte da trama é o da cidade. O povoado de Óbidos é o espaço geográfico, humano, social e histórico onde se movem os personagens de CS. O espaço da botica é de interação, é onde se sabe dos acontecimentos da cidade, quem vai casar e quem vai chegar. Lugar de conversa e sociabilidade.

3.2.2 Personagens e narradores: vozes de uma cultura

Ainda no século XVIII, Johson (*apud* CANDIDO, 2011) definiu dois tipos de personagens: a “de costume” e a “de natureza”. O primeiro tipo apresenta uma característica distintiva, revelada por um aspecto invariável, enquanto que a “de natureza” é apresentada não apenas por seus traços superficiais, mas por seu lado íntimo de ser.

Deste modo, pensando essa reflexão de Johson em termos atuais,

pode-se dizer que o romancista de costumes vê o homem pelo seu comportamento em sociedade, pelo tecido de suas relações e pela visão normal que temos do próximo. Já o romancista “de natureza” o vê à luz da sua existência profunda, que não se patenteia à observação corrente, nem se explica pelos mecanismos das relações (CANDIDO, 2011, p.62).

Essa discussão foi retomada por Forster, que distinguiu as personagens planas e as esféricas: “As planas eram chamadas *temperamentos* no século XVII e são por vezes chamadas tipos e caricaturas, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade” (CANDIDO, p. 62). As personagens esféricas não são claramente definidas por este autor, mas supõe-se que, diferente das “planas”, apresentam uma construção mais complexa, e podem variar de qualidade ao longo do romance.

Como é próprio do Naturalismo-Realismo, os três romances analisados apresentam personagens construídas com pouca densidade psicológica, apesar de, em alguns trechos dos romances, aparecerem recursos à digressão e à autoanálise, demonstrando certa subjetividade nessa construção, o que, segundo Seymour Chatman (1990, p.195 *apud* MACHADO, 1995, p.119), “Trata-se de um tipo de discurso em que a transmissão da palavra interior se realiza fora do discurso pronunciado do personagem ou do narrador”, é um monólogo interior. Um bom exemplo disso é o momento em que José, o pescador, pensa sobre sua condição social de subserviência em relação ao seu antagonista capitão Fabrício:

José voltou para a casa, perdido em reflexões pouco alegres. Não lhe tinha passado pela mente que teria de, logo chegado ao sítio, trabalhar para o capitão Fabrício. Isto não entrava nos seus planos. Ele, que amava sobretudo a independência, sentia grande repugnância pela posição de *agregado*. Queria ser pobre, mas poder trabalhar à vontade (HUP, grafia original, p.34).

No geral, os personagens aparecem mais como tipos sociais ou representações de sujeitos. Tipo é considerado uma subcategoria de personagem, uma síntese entre o coletivo e o individual. É uma forma de representar certos dominantes em algum aspecto, seja profissional, psicológico, político, cultural ou econômico. De acordo com Carlos Reis, a concepção lukacsiana privilegia os componentes socioeconômicos. Segundo o mesmo autor, o que evidencia a presença de um *tipo* em um romance é um conjunto de sintagmas que designam a indumentária, o discurso e as reações do personagem (REIS, 1981, p.223-224).

Os títulos dos romances já trazem a marca dessa forma de construção dos personagens, o primeiro é um cacaulista, portanto um fazendeiro, plantador de cacau, personificado no jovem Miguel Farias; no segundo romance, o tipo social é o pescador e

também lavrador José, cuja principal identificação, recorrente na fala do narrador, é a de ser um tapuio, uma identidade étnica. E, finalmente, no terceiro, coronel sangrado, marca e apelido do coronel, diz o narrador tão comum em Óbidos, “terra dos apelidos” (CS, p.9).

No último romance, os tipos sociais aparecem com maior evidência. Assim, o apelidado “coronel sangrado”, tenente-coronel Severino, se compara a Napoleão, e sua indumentária é descrita com detalhes pelo ficcionista: “Têso e apertado na gravata de couro, com o chapéu armado pôsto de través (à moda do primeiro Napoleão, que êle em tudo procurava imitar) e a comprida espada a se lhe atrapalhar nas pernas” (CS, p.18). O coronel representava o poder militar: “Ai daquele que ousasse faltar à forma! Muitas vezes sucedia de em dia de revista mandar o tenente-coronel que metade de sua gente recolhesse a outra metade ao xadrez” (CS, p.18).

Construído com minúcia e certa densidade pelo ficcionista, esse personagem traz em si ambiguidades traduzidas pelo fato de que, mesmo representando o poder na velha Óbidos, ou seja, “ quando se tratava de levar votantes à urna, Severino de Paiva era o mesmo comandante de batalhão despótico e malcriado, cheio de iras e de arrotos de importância” (CS, p.19). Mas era dado também à homeopatia, receitava sangrias para os enfermos: “ toda gente pobre sabia que encontrava no Severino estas duas coisas: remédio para suas doenças e cadeia para suas faltas à revista” (CS, p.19).

Em vários momentos da narrativa, Inglês de Sousa imprime um forte tom de ironia a este personagem. Em dado momento, quando está esbravejando contra o mulato Ribeiro, o narrador diz: “o nosso homem levantando-se, batendo no peito e torcendo o bigode - vocês não sabem quem é cá Severino de Paiva! Sejam os liberais ribeiristas ou ingleses que eu serei o grande guerreiro Napoleão! (CS, p.38).

Importa fazer uma última observação em relação ao romance CS. O personagem-título do romance é o tenente coronel Severino, mesmo que a ênfase do enredo recaia sobre Miguel. A importância desse personagem está em que representa o velho poder dos coronéis do Partido Conservador nestes povoados, manda e desmanda quando bem quer, mas de certo modo o seu destino na trama acaba ficando em segundo plano, em função do foco no personagem do romance anterior. O tenente Ribeiro, personagem antagônico a Miguel, também tem um relevo importante em CS, pois participa das eleições para a Câmara contra o coronel Severino Paiva.

De qualquer forma, Inglês de Sousa mostra as alianças políticas: fazendeiros e coronéis comandando a vida da maioria das pessoas do povoado. O que fica bem patente

quando o narrador começa a narrar como os eleitores eram tratados pelos dois partidos em disputa em Óbidos:

Mal abeirava a canoa do matuto que vinha para as eleições, ou para algum negócio seu, era o pobre-diabo agarrado, obrigado a optar entre o *viveiro* do Sr. Major e o *viveiro* do Sr. Tenente. [...] Os liberais rondavam o viveiro conservador e os conservadores o viveiro liberal, no intuito de furtarem algum votante desgarrado (CS, p.136, grifos do autor).

Outros personagens do romance são apresentados como tipos sociais: o escrivão do júri, o capitão, o boticário e Mariquinha, a filha do coronel. O boticário Estevão, por exemplo, é um “homenzinho magro, de carão comprido e chupado, e de cabelos longos e raros. Era o jornal da terra, a crônica viva, pois que a botica” (CS, p.11); o escrivão era “uma entidade quase nula, de quem não se diz nem bem nem mal” (CS, p.11). Na nascente sociedade amazônica, patriarcal, vejamos um fragmento de o CS, que descreve uma “reunião de homens” na casa de um dos mais importantes membros do partido conservador de Óbidos:

No sofá, nas cadeiras que o cercavam e em torno de uma mesa redonda achavam-se sentados os Srs. Tenente-coronel Severino de Paiva, capitão Matias, escrivão Ferreira, professor Antonio Gonçalves, Dr. Justino, Francisco Alves, conhecido pelo *Chico Perereca*, tenente Felisberto Gama, homem rico e descendente por linha masculina do famoso coronel Gama, o *rei do Baixo- Amazonas*; o coronel reformado da Guarda nacional André Pereira Pais Leme, homem pobre e honrado, incapaz de inventar a pólvora; o cirurgião Félix Labareda, vulgo *Maçante* pelo vício principal do seu caráter; o português naturalizado Antonio Antunes, mais conhecido por *Trancado*, negociante de todos os gêneros, com uma bem sortida loja à rua São Francisco; o José Francisco Pereira, dono do melhor açougue da cidade, e de muita influencia entre os fregueses da *arraia-miúda*; e o nosso conhecido Miguel de Faria. Cruzava a sala em todas as direções, falando ora a um, ora a outro o dono da casa, Antonio Batista (CS, p.119, grifos do autor).

São, segundo o narrador, os 13 homens que representam tudo o que o Partido Conservador tem de melhor em “fortuna, talento e posição social” (CS, p.119). Do fragmento ressalte-se a importância dada à ascendência masculina do tenente e o modo vulgar como são tratados os pobres, “honrado, mas incapaz de inventar a pólvora” e “arraia-miúda”, discriminando os moradores de menor poder aquisitivo.

Em HUP, temos como personagem central, que dá nome ao romance, o pescador José, neste caso identificado a partir do trabalho com a pesca e o extrativismo. É chamado pelo narrador de tapuio, o que representa uma identidade étnica. A personagem não tem muita mobilidade no texto, ou seja, os espaços que percorre se

repetem, entre a fazenda do seu “benfeitor”, o capitão Fabrício, e o terreiro de seu pequeno sítio em Jacaretuba. Além destes espaços, aparece vagamente a cidade de Óbidos, quando o rapaz foi mandado para estudar no colégio de padres, e o sítio “Retiro” onde conheceu Joaninha, a mameluca por quem se apaixonou.

O narrador assim descreve o jovem tapuío:

Menino educado nas estreitas ideias dos tapuyos paraenses, tinha-lhes José todos os defeitos, como todas as virtudes. Altivo e independente de índole, os anos passados no collegio haviam-lhe soffreado o genio, mas não suffocado de todas aquellas qualidades, que romperam mais fortes e vivas, quando de novo tornou á vida que tanto apreciava (HUP, p.33, grafia original)

A mãe de José, Benedita, é também uma tapuíia, assim como seu pai Anselmo. Aparecem nos romances vários personagens secundários identificados como tapuíos. É em torno destes personagens “tapuíos” que construímos a análise do quarto capítulo desta dissertação. Alguns fragmentos que qualificam esses personagens: “idealizava a vida de matutto” (HUP, p.34); “tapuío ignorante, descuidoso, mas bom de índole, se torna mal pelas circunstâncias” (HUP, p. 50); “estreitas ideias dos tapuíos paraenses” (HUP, p.33), ignorância, descuido, ideias estreitas, descrições carregadas de preconceito vão compondo essa identidade.

Nos romances, ora o narrador se remete aos moradores como tapuíos, ora como caboclos, mostrando certa variação no uso dos termos para se referir aos representados. Olhar e calar aparecem nas narrativas como significantes do comportamento cultural do tapuío. São reações presas a uma forma de se ver e de ser visto nesse mundo colonizado.

Sobre os narradores, Walter Benjamin observa que estão entre as pessoas das camadas sociais mais baixas, estão entre o camponês sedentário e o marinheiro. Segundo o autor:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores (1994, p.198).

De um modo geral, pode-se afirmar que os narradores da trilogia estão entre estes contadores e são oniscientes, pois conhecem e vivem as histórias contadas. Um deles é o boticário de Óbidos, como já analisado, narrador da história de José.

Há fortes marcas textuais que evidenciam o estilo de produção literária do ficcionista paraense, deixando os bastidores dessa produção à vista do leitor-narratário: “Não era que ligasse grande importância ao terreno disputado; já deve ter **percebido o leitor** que mãe e filho eram levados pelo desejo de humilhar o audacioso mulato.” (C, 2004, p.52, grifo nosso). Neste excerto do romance, o narrador ganha certa autonomia e dirige-se diretamente ao leitor-sujeito real, extra-textual. Explicita a ele uma situação, corroborando uma construção que retoma as velhas rodas de contação de histórias – sai do texto, como que para evidenciar a realidade do que afirma a partir de uma identificação do escritor-narrador com o universo de realidade do leitor.

No romance *OCacaulista*, o narrador, referindo-se ao parágrafo anterior da narrativa, pergunta ao narratário “A quem se referiria o plural que grifamos?” (C, p.79) e, ainda, “Como vemos leitores o casamento de Rita encontrava as opiniões divididas” (C, p. 174). O narrador se posiciona, é um narrador onisciente. Essa estética aproxima o leitor real do texto, materializa a cena e possibilita ao leitor “visualizar melhor” as situações de conflito.

CAPÍTULO IV

4 CAMINHO DE RIO: CULTURA E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA

4.1 AS VOZES SOBRE IDENTIDADES NA AMAZÔNIA

No cenário de uma Amazônia exuberante, *Cenas da vida* emergem nos caminhos entre florestas, rios e cacauais. Aqui se inicia a parte final desta viagem. A reflexão sobre identidade na Amazônia. Por igarapés, furos e paraná-mirins tentaremos revelar quem são estes seres humanos-personagens de papel no romance de Inglês de Sousa. Quem são os tapuios? Caboclos? Indígenas semicivilizados? Mamelucos? Mulatos? Que seres humanos estão representados em seus romances? O que representam no quadro social e político da Amazônia oitocentista? São questões que nos motivaram a perquirir e inventariar as identidades e analisá-las com a perspectiva de que conformam a chamada sociedade amazônica.

Benchimol cita Teodoro Sampaio, que definiu “caboclo” ou “caboco” como vocábulo originário do tupi *caá-boc-* que significa tirado ou precedente do mato (2009, p. 25). Outra etimologia diz que “caboclo” vem da palavra tupi kari’boka, que significa filho do homem branco (FERREIRA, 1971 *apud* LIMA, 1999). De acordo com Deborah Lima, ambas as etimologias são especulativas, mas a primeira parece ser a mais correta, uma vez que na Amazônia o termo “caboclo” foi inicialmente utilizado como sinônimo de tapuio (1999, p.9), possivelmente isto explica porque o termo é recorrente no romance HUP de Inglês de Sousa, sendo a principal identificação do personagem central *José*.

Deborah Lima argumenta que “a história da formação da sociedade amazônica, com sua estrutura de classes e a representação social dos grupos que a compõem são reflexos da construção histórica do termo e do seu uso” (1999, p.5). Em seu estudo, observa que os “caboclos” são reconhecidos pelos brasileiros em geral como o **tipo humano** característico da população rural da Amazônia (1999, p.6, grifo nosso). Mas a problemática em torno desta identidade não se esgota nesta definição. A autora defende que o caboclo pode ser visto sob três perspectivas: enquanto categoria de mistura racial; enquanto classificação social e categoria relacional.

Enquanto mistura racial, o caboclo seria o descendente direto do branco e do índio, o que é possível, uma vez que a colonização nesta região teve uma intensa política de integração das populações indígenas à sociedade colonial, sejam por quaisquer vias. O “caboclo” como classificação social, diz respeito a representações de

classes sociais, uma classe social superior branca e uma classe baixa rural cabocla, o que aparece claramente em *História de um pescador* nas personagens “José, o tapuio pescador” e seu antagonista “branco, capitão Fabricio”, e nos outros dois romances de forma fragmentária, nos personagens Miguel e coronel sangrado como personificações dos brancos, e em alguns personagens secundários identificados como “tapuios”.

Finalmente, o tapuio enquanto categoria relacional, nas palavras de Lima:

Nessa utilização, o termo identifica uma categoria de pessoas que se encontra numa posição social inferior em relação àquela com que o locutor ou a locutora se identifica. Os parâmetros utilizados nessa classificação coloquial incluem as qualidades rurais, descendência indígena e “não civilizada” (ou seja, analfabeta e rústica), que contrastam com as qualidades urbana, branca e civilizada (1999, p.7).

Na busca de entender as mudanças que ocorriam na Amazônia do século XIX, sua conformação social e humana, José Veríssimo, em trabalho sobre as populações indígenas e mestiças que habitaram a Amazônia, aponta que a

Essa população que habita as margens do grande rio e dos seus numerosos afluentes, vivendo a nossa vida, contribuindo para a nossa receita, trabalhando nas nossas indústrias, e que não é nem o índio puro, o brasílio-guarani, nem o seu descendente em cruzamento com o branco, o mameluco, é o que, parece-me, cabe o nome de tapuia (1970, p.14).

Historiadores, antropólogos e literatos têm se preocupado com as definições em torno desta identidade e com as representações a ela vinculadas, com o propósito de compreender os processos sociais e históricos vivenciados no solo amazônico. Neste inventário, observa-se que nos registros de viajantes diferentes formas de representação das identidades foram esboçadas. Em estudo sobre a vida das populações que habitavam às margens do Amazonas, Frei Daniel faz o seguinte comentário:

Os habitadores e naturais índios do grande Amazonas são gente também disposta, e proporcionada, como as mais da Europa, menos nas cores, em que muito se distinguem. Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente, porque não obstante a sua disposição, e fisionomia, houve europeus que chegaram **a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente**, e uma semelhança de racionais; ou uma espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana. E houve alguns espanhóis que quiseram persuadir ao mundo, e encaixar nos cascos dos mais homens esta tão descabida parvoíce, e desencaixada opinião, só para encobrirem com esta fraca capa os bárbaros insultos que com eles usavam e crueldades inauditas, que lhes faziam, porque matavamneles, como quem mata mosquitos, e os tratavam nos seus serviços como se fossem feras, e bichos do mato: antes com mais caridade costumam os homens tratar os seu brutos domésticos, do que eles tratavam aos pobres índios. Por outra parte era brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura, com que sem temor de Deus nem pejo dos

homens usavam, ou abusavam do sexo feminino, com tanta lascívia (DANIEL, 2004, p. 263, grifo nosso).

Considerados monstros ou arremedo de seres humanos na visão dos europeus, foram se construindo sobre os povos que aqui habitavam originariamente e os posteriores, estereótipos e representações que fomentaram preconceitos sem qualquer fundamento científico. Sobre esta questão, Wagley (1988) admite que alguns escritores têm sustentado que há nos trópicos sinais de retardamento do crescimento humano, causado pelo calor excessivo. Alguns sustentam que a própria vida nos trópicos leva à degeneração humana. Um destes extremistas é Ellsworth Huntigton, que chegou ao absurdo de declarar que os ambientes tropicais provocam “enfraquecimento da vontade que se manifesta na falta de indústria, na embriaguês, no temperamento irascível e na complacência social” (1988, p.30).

Essa visão de um ser humano condicionado ao ambiente natural e às suas possibilidades e interdições é bem relevante na literatura dos que por aqui passaram. A representação textual das pessoas que no território da Amazônia oitocentista se moviam, feita por viajantes ou por escritores litero-históricos, vem sempre carregada de um pessimismo.

Neide Gondim, na obra *A Invenção da Amazônia* (1994), fala dessa visão estereotipada sobre as pessoas que se moviam no território amazônico. Segundo ela, quando os cearenses aqui chegaram, foi dito sobre eles: “O cearense deita-se na rede quando não tem mais esperança e o organismo encontra-se minado pelas doenças. A rede anula a vontade, a perseverança, o interesse e a necessidade” (1994, p.236).

Há uma associação direta entre o objeto, no caso a rede, e o seu efeito sobre a vontade e o querer dos seres humanos. A rede é símbolo da indolência, da subserviência do homem às condições naturais. Gondim argumenta na obra citada, que a grande maioria dos romances sobre a Amazônia, neste período, se desenvolveu sobre a perspectiva de que “A floresta é responsabilizada pela transformação do homem; os caboclos e os índios são preguiçosos, indolentes e tidos como crianças grandes e ingênuas ou intrusos, desajustadores da harmonia natural” (1994, p.236).

Por um mesmo caminho se dão as narrativas de escritores nascidos nestas paragens. Referência para entender isto é o trabalho de José Veríssimo (1970). Para este autor, a explicação sobre a conduta do caboclo em relação ao trabalho e à vida em geral vem presa a uma visão biológica e hereditária, portanto aos princípios de raça, como bem assinala neste excerto:

É já uma lei conhecida e assentada a da **hereditariedade psicológica**; transmitem-se os grandes sofrimentos e passam dos pais aos filhos, influenciando sobre o caráter das gerações. Assim, parece que vibram ainda na alma desta gente, e mais na do **tapuio**, as angústias dos seus pais, não sob a forma primitiva da dor, mas transformada na tristeza e **indiferença**, a tristeza dos **fracos**, a indiferença pária dos embrutecidos pelo pesar (1970, p.22, grifos nossos).

Tristeza, indiferença, fraqueza vão compondo a representação sobre esse habitante, o caboclo, o tapuio. A explicação para a composição desta identidade está centrada não apenas na transmissão das características físicas por meio dos genes, mas também nas de origem na psique, concepção presa ao preconceito de raça. Neste momento, “raça” é uma categoria discursiva em torno da qual se organiza todo um sistema de poder socioeconômico de exploração e exclusão:

Filhos de **uma raça** para quem nada eram as privações dos gozos materiais, são eles como seus pais. Suas **mesquinhas habitações** são sem elegância e sem conforto. O ar entra-lhes parcamente, que a casa é baixa e as janelas poucas. Falecem-lhes aspirações de um melhor viver. Se o chefe da família vai a pesca e traz bom pescado, se o ano foi farto e a mandioca abundante, enfim, se eles tem alimento, ou segundo a sua expressão, mantimento, para algum tempo, as flechas, os anzóis, os arpões do pescador adormecem a um canto juntos da enxada e do terçado que serviram para o mofino cultivo da maniva, da cana ou do tabaco, até que acabem as provisões e que haja mister refazê-las. **Tudo o que exige ação, iniciativa, exercício continuado, persistência, a energia moral por onde as fortes individualidades se afirmam, lhes é impossível** (VERÍSSIMO, 1970, p.22, grifos nossos).

A reprodução deste excerto na íntegra mostra como é forte nestes autores a explicação do atraso social e econômico baseados no ideário científico da época, o Positivismo, o que acabou gerando preconceitos traduzidos em marcas linguísticas, presentes em várias obras e relatos do período. “Mesquinhas habitações”, relaxamento com os instrumentos de trabalho, falta de persistência e de energia moral vão compondo o cenário dessa vida do ser humano na Amazônia oitocentista. Para estes autores, o chamado tapuio é refratário à ideia de progresso.

Essas e outras representações são recorrentes nos relatos de viajantes e pensadores sobre a região, contribuindo para que se forme uma visão negativa dos primeiros povoadores. Esses elementos impediriam ao tapuio firmar uma individualidade forte. Benchimol (2009, p.19), em trabalho que discute a formação social da Amazônia, esclarece que o

Processo cultural do povoamento e ocupação da Amazônia teve como característica principal a multidiversidade de povos e nações. Etnodiversidade histórica e original que se manifestava não tanto por

aspectos raciais, mas por aspectos antropológicos e culturais ricos, típicos e diferenciados na linguagem, ritos, magias, usos, costumes, produtos ergológicos, formas próprias de subsistência nas lavouras itinerantes, nos processos de caça e pesca e, sobretudo, no uso e aproveitamento dos recursos florestais. Deste, extraíam os seus fármacos, frutos, óleos, fibras, resinas, cipós, venenos, afrodisíacos e alucinógenos, para as suas necessidades do quotidiano e do ciclo anual e sazonal da vida.

Benchimol explicita processos culturais ligados a uma diversidade étnica. O autor faz um inventário de 373 tribos indígenas que representavam a maioria da população da Amazônia em 1884, além de judeus, sírio-libaneses, ingleses, italianos, japoneses, etc. (2009, p.50). Como outros povos e culturas, aqueles que habitavam a Amazônia no século XIX, possuíam suas formas próprias de tratar a terra, de relacionar-se com a natureza, com o rio, com a floresta, com o trabalho, enfim, com o cotidiano. Esse conjunto de situações específicas do *modus vivendis* dos que aqui habitavam entrou em confronto com a visão dos que aqui chegaram.

Essa compreensão fortalece um olhar mais crítico sobre a formação das sociedades na Amazônia, rompendo com as visões racistas e geneticistas. A essa etnodiversidade, foram se juntando, segundo Benchimol: “por acomodação, integração, absorção ou dominação outros valores e correntes culturais” (2009, p.21). E, ainda, grandes contingentes humanos, entre estes, os nordestinos, principalmente cearenses, seduzidos pela fugaz riqueza do látex, os afro-negros “ com suas mulatas e descendentes, sobretudo, na Amazônia Oriental litorânea do nordeste paraense, no Maranhão e nas minas de Cuiabá e Mato Grosso” (p.21); e, ainda, povos ibéricos, judeus e libaneses.

Com maior ou menor ênfase essas identidades estão presentes na obra literária de Inglês de Sousa. Exemplos, o pernambucano Paulo da Rocha, personagem central do conto “O Rebelde”; a referência aos judeus no conto “O Baile do judeu”. Em *O Cacauleta*, o personagem tapuio *Capucho* faz um longo comentário de como era o Amazonas, logo que chegaram os imigrantes:

- Deus é quem sabe. O que é verdade; que antigamente tudo era diferente. No tempo do seu avô, o Amazonas era uma grande coisa; vinha gente até do Ceará do Maranhão para Óbidos, por sinal que ainda estão aí o João Correa e a mulher, o João do Lago, o Chico Ceará, e outros; mas hoje...(C,2004, p.50).

4.2 AS IDENTIDADES NA OBRA INGLESIANA

O sociólogo Octavio Ianni, citado por Nei Lopes (2007), situa Machado de Assis, Cruz e Souza e Lima Barreto como escritores afrodescendentes que influenciaram e continuam influenciando toda a obra literária afro-brasileira. Nesta perspectiva, Inglês de Sousa precisa ser reconduzido à importância de um autor do Norte que escreveu uma obra que traduz o cotidiano de comunidades tradicionais e dos povos ribeirinhos da Amazônia oitocentista, de onde emergem situações de conflito, pautados nas relações de poder e nas relações étnicas.

A perspectiva dos Estudos Culturais, de que o texto literário é um produto cultural que expressa em sua textualidade um conjunto de significados que podem representar o poder em determinado tempo histórico e espaço social, como já apontado no primeiro capítulo, corrobora esta análise. Assim, pode-se afirmar que, na escritura literária de Inglês de Sousa, a representação das identidades corresponde a um local de poder, seja do narrador que exterioriza uma visão sobre os outros, seja na maneira como essa representação torna-se fonte de identidade, à medida que expõe um conjunto de signos que identificam e classificam essas identidades umas em relação às outras.

Na trilogia romanesca e mesmo nas duas últimas obras do autor, emerge uma identidade tapuia na figura de pescadores, cabanos que se confrontam com fazendeiros mulatos e brancos portugueses. Essa identidade segregada aparece na figura do velho *Capucho* tapuio, morador antigo da região de Óbidos, que deveria “jurar” na demanda do Ribeiro contra o Miguel Farias sobre a posse do Uricurizal em *O Cacaquista*, e na Identidade da índia Maria Mucuí, no conto “A feiticeira”, entre outros personagens tapuios que saltam dos romances e dos contos do autor.

Têm-se, assim, na obra de Inglês de Sousa, a oportunidade de trazer à luz identidades “esfumadas” pelo processo civilizatório e, ainda, uma gama de situações de vida e de trabalho bem singulares dos povos que habitavam a região ocidental do Pará, principalmente Óbidos e adjacências.

Neste vasto território, a trilogia *Cenas da vida do Amazonas* encena confrontos entre tapuios e brancos, mamelucos e índios, brasileiros, cabanos, marinheiros (vulgo de português), conflitos geralmente ligados à posse da terra, ou a situações de trabalhos servis, e ainda de disputa política, no ambiente dos sítios e fazendas dos Parará-mirins e no espaço das cidades e das vilas. O texto literário traduz encontros entre colonizados e

colonizadores e coloca em palco a identidade tapuia. Afinal, que identidade é essa que se conformou na Amazônia? E como compreendê-la em meio à diversidade amazônica?

Na obra em que Veríssimo (1886) discute sua tese sobre o processo de mestiçagem na Amazônia, aparece a seguinte descrição: “O tapuio é de estatura **baixa, o corpo grosso** e sólido, cor carregada de canela ou como de uma moeda de cobre, em meio uso; nariz chato e largo nas extremidades; testa curta; cabelos pretos, grossos, lisos e duros”(1970, p.15, grifo nosso). E ainda sobre o aspecto da índole do tapuio e das relações travadas com os seus outros, no texto literário de Inglês de Sousa, lê-se:

Quando se precisava de uma testemunha falsa, procurava-se o Mendes do Paraná-miri, como o chamavam em Óbidos; ele nunca se recusava, mas contasse que teriam que pagar caro; nas eleições estava **o tapuio sempre disposto a pegar no pau pró ou contra qualquer partido, e como o seu braço era vigoroso**, nunca deixava de ser procurado (C, 2004, p.76, grifo nosso).

Observa-se o encontro entre o texto histórico e o literário, ambos referenciando as características físicas do tapuio, seu vigor e força, e ainda, sua índole dócil e condicionada aos interesses de outrem. Este fragmento traz textualmente a forma como começaram a ser gestadas as relações partidárias no Brasil, em que o jogo político dependia de quem pagava mais. Contemporaneamente, a imagem criada por este excerto lembra as muitas pessoas que estão nas esquinas de ruas, por este país de Norte a Sul, a “balançar bandeiras” por algum trocado.

Em face disso, é praticamente impossível se falar de Literatura produzida sobre a Amazônia sem revelar os meandros e bastidores das relações travadas pelos seres humanos que a habitavam no século XIX, portanto sem mencionar a História e seus eventos, seus episódios, seu cotidiano de vida e luta a que nos remete Inglês de Sousa quando dá a sua obra o subtítulo de *Cenas da vida do Amazonas*.

É o contexto em que a estrutura social e as formas de política estão imbricadas às ideias positivas e liberais emergentes, como apontado no segundo capítulo desta dissertação. Afinal, esse período, imediatamente após o processo de independência da metrópole portuguesa, marca um momento de redefinições de valores e de uma identidade para o Brasil e para a Amazônia, em especial.

Os Estudos Culturais, como já discutido no primeiro capítulo, possibilitam o encontro entre a obra de ficção e as obras históricas que evidenciam a formação étnica e social da Amazônia do século XIX, tem já tratado por José Veríssimo no capítulo “Tapuios e seus Descendentes” (1970, p. 11-26), quando faz uma extensa discussão

sobre o mestiço no Grão -Pará, colônia portuguesa por ocasião da ocupação do território brasileiro por povos de além-mar. Neste contexto pós-colonial vivido pela Amazônia, as identidades se fragmentam, e isso Inglês de Sousa reinventaria e recria em sua obra *O Cacauleta*:

Às sete e meia veio a velha D.Rosa e o filho e uma chusma de inúmeras **mulatas, cafusas, pardas, negras, caboclas, mamelucas, moleques e curumins** que invadiram o sítio e estabeleceram o ruído e alegria por toda parte (C, 2004, p.126, grifo nosso).

O fragmento do romance evidencia outras identidades, representadas na obra inglesa, além de tapuios e brancos. Vive-se o momento do segundo império, as lutas antiescravistas estavam colocadas no cenário do país independente. De acordo com Raymond Sayers, que discute a presença do negro na literatura brasileira, “sem deixarem de escrever sobre a vida rural, os naturalistas incluíram na sua temática, as classes inferiores das grandes e pequenas cidades” (1958, p.402).

Segundo este autor, a predominância de negros e mulatos na composição das cidades fez com que os escritores naturalistas os representassem em seus romances e contos. Portanto, “Há artesãos e obreiros negros e há mulatos prósperos e politicamente poderosos, que eram assuntos interessantes para os escritores da escola naturalista, por sua posição flutuante na sociedade” (1958, p.402).

Inseriu-se neste rol o personagem Ribeiro, mulato, dono de terras e também de escravos, que entrou para a política e é do Partido Liberal. Nos romances passa a ser um personagem importante em contraposição ao jovem branco de origem portuguesa, também cacaleta, Miguel Farias. De *O Cacauleta*, há o seguinte fragmento sobre o tenente Ribeiro, explicando a sua forma de conduzir a política eleitoral e a sua influência política no povoado:

Sabes que é uma influencia política, e que no momento em que quiser ter cem ou duzentos caboclos a sua disposição, aqui no Amazonas, tudo é ter um bocadinho de dinheiro no fundo do baú, pois se a maior parte da gente morre de fome, como não há de ser assim. Depois, ou porque o governo não se importa conosco ou porque não há quem queira vir pra cá, o que é verdade é que esta falta de juizes letrados, que nós sentimos, é um grande mal (C, 2004, p.83).

A atuação política condicionada a favores de quaisquer ordens, inclusive com a distribuição de dinheiro, é mais um aspecto que dá a essa obra literária o valor de documento histórico, como já assinalado por Salles.

O negro, mulato ou outra identidade relacionada, como o crioulo, aparece em vários momentos da literatura de Sousa. Geralmente, como acontece também com o tapuio, associado às qualificações negativas em relação ao seu caráter e às formas de se relacionar na sociedade, com uma diferença em relação ao tapuio, o mulato é representado como alguém que consegue, na sociedade escravista, romper o cerco do preconceito de cor e atingir postos como o de tenente e político, caso do personagem Ribeiro, “que continuava a usar meias, e a lograr os que lhe caíam nas unhas” (C, p.93). É uma personalidade, reconhecido na cidade e a quem todos temem ou admiram, assim descrito:

- O padrinho de Rita poderia ter então cinquenta anos; apenas um ou outro fio branco aparecia-lhe na cabeça, e uma ou outra ruga sulcava-lhe a fronte escura; os sobrolhostinha-os carregados, e os lábios roxos e grossos; a voz clara e vibrante, rápido e **incisivo o falar**, zombeteiro e sarcástico sempre. Longe de ser franco, como o supunham alguns, parecia estar sempre prevenido, e nunca lhe saía uma palavra ou um gesto que não fossem **maduramente pesados**; pelos ares agradava aos descuidados, mas não havia muito que fiar nele. **Era uma entidade**; temido e respeitado, **como um potentado**, e talvez por isso mesmo pouco estimado, embora lhe fizessem todas as maiores cortesias e zumbaias (C, 2004, p.9, grifos nossos)

Nas expressões destacadas em grifos, percebe-se a força e a densidade com que o escritor descreve o personagem, por meio da fala do narrador. O caráter é realçado pelas expressões que indicam que pensa bem sobre o que diz e fala de forma incisiva, objetiva. O narrador chama a atenção de que não se deve confiar nele. Mas, apesar disso, muitos lhe fazem cortesias.

É o caso do padre José, personagem irmão da dona do sítio, D. Ana, que numa conversa com o sobrinho Miguel sobre as terras do Uricurizal, elogia o mulato e repreende Miguel dizendo: “Agora se por não se gostar de um homem, não se lhe há de reconhecer as qualidades... isso é outra coisa” (C, p.84).

Principalmente em *O Coronel Sangrado*, é-lhe realçado o apelido adquirido em Óbidos, de *Apanha-tudo*, por se apropriar, entre outras coisas, das terras alheias, como é o caso da disputa com a família Farias. O desprezo por uma razão de cor é evidenciado em CS, quando o coronel Severino de Paiva faz a seguinte observação: “E depois quem é o Ribeiro **Um negro**, que se me der na cabeça posso metê-lo na cadeia da noite para o dia! Um velhaco que não faltará por onde se lhe pague! Eia, conservadores, avante! Não temais (CS, p.38).

A ênfase ao preconceito de cor aparece bem no início de *O Cacauleta*, quando a mãe de Miguel, ainda solteira, havia se recusado a casar-se com o tenente:

O tenente fora um dos rapazes que haviam pretendido a mão de D.Ana, quando ela ainda era solteira; recusado pelo pai em razão dos seus poucos haveres e da sua origem, e pela filha em razão talvez da cor, Ribeiro não se mostrara muito sentido por isso, ainda que o seu orgulho tivesse sidoprofundamente ferido pela recusa”(C, p.38-39).

A cor, a origem, os poucos haveres são as justificativas para a exclusão. Importante ressaltar que, mesmo o narrador realçando aspectos negativos da conduta do mulato, mostrara ascensão social de um mulato, naquele momento histórico das províncias no Brasil, é um fato curioso e parece apontar para a explicação levantada por Sayers, de que Inglês de Sousa pautava-se na ideia de que “o proletariado brasileiro, rural e urbano, era dominado no século XIX, por negros e mulatos, por isso não é de admirar que o negro assumisse um lugar importante nas obras naturalistas” (1958, p.402).

Outros personagens negrossão trazidos para o texto. Também em *O Cacauleta*, a festa do “Dia de Reis” é descrita pela paleta do escritor da seguinte maneira:

Naquela noite fez-se uma grande fogueira e os **negros e negras** dançaram em torno dela até meia-noite; **as mulatas**, porém, chamadas de casa, não tomaram parte no folguedo; estavam de longe assistindo por trás da senhora; um **africano** velho e cego tocava uma gaita acompanhando-se com um pequeno tambor, e um **crioulo** dos mais saídos botava os versos que os outros repetiam em coro.

Tinham os bailados duas cantigas prediletas: o Tamburu-pará e o Cururu, cuja melodia era monótona e pouco distinta.

O crioulo cantava:

Esta vila já foi vila

Tamburú-pará

A que o coro respondia: Tamburú-pará (C, 2004, p.85, grifos nossos).

Esse fragmento do romance é de grande valor não só pelas identidades que saltam do texto: negros, mulatos, africanos crioulos, mas principalmente, pela referência à cultura negra, trazida pela música e pelo bailado. Segundo Salles (2004, p.22-23), tamburúpará ou tangurupará ou tangará é o nome de uma ave amazônica que tem o bico vermelho, plumagem negra no dorso e cinza no ventre. O autor chama a atenção para a alternância de voz durante a cantiga, há um coro que responde ao repente do crioulo. Salles chama a atenção para o fato de que este bailado pode representar uma africanização do pássaro tangará evocado na lenda indígena, portanto um sincretismo de manifestações culturais.

4.2.10 Tapuio ou caboclo na obra literária

É o *tapuio*, tipo humano, literariamente personificado, que povoou a obra de Inglês de Sousa, demarcando uma presença importante no cenário social e cultural da província neste momento histórico. Na perspectiva dos Estudos Culturais, há um deslocamento de identidades, ou seja, a reprodução social e cultural da expressão identitária do tapuio é ameaçada de extinção por um processo de aculturação que sofreram as etnias indígenas no curso do processo “civilizatório” na Amazônia. Veríssimo assim o define:

Sabe-se hoje que na língua tupi-guarani, a mais espalhada e geral entre os índios do Brasil, a palavra tapuio (*tapyia*, y igual ao u francês, porem gutural) era, como o bárbaro dos romanos uma denominação genérica do desprezo, que se davam entre si os indivíduos de outras tribos, e que naquela língua significa não só o hostil, o inimigo, mas o escravo (1970, p.14).

Portanto, é de antemão uma expressão carregada de desprezo, inclusive entre os povos indígenas, que chamavam aos seus inimigos que não falavam a língua geral ou tupi-guarani, de tapuios, representando o hostil, o bárbaro.

Pensar sobre a identidade tapuia representada no texto literário é reconstruir as referências do processo “civilizatório” vivenciado pela colônia europeia nos séculos XVI a XIX. No Brasil, e mais especificamente no território amazônico, foram séculos de barbárie, aprisionamento e escravidão. Darcy Ribeiro (2006) narra que por ocasião da morte do bispo Fernandes Sardinha, comido pelos índios Caetés, foi realizada uma cruzada contra esse grupo que os reduziu de 12.000 almas para 1.000.

É patente a forma como foram tratados os que habitavam essa terra. Sobre este assunto, Eduardo Galeano (1970), na obra *As veias abertas da América Latina*, faz um longo e tenebroso relato do holocausto dos povos indígenas no confronto com os conquistadores de além-mar, portugueses, espanhóis, holandeses e franceses.

Este autor mostra como os colonizadores trataram os povos da terra e considera que a usurpação da terra e da força de trabalho uniu-se, em igual medida, ao desprezo racial que se alimenta da degradação das civilizações indígenas. E aponta, como resultado desse processo, que “os efeitos da conquista e todo o longo tempo de humilhação posterior despedaçaram a identidade cultural e social dos indígenas das Américas” (GALEANO, 1979, p. 61).

Galeano assim se reporta a esse momento:

Não se salvam, atualmente, nem mesmo os índios que vivem isolados no fundo das selvas. No começo deste século, sobreviviam ainda 230 tribos no Brasil; desde então desapareceram 90, aniquiladas por obra e graça das armas de fogo e micróbios. Violência e doenças, pontas de lançada civilização: o contato com o homem branco continua sendo para os indígenas, o contato com a morte (1970, p.60).

Este quadro pouco alentador da destruição de etnias, de povos que possuíam uma organização social e, por outro lado, as situações de acomodação à situação de colonização criou um espaço de mediação onde identidades passaram a ter uma representação. A chamada identidade tapuia e/ou cabocla é uma delas e está representada em toda a obra de Inglês de Sousa. Nesta dissertação consideramos a identidade tapuia como a síntese das três categorias apresentadas por Lima (1999), tratadas no item anterior. Essa identidade é, portanto, étnica, de classificação social e relacional.

Trouxemos um excerto do conto “Voluntário”²¹, um conto que apresenta passagens bastante poéticas, mas possui um forte apelo social, pois trata de uma questão crucial para os habitantes da região no momento da guerra do Paraguai, traz uma dose de ironia sinalizada no seu título e expressa alguns elementos importantes da representação sobre a identidade cabocla e sobre a formação desse sujeito histórico e social:

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se leem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo, e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, **a esses pobres tapuios**, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão.

Haveis de ter encontrado, beirando o rio, em viagem pelos sítios, o dono da casa sentado no terreiro a olhar fixamente para as águas da correnteza, para um bem-te-vi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu, levando horas e horas esquecido de tudo, imóvel e mudo, numa espécie de extase (SOUSA, 2007, p. 97, grifos nossos).

²¹O “Voluntário” é um dos nove contos da coletânea “Contos Amazônicos” de 1893. Apresenta um enredo forte e dramático, que trata do recrutamento forçado de mestiços pobres para morrer na guerra contra o Paraguai.

Pode-se observar neste fragmento uma identificação entre caboclo e tapuio, parece expressar o tapuio enquanto categoria relacional, pois é identificada pelo narrador como o que “não ri” e, em seguida diz que a eles, a “esses pobres tapuios” faltam-lhes a expressão comunicativa (possivelmente não falta ao narrador). A identidade do narrador é construída em função do que ele nega no caboclo. Sua alteridade se constrói a partir do que exterioriza sobre a identidade cabocla.

O narrador fala de uma identidade completamente subordinada ao mundo objetivo, portanto natural. É uma identidade associada à solidão, ao vazio territorial, ao isolamento, à atrofia social, e a sua natural melancolia é explicada em face da grandiosa opulência do Amazonas. É “gente da beira do rio”, associação geográfica dessa identidade, que não ri, sem alma, cuja melancolia parece ser um estado permanente da alma.

Sobre os estigmas, ou propriedades criadas em torno de uma forma de ver as identidades em determinada região, Pierre Bourdieu assim se reporta:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito das propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do *lugar* de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas de classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos (2007, p.113).

Bourdieu chama essa tensão a respeito das identidades, de um caso particular na luta das classificações, assim, o mundo social produz formas de ver, representar e nomear as identidades. Portanto, o que se tem de fato é uma visão exterior sobre o outro, uma representação que cria estigmas, que produz uma concepção presa ao preconceito, a uma explicação das formas de ser dos habitantes de certas regiões do mundo a conceitos biológicos e genéticos, desconsiderando processos sociais sob os quais estas identidades se movem, sejam guerras, conquistas, tensões entre grupos de mesma origem étnica, colonizações.

Frente a isso, quem fala sobre o tapuio, seja na obra literária ou na obra histórica; quem diz de sua melancolia, de sua pouca indústria ou de sua cor condicionando seu modo de ser no mundo, é alguém, que de fora, atribui relações de causa-efeito aos acontecimentos com base em conhecimentos científicos, analisando as sociedades com os mesmos instrumentos da ciência moderna. Deste modo, pode-se

dizer que, neste vasto território da Amazônia oitocentista, as relações raciais estruturaram a sociedade e essa visão está implícita em toda a produção romanesca da época.

Em *O Coronel Sangrado*, a opulência da paisagem é contrastada com a pobreza dos tapuios, que habitam as margens dos rios:

As margens do Amazonas são de uma opulência, de um luxo de vegetação verdadeiramente espantosos; porém, de uma monotonia tal que entristece e acabrunha. Os estragos que o rio vai fazendo nas suas margens, as raras e misérrimas habitações **de tapuios que se avistam aqui e ali**, aquelas colossais árvores de folhas brancas quase se precipitarem no rio, estão muito longe de despertar sentimentos agradáveis; por toda parte ribanceiras negras e cana selvagens, e água, muita água (CS, 1968, p.25, grifo nosso).

Sempre representando o tapuio como um ser melancólico, sem iniciativa, o discurso de construção de identidades se confronta com o da aceitação das diferenças, a alteridade. Zilá Bernd considera que

A identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro permanece no mesmo. Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro (*apud* FERNANDES, 2005, p.183).

Deste modo só se pode compreender a identidade cabocla ou tapuia em relação com outras, a do branco civilizador, a do negro trazido para um território hostil, onde muito das suas referências de vida, trabalho e cultura foram perdidas e outras identidades que conviveram neste território.

As identidades representadas nos romances revelam para o leitor, desconhecedor da vida e da história da Amazônia do final do século XIX, as relações desiguais e o encontro e confronto de tapuios, brancos, indígenas, mamelucos, que conformaram uma identidade amazônida. E, ainda, o confronto entre estas identificações face às relações sociais e políticas travadas neste território.

Como citado no primeiro capítulo, Hall problematiza identidade enquanto categoria complexa e a respeito da qual é impossível fazer afirmações conclusivas. O autor situa essa discussão no final do século XIX, quando as sociedades modernas estavam passando por profundas mudanças que atingiram a percepção que o sujeito tinha de si enquanto ser integrado. As paisagens sociais que conformavam determinada identidade social e asseguravam uma adequação às necessidades objetivas da cultura estão sob mudanças estruturais, dadas as formas como as sociedades se reorganizam pós-processos de colonização (HALL, 2003, p.12).

Mesmo considerando certa fissura temporal, sugere-se que a formulação teórica de Hall (2003) é adequada a presente análise ao se considerarem concepções de identidade expostas pelo autor. Opta-se por discutir com base na concepção sociológica clássica de sujeito. Nesta perspectiva, a identidade é formada na interação do eu com a sociedade. Existe um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e com as outras identidades. No caso das identidades na Amazônia, houve assimilação e confronto, mais que encontro. Houve ainda a imposição de uma forma de ver e estar no mundo, representada pelo branco civilizador, situação representada literariamente por Sousa.

Ainda sobre essa questão, Hall enfoca o jogo das diferenças, da natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial, e argumenta: “O paradoxo se desfaz quando se compreende que a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2009, p. 15).

Essa visão opõe-se ao essencialismo, a uma visão biologicista presente em registros e texto de autores da região e de outros viajantes, segundo os quais “os nativos são os agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco” (GONDIM, 1994, p.133). O nativo é tomado como elemento inferior. Sobre isso essa autora argumenta que

A quase totalidade dos viajantes que percorreu a Amazônia incluiu nos seus relatos minudências históricas e geográficas como provas inofismáveis de verdades científicas. Sob esse suporte verossímil, deslanchavam teorias de origem européia que, geralmente, tinham como pressupostos a inferioridade racial originada pelo clima – leia-se também a natureza como um todo (1994, p.209).

A representação que se tinha dos habitantes do território amazônico era de que sua vontade, iniciativa e vida eram condicionadas por elementos naturais. Assim, o *tapuio* que povoa o universo literário de Inglês de Sousa apresenta uma correferência existencial no mundo concreto, extra-ficcional, histórica: os tapuios são índios segregados de suas tribos, sujeitos a semiescavidão e a todo tipo de representação que a sociedade cacauera branca e colonizadora pudesse criar sobre eles e sem mecanismos de autorrepresentação que fossem legitimados pela sociedade formada a partir das definições do homem branco.

O historiador Luiz Luna (1963, p.15) argumenta que a denominação “tapuio” é resultante de uma primeira classificação realizada pelos jesuítas, por ocasião do contato

com os grupos indígenas que viviam às margens do grande rio Amazonas. Significa “bárbaro”, como eram conhecidos os povos indígenas que mantiveram sua rebeldia e espírito de independência. Segundo este autor, aos povos que habitavam o litoral, falando uma reunião de dialetos tupis-guaranis, denominaram simplesmente de Tupis, aos que tinham uma “língua travada”, ou seja, falavam um dialeto diferente, e habitavam o interior chamaram de Tapuias, o que coincide com a concepção de Veríssimo.

Possivelmente por estas características, os tapuios resistiram bravamente aos portugueses, desenvolvendo táticas de guerrilha pela grande intimidade com a floresta. Osalgozes dizimaram a tribo Aymorés, que fazia parte deste grupo. Nesse contexto vivido pela Amazônia, as identidades se fragmentam e se deslocam em função da “ação civilizatória” dos invasores. Isso é bem patente que um chefe anambés relatou a Ferreira Penna (1973, p.90):

Os anambés formavam uma tribo dependente nas cabeceiras do Pacajá Grande. Residiam ali desde séculos obedecendo a um chefe único que tinha vindo do ocidente como um sábio e guerreiro: longos anos depois chegaram os europeus que lhes fizeram guerra, e pouco depois os missionários jesuitas que com eles estavam em paz, **começaram a separar as mulheres dos maridos e a levar muitos para Portel, os homens para trabalhar nas roças e remar canoas e as mulheres para lavagem de roupa e para a cozinha**, o que desgostou tanto a nação que começaram muitos a desobedecer ao chefe e a formarem tribos separadas. Uma nação antropófaga veio do lado Sul atacá-los, houve muitas mortes e guerras e retiraram-se os inimigos (1973, p.90, grifo nosso).

A imposição de uma organização de mundo e de trabalho, alheios aos costumes e às formas como estes povos viviam originalmente, levou-os à dispersão e, conseqüentemente, ao enfraquecimento de seus laços de parentesco, de convívio social, e, finalmente, ao desaparecimento de muitas etnias. A igreja, em nome da fé e da salvação das almas “pagãs” cometeu o assassinato de inúmeros grupos étnicos que povoavam a Amazônia. Há relatos históricos que dão conta da tragédia sofrida por esses povos em nome de Deus:

Alexandre de Moura, que aparecera em cena por ocasião do ultimato aos franceses, prosseguiu, então, na marcha para o Norte, ajudado por Jerônimo de Albuquerque. Ocupou o Pará depois o Amazonas, quando surgiu na história a figura legendária de “Ajuricaba”. Mas o primeiro a explorar o grande rio foi o francês Jean Cousin que partiu de Dieppe em 1480. [...] Assim, **os índios da Amazônia**, antes de ver Portugueses, já tinham visto franceses e espanhóis. Não ofereceram resistência quando desembarcou a tropa de Alexandre de Moura, pois estavam habituados com a passagem de barcos aventureiros. Agora,

porém, era diferente, Tratava-se de invasão e conquista. Francisco Caldeira Castelo Branco foi nomeado governador do Pará. Era um tirano (...)Na primeira oportunidade Francisco atraíçooou os índios, que se conservavam na expectativa diante das atitudes dos portugueses. Na tarefa inglória a que se propusera, de fazer sujeitar os naturais, **excedeu-se em violências. Do índio que resistia à escravidão, mandava atar braços e pernas a canoas e impeli-las a remadas, em sentido contrário, até os membrosda vítima serem arrancados do tronco.** Este e outros suplícios semelhantes eram comumente aplicados contra índios indefesos e isso se fazia sem constrangimento, ouvindo missa e comungando todo santo dia (LUNA, 1963, p. 84-86, grifos nossos).

Os grifos revelama violência desmedida com que foram tratados os povos que aqui já viviam ou se deslocavam neste território, e que resistiram à escravidão de diferentes formas, como bem assinala o antropólogo Darcy Ribeiro:

Mais tarde, com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de tosos os seus valores, o despojo, o cativoiro, muitíssimos índios deitavam em suas redes e se deixavam morrer, como só eles têm o poder de fazer. Morriam de tristeza, certos de que todo o futuro possívelseria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira(2006, p.38).

Sobre esta discussão, alguns autores (LEONARDI, 1999, NUGENT, 1993 e PARKER, 1985) argumentam que há uma continuidade entre as identidades indígenas e a identidade cabocla, o que conformou a emergência de um neocampesinato histórico (apudHARRIS, 2006, p.16). É claro que isso não se deu de forma tranquila. A violência em todas as suas formas permeou e ainda permeia o processo de formação das sociedades na Amazônia, evidência disto,são as mortes de trabalhadores rurais e líderes sindicais que lutam pelo direito à terra e ao trabalho dignos.

Em *História de um pescador*, a assimetria das relações entre brancos e tapuios é marcante e recheia todo o romance. Numa digressão do personagem central, José, o pescador, ele pensa sobre si mesmo e o outro, o colonizador, o dono das terras, para quem o seu pai, Anselmo, trabalhou a vida toda e não conseguiu pagar as dívidas: “O capitão era branco, e elle era tapuyo. Havia, segundo o que lhe diziam todos, uma grande diferença, diferença incalculável, entre estas duas espécies de homens, quase a diferença entre o senhor e o escravo” (HUP, 1990, p.38, grafia original).

São relações de semiescravidãoe de favor que marcaram a construção social desses povoados às margens do rio Amazonas. José Veríssimo considera que a

População de Portugal não podia colonizar e arrotear o enorme território que um acaso lhe dera: o conquistador teve, pois de aproveitar a raça conquistada, vencê-la e convertê-la em povo útil,

transformando-se pelo trabalho, de selvagem em civilizada (1970, p.17).

São as ideias de civilização que predominaram no Pará e no Brasil oitocentista e que, mesmo em face de uma resistência dos povos indígenas, acabaram produzindo uma sociedade de brancos civilizados e de mestiços e indígenas em completa fragilidade e desvantagem social. Em determinado momento do romance *O Cacauleiro*, o narrador faz uma longa digressão sobre as condições sociais e econômicas da “gente” da região que parece não ter nada:

Não tendo rendas, não trabalhando em coisa alguma, sem a menor indústria, parece que deveria esta gente morrer de fome. Ela (a gente) anda com efeito magra, pálida, abatida, mas isso de morrer, não; vive até muitos anos. Uma prova é a Maria Mucum. E continua “A tia Maria não criava galinhas, nem patos, nem roçava, não fiava...possuía a capiuáva, os cães de guarda (?), e uns trezentos pés de cacauzeiros, que podiam dar lhe mal para o tabaco e a farinha do chibé (C, 2004, p.139).

Essa caracterização do tapuio como gente que não tem iniciativa, sem indústria, serviu à ideologia da colonização e contribuiu para firmar o preconceito e justificar a ação dos colonizadores. Nesse território, mostra-se o confronto de colonos e jesuítas e no centro os povos autóctones, como registra Veríssimo:

A história registra com horror os crimes atrozes, que à sombra da Cruz e da Lei se praticavam. Ela conta envergonhada os leilões em que os índios eram vendidos em almoeda, as marcas infamantes, as perseguições cruéis, um aparato vergonhoso e degradante de escravidão, perfeitamente evitável. A luta dos ávidos colonos com os ambiciosos jesuítas veio ainda agravar o mal, concorrendo para aumentar o ódio daqueles pelo índio, que tenazmente disputava-lhes o terreno, e acrescentar a crueldade dos senhores (1970, p.17).

O texto ficcional revela o estado de abatimento social e econômico vivenciado pela população dita tapuia. A história de confronto entre indígenas e colonos é bem explicitada no longo inventário de Veríssimo em obra que dialoga o tempo todo com a de Inglês de Sousa. Sublinearmente ao tom de denúncia presente na escritura de Veríssimo, notam-se, em alguns momentos da obra literária produzida por este autor, vestígios de um preconceito social e racial, o que se pode ver nas marcas linguísticas do conto “O Boto” de *Cenas da vida Amazônica*. Em certa ocasião em que narra o percurso de seu Porfírio, personagem, pai da personagem central do enredo, Rosinha,

Por fim, o pai mudou-se para a cidade, de onde seus amigos políticos o chamavam para as altas funções de procurador da Câmara Municipal. Com esse amor às posições oficiais, por mais reles que seja próprio às **raças fracas**, correu pressuroso não ao apêlo dos seus amigos, como dizia e nós repetimos, mas a abocanhar aquele magro ‘osso’, segundo a expressão pitoresca dos adversários pelo qual suspirava a tanto tempo, abandonando com **imprevidência** seu sítio e esquecendo-se que na lista da qualificação do distrito tinha o qualificativo de **lavrador** adiante do seu nome (2011, p.16, grifos nossos, grafia original).

Qualificativos como “raça fraca”, “lavrador” e “imprevidência” conformam a identidade do personagem. Pode-se dizer que a obra literária traduz relações e concepções contraditórias no que diz respeito à formação social dos povoados na Amazônia. Ela é, neste sentido, abertura para a compreensão de preconceitos e estereótipos criados acerca dos habitantes desta Hiléia, e que estão expressos nos sintagmas: “raças fracas”, “imprevidência”, “lavrador”, também demarcando como o narrador se distingue em relação ao seu outro.

Do tecido histórico, social e político vivido pela Amazônia nas últimas décadas do século XIX, Inglês de Sousa traz para o seu romancelas relações de trabalho desiguais, servis, relação entre colonizador e colonizado marcada pelo controle social, exercido pelo poder instaurado, cuja maior expressão era o chamado recrutamento. O recrutamento recrudesciu à época da guerra do Paraguai e os soldados eram capturados entre aqueles mestiços de origem mais humilde. O romancista trata disso em alguns contos e nos romances é recorrente.

No caso de HUP, aparece no seguinte excerto, quando o capitão Fabrício questiona José sobre a perda de sua montaria e este o retruca “ –Para fallar não trepidam; bradou Fabricio levantando-se furiosamente da mesa; vocês cuidam que eu estou aqui para sustentar preguiçosos? Ah! Mas deixem estar que o recrutamento ahi está marmanjos!(HUP.p.37, grafia original).

Em 1833 chegou a Belém Bernardo Lobo de Souza, que baixou uma portaria “ordenando o recrutamento à força de qualquer jovem, especialmente os desocupados, os mamelucos e cafuzos, a indiada tapuia e todo e qualquer ‘mestiço vagabundo’” (SOUZA, 2009, p.219). Vê-se por este trecho da história da província, que as medidas tinham o propósito de estabelecer um controle sobre os chamados mestiços. E ainda no romance, o narrador fala em tom de denúncia:

O recrutamento é uma cousa tão contraria á idéa de justiça que todos temos, que não direi em que desagrada aos nossos lavradores. Arrancar um homem á sua família, á sua terra, ao seu trabalho, e

atiral-o a um meio desconhecido, de farda às costas e sujeito a todos os constrangimentos que sofre o soldado, não é cousa que se encare sem invencível horror (HUP, p.50, grafia original)

O recrutamento, enquanto poderosa forma de controle social dos ricos proprietários de terra e gado sobre os pobres pescadores e agricultores, efeito da então declarada guerra entre Brasil e Paraguai, aparece de forma bastante contundente no conto “O voluntário” quando a descrição toma ares de um realismo exorbitante:

Coisa terrível que era então o recrutamento! Esse meio violento de preencher os quadros do exército era, ao tempo da guerra, posto em prática com barbaridade e tirania, indignas de um povo que pretende foros de civilizado. Suplícios tremendos eram infringidos aos que, fugindo a uma obrigação não compreendida, ousavam preferir a paz do trabalho e o sossego do lar à ventura de se deixarem cortar em postas na defesa das estancias rio-grandenses e das aldeolas de Mato Grosso. [...] Não pretendo carregar os tons sombrios do quadro da miséria do proletário brasileiro naqueles tempos calamitosos, **em que o pobre só se julgava a salvo do despotismo quando nas mãos do senhor do engenho, do fazendeiro, do comandante do batalhão da guarda nacional abdicava a sua independência, pela sujeição a trabalho forçado mal ou nada remunerado**; a sua dignidade pela resignação aos castigos corporais e aos maus-tratos; e a honra da família pela obrigada complacência com a violação das mulheres (“O Voluntário”, 2007, p.99, grifo nosso).

O narrador fala de um proletário, o que de fato não se configura ainda como tal, afinal vive-se ainda sob relações sociais que remontam ao feudalismo, pré-capitalistas. Além do mecanismo de recrutamento, pode-se falar ainda do sistema de aviamento, que aparece em História de um pescador. José, como agregado do proprietário de terras, e herdeiro da dívida do pai Anselmo, que também era pescador, torna-se subserviente às vontades do capitão ao qual passa a dever mais e mais.

O sistema de aviamento, com precedente histórico na Amazônia, inicialmente exercido sobre pescadores e pequenos extrativistas do cacau, se aprofundou posteriormente no ciclo da borracha, quando os seringueiros passaram a tomar emprestado aos barracões, administrados pelos donos dos seringais, os itens necessários a sua sobrevivência, tornando-se eternos devedores dos patrões, numa relação de semiescravidão. São relações de trabalho servis e assimétricas representadas nos romances. Em HUP, José dedicava-se ao trabalho diário e exaustivo para pagar a dívida do pai, mas sempre estava devendo ao capitão Fabrício.

Samuel Benchimol faz um estudo detalhado da formação social da Amazônia. Seu trabalho constitui uma contribuição importante para a compreensão da cultura e da

história dessa região. Assim reporta-se ao cenário social da Amazônia nos três séculos da colonização europeia:

A indianidade, bravia e rebelde foi subjugada a ferro e a fogo pelas tropas de resgate, pelos colonos e missionários a serviço da fé e do Império. Esse encontro de cama, mesa, raça e alcova, resultaram na curuminzada dos caboclos e dos cholos. Essa indianidade e caboclitudo foi sendo, posteriormente, caldeada e convivida pela africanidade no litoral e nas minas cuiabanas, para depois ser cearenizada com a chegada dos valentes e ‘brabos’ nordestinos cabeças-chata, que, a partir de 1850, durante o ciclo da borracha ocuparam os vales e afluentes meridionais da bacia(2009, p.13-14).

Sobre a composição social de vilas e cidades da Amazônia oitocentista, Ribeirofala de uma classe alta urbana composta por funcionários, escritvões e meirinhos, militares e sacerdotes, que também eram os únicos educadores. Segundo o autor, toda essa gente era considerada “de segunda”face aos senhores rurais – esses tinham a superioridade social (2006,p.179) . Entre esses dois grupos havia um intermediário de brancos e mestiços livres, paupérrimos que sobreviviam à sombra dos ricos, os chamados homens livres.

Sobre essas identidades,Eduardo Galvãoafirma que elas desapareceram com o período de ascensão da produção gomífera e a intensificação das atividades econômicas. Desapareceram as distinções culturais e étnicas entre índios e brancos, substituídos por “caboclos”, coletores de borracha, recrutados entre os índios, negros, brancos ou mamelucos, e os patrões (1955, p.155-156).

Essa identidade é fruto das relações coloniais, relações sociais e econômicas desiguais na Amazônia oitocentista. Assim, amplia-se a discussão do campo da pura miscigenação para o das relações de poder. São relações étnico-raciais evidenciadas no romance*História de um pescador*.

Mas são também relações de poder presentes em episódios do mesmo romance, por exemplo, quando do afundamento da canoa de José, em que se observa o poder simbólico exercido sobre o outro, o domínio do *branco* sobre o *tapuio*, o que coincide com a análise de Lima(1999) sobre o caboclo enquanto categoria de classificação social, como já discutido anteriormente. No romance, o capitão responde à resistência de José com a seguinte frase, que torna este subserviente e passivo: “José, tu és um máo filho”(HUP, p.38). Com isso controla o seu ímpeto de questionar e imprime a José uma autculpa e responsabilidade pela dívida do pai, agora transferida a ele pelo capitão.

Aqui cabe a formulação de Bourdieu (2007) sobre como se dá a dominação simbólica. Ele diz:

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima (2007, p.124)

O personagem José de HUP sofre intimidação por parte do capitão, o que num primeiro momento, torna-o submisso às vontades do fazendeiro. José assimila uma culpa por sua condição de agregado e devedor, dívida que nem sabe a origem e o valor ao certo. Posteriormente, o personagem cresce na trama, questiona a posição de seu antagonista e desenvolve uma resistência que culmina com o ataque ao capitão ao final da narrativa.

A análise de Foucault sobre o poder disciplinador que se desdobra ao longo do século XIX, como a teoria do corpo dócil, do poder disciplinador da vida, das atividades do trabalho das infelicidades e dos prazeres dos indivíduos (1997, p.42) também se constitui adequada a esta análise, uma vez que no romance HUP, o capitão Fabrício, além de controlar o trabalho e os frutos do trabalho de José, quer controlar sua vida, não aceita o seu casamento com Joaquina e inclusive rouba-lhe a noiva (controle do prazer).

Em estudos recentes sobre as sociedades caboclas, Parker (*apud* HARRIS, 2006) discute a identidade da população ribeirinha que se confunde com a do tapuio e/ou caboclo, e afirma que:

é uma criação da colonização da Amazônia pelos invasores portugueses. É uma **categoria de indivíduos que partilha padrões culturais semelhantes**, como a maneira de explorar os recursos ambientais e suas crenças no ambiente encantado. O caboclo vive, ou vivia, predominantemente em comunidades ribeirinhas de parentesco. Essa cultura e sociedade emergiram algum tempo antes da Cabanagem, revolta ocorrida em meados da década de 1830 (2006, p.83, grifo nosso).

Essa população que vive da pesca ou de uma agricultura ainda incipiente, principalmente a cultura do cacau, é geralmente associada a uma maneira de ser melancólica e indolente. A identidade tapuia é representada em seu confronto com as condições sociais. É assim que em HUP, entra de repente a voz do boticário, interrompendo o narrador para fazer uma longa digressão sobre a vida dos tapuyos

naquele contexto e faz, inclusive, uma crítica aos autores que falam da região superficialmente, citando apenas a fertilidade da terra, e não conhecem as condições de existência da sua população. E diz mais: “ser pobre no Amazonas é ser escravo e ainda pior do que isso. Pois segundo o narrador o escravo tem segurado o alimento e, portanto a vida. O miserável *tapuyo* nada tem de seguro no mundo” (HUP, p.49):

Numa terra em que não impera a lei, n’uma terra que o governo despreza, quando devia cuidar grandemente della, quem tem a força tem razão e direito, quem tem certeza do pão quotidiano é um ente feliz. São sempre injustamente acusados os **tapuyos**. Não se fartam de dizer que são **indolentes e preguiçosos**, que não se sabem aproveitar dos vastíssimos recursos que lhes oferece a natureza!... (HUP, p.49, grafia original, grifos nossos).

Neste momento, parece ser a voz do próprio escritor pleiteando um olhar mais crítico sobre a região e seus habitantes. Portanto com uma forte dose de realismo e crítica ao naturalismo, que não vai além da descrição da exuberância do ambiente e fertilidade de sua terra, o narrador aqui se coloca a favor de um olhar mais profundo sobre a Amazônia, e vai além, pondera sobre o desconhecimento das condições de existência de sua população.

No campo da sociologia, Roberto Schwarz desenvolve uma teoria sobre os atores e as relações sociais que povoavam as ex-colônias, argumentando que o processo colonial produziu três classes de população, o que Canclini (1998), denomina de setores sociais: o latifundiário, o escravo e o homem livre.

E ainda, entre as duas primeiras classes há uma relação clara, mas a dos homens livres, um contingente expressivo: “nem proprietários, nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor” (SCHWARZ, 1977, p.16). Este autor analisa que assim como o escravismo desmente as ideias liberais, o *favor* as absorve e desloca criando um padrão particular. *Favor e homem livre, agregado* e subordinado são categorias presentes neste contexto socioeconômico da Amazônia oitocentista.

Caio Prado é tido como o historiador que conseguiu identificar na vida social brasileira um segmento que “por escapar aos pólos opostos e conflitantes da ordem escravocrata dominante, tinha sido negligenciado pelos nossos melhores intérpretes: o homem livre”. Sobre esse sujeito social diz:

Abre-se assim um vácuo imenso entre os extremos da escala social: os senhores e os escravos; a pequena minoria dos primeiros e a multidão dos últimos. Aqueles dois grupos são os dos bem classificados da hierarquia e na estrutura social da colônia: os primeiros serão os

dirigentes da colonização nos seus vários setores; os outros, a massa trabalhadora. Entre estas duas categorias nitidamente definidas e entrosadas na obra da colonização comprime-se o número, que vai avultando com o tempo, dos desclassificados, dos inúteis e inadaptados: indivíduos de ocupação mais ou menos incerta e aleatória ou sem ocupação alguma (PRADO *apud* SANTIAGO, 1989, p.218).

Segundo Santiago, é nesse espaço “‘desclassificado’ da nossa vida sócio-política e econômica do século XIX, é nesse vácuo imenso que os nossos melhores romancistas do século passado vão criar a infinita variedade dos ‘agregados’” (1989, p.218). É então este sujeito aparentemente sem vontade própria que aparece em *História de um pescador*. Ribeiro (2006, p.179-180) em sua análise sobre a composição social de vilas e cidades criadas pelo império se refere a:

[...] Uma camada intermediária de brancos e mestiços livres, paupérrimos, procurando sobreviver à sombra dos ricos ou remediados. Cada fazendeiro ou comerciante tinha e mantinha esses agregados que os serviam devotadamente sem qualquer salário, em contrapartida dos obséquios que ocasionalmente recebiam e de que viviam.

Em HUP, o capitão Fabricio julgava fazer um *favor* a José. Este, homem livre, mas subordinado a vontade e ao mando do proprietário que lhe controla a vontade e os desejos, dois eventos são exemplares dessa condição: José mantém-se *agregado* ao capitão Fabrício. Assume a dívida deixada pelo pai, e ao fazendeiro repassa todo o produto do seu trabalho como pescador.

O fazendeiro, por sua vez, não satisfeito com a apropriação dos frutos do trabalho do jovem, apropria-se também de sua noiva. Neste momento do romance o narrador indaga: “Imaginaes a dôr de um homem que se reconhece impotente, diante de um facto como este? Concebeis o que seja ver um homem arrebatarem-lhe a vida, o amor, a felicidade, sem que de fôrma alguma possa resistir à violência”. (HUP, p.111, grafia original).

Sinal de resistência, José pensa sobre sua condição: “[...] Elle, que amavasobretudo a independência, sentia grande repugnância pela posição de agregado. Queria ser pobre, mas poder trabalhar à vontade” (HUP, p. 34, grafia original).

Essa relação social é emblemática desse momento e não é exclusividade do personagem José, pelo contrário, pois

Um número **avultado de tapuyos do logareram agregados seus**. Outros, embora não trabalhassem imediatamente sob a sua direção, serviam-no, porque eram devedores seus, como acontecia com o filho

de Anselmo. Além dos agregados tinha Fabrício alguns trinta ou quarenta escravos (HUP. p.140, grafia original, grifo nosso).

Finalmente, a análise literária constitui uma possível interpretação da obra. Um mergulho na análise crítica dos romances analisados e das relações sociais presentes na Amazônia do século XIX, com base em leituras que tratam da formação social, econômica e cultural da região, nos possibilita afirmar que, nos textos literários há uma representação do controle social sobre os tapuios ou caboclos.

Esse controle social se realiza pelo tripé: 1) A Igreja – cabia a ela amainar o espírito, docilizar o caráter e doutrinar. Tanto em *O Cacauleta* quanto em HUP, os protagonistas (Miguel e José, respectivamente) são mandados para o colégio de padres em Óbidos, a fim de amainar o espírito rebelde e descobrir vocação. Nos dois romances os protagonistas reagem e fogem; 2) A instituição militar. Em tempos de guerra do Paraguai, à guarda nacional cabia o controle, a ameaça real e a violência, expressas no recrutamento forçado, principalmente de tapuios, o que poderia coibir possíveis revoltas contra os mandatários das povoações; mas acabou funcionando ao revés, uma vez que, ao armar tapuios, mulatos e outros, houve possibilidade de revolta armada, o que se deu de fato com a Cabanagem; 3) A força política, representada pelos proprietários de terra, controle direto sobre os trabalhadores por meio da escravidão e semiescravidão, caso dos “homens livres”, agregados controlados pelo sistema de aviamento ou por práticas políticas ilícitas.

Assim, relações servis – de agregado, assimétricas são marcas nos romances HUP/*O Cacauleta* e em *O Coronel sangrado* há uma representação da política e das formas de manipulação e controle dos votantes tapuios, que são aliciados por bebida e comida em abundância para votar em determinado candidato.

Nesta perspectiva, existe por parte do civilizador a tentativa de adequar o comportamento do tapuio às exigências da sociedade em construção. Assim “o padre-reitor, longe de fazer José mudar de idéias” [...] tentava que o menino José passasse a “amar a vida das cidades e a convivência social” (HUP, p.33). A igreja exerce um poder simbólico sobre a vontade dos tapuios. Sobre José, o narrador faz o seguinte comentário: “menino educado nas estreitas idéias dos tapuyos paraenses, tinha-lhes José todos os defeitos, como todas as virtudes” (HUP, p.33).

As relações de trabalho, por sua vez, são marcadamente servis. José, o tapuio de HUP, dedicava-se ao trabalho diário e exaustivo para pagar a dívida do pai, mas sempre estava devendo ao capitão Fabrício: “Em casa José e Benedita viviam

parcamente, com a vida que soem levar os pobres lavradores do Amazonas” (p.36). Seu pai “Anselmo Marques, tapuyo pescador do Ygarapé de Alenquer, morrêra afogado em uma viagem que fizera a Santarém por ordem do capitão Fabrício Aurélio” (HUP, p.28, grafia original). O trabalho do tapuio tem uma conotação negativa, é estéril: “Estereis trabalhos do tapuyo” (HUP, p.28, grafia original).

Assim, a assimetria das relações entre brancos e tapuios é marcante e recheia todo o romance. Em digressão do personagem central José *o pescador*, sobre sua identidade e a do seu antagonista na obra- o outro, dono das terras, para quem o seu pai, Anselmo, trabalhou a vida toda e não conseguiu pagar as dívidas. O pensamento de José revela uma sociedade de desiguais, pautada por relações de semiescravidão que marcaram a construção social desses povoados às margens do rio Amazonas.

As concepções expressas presas a um determinismo biológico predominaram no Pará e no Brasil oitocentista e acabaram produzindo uma sociedade de brancos civilizados e de mestiços em completa fragilidade e desvantagem social. Revelar essas relações significa compreender historicamente essas formas de relação no universo social e cultural das povoações às margens do grande rio. São referências literárias, nas quais está embutido um vigoroso preconceito racial, e se compara a conduta social de tapuios, mamelucos e outras frações étnicas como no seguinte excerto do romance, quando o narrador fala da conduta da noiva de José:

A mameluca, mistura do caboclo e do branco, participava naturalmente, e na maior parte, da índole vaidosa e inchada do **tapuyo**, aumentada pela nobreza de character da gente do norte, as ideas pouco sans que em matéria de moral recebe esta **desgraçada classe de homens** no berço [...]. (HUP, p.198, grifos nossos).

Em outro excerto, o narrador faz uma severa defesa do tapuio e ataca as autoridades estabelecidas com um tom de denúncia, quando diz que o mal do Amazonas não está no tapuio, mas na escravidão do trabalho e nos homens que se alimentam do sangue alheio:

Dizem que o tapuyo é pouco regrado, que gasta em horas o trabalho de uma semana, de um mez, e elle vivia, como já vos contei, miseravelmente, sentia a fome roer-lhe as entranhas, economizava e nada tinha. Podeis acreditar, amigo, que o mal não esta no tapuyo, ignorante e desprevenido como uma creança. O mal do Amazonas está nesses homens vis e infames, que se locupletam como sangue alheio, nesses homens sem pundonor, sem alma nem coração, e que têm entretanto o apoio do governo, que os alimenta, honra e robustece. O mal do Amazonas **está na escravidão do trabalho**, que o governo central creou com o fim de ter eleições victoriosas (HUP, p.49-50, grafia original, grifo nosso).

Esse fragmento do romance reconhece que José de *História de um pescador* é enganado. Revela e denuncia a escravidão do trabalho a que está submetido o agregado. A situação socioeconômica degradante é atribuída aos homens “vis e infames” que vivem do trabalho alheio e, mais, essa forma de trabalho foi criada pelo governo provincial para garantir eleições vitoriosas. De certo modo, há uma sinalização datemática dos outros dois romances. Controlar a população tapuia constituía a forma de manter o *status quo*. E assim vamos encontrar em *O Coronel Sangrado* o embrião das formas de fazer política na cidade de Óbidos e no Pará como um todo.

4.2.2 Cultura, relações de sociabilidade, trabalho e poder conformando a identidade tapuia ou cabocla

Os Estudos Culturais, como apontado no primeiro capítulo, entendem cultura enquanto práticas vividas. Portanto, com a extensão desse significado, abre-se a perspectiva de se olhar as estruturas de poder e o contexto histórico de produção da obra literária. Há uma abertura do conceito:

Com a extensão do significado de cultura - de textos e representações - para práticas vividas-, considera-se em foco toda a produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas (ESCOSTEGUY, 2010, p. 143),

A obra de Inglês de Sousa promove o deslocamento apontado nesta perspectiva teórica, uma vez que acentua as práticas cotidianas dos povos ribeirinhos. Sua obra corresponde a um conceito amplo de cultura, colocando o foco sobre as práticas cotidianas: política, religiosidade, credices, costumes vários. Do território das águas e florestas do Amazonas e de suas vilas e povoações, Inglês de Sousa traz para seu texto literário formas de vida próprias da realidade vivenciada na Amazônia do século XIX.

É assim que em *O Cacauleta* há um inventário de práticas culturais, ligadas à realidade material vivenciada pelos ribeirinhos, de onde extraiu-se o seguinte fragmento

:

Comeu-se, bebeu-se e dançou-se até as seis horas da manhã. O chocolate, a cerveja, o vinho branco, o café corriam em rios, e os sequilhos, os bons-bocados, as fatias douradas abarrotavam.

Moços, velhos e meninos enchiam os lenços de bolos, conforme o costume da terra, e os rapazes passavam-nos das bandejas para a mão das mulatas e negras que enchiam o corredor e atulhavam as janelas, formando o que em Pernambuco se chama o sereno, mas que no Amazonas não tem nome

próprio. Lá pela meia noite, a rogos reiterados dos convidados a mulher do escrivão Ferreira dançou um lundú com o tenente; uma moça alta e magra cantou uma modinha conhecida: “Era uma nuvem de ouro”, que ela pronunciava, segundo a prosódia paraense: “Era uma novemduro”, acompanhada no violão pelo alferes Moreira (C, 2004, p.176).

Retomando a discussão do segundo capítulo, acerca do encontro entre história e ficção, quando Chartier (2006) afirma que a literatura se utiliza de notações concretas para dar ao texto um peso realista interpreta-se que esse realismo está presente na obra de Inglês de Sousa, à medida que recria nos textos literários um amplo conjunto de manifestações, sejam as danças (lundú), as comidas e as bebidas (sequilhos, bons-bocados, chocolate, vinho branco), as formas de tratamento e o vocabulário (modinha, novemduro), enfim, todas as formas de sociabilidade que compõem as identidades que neste espaço social se encontram.

É o que a perspectiva cultural denomina de descrições complexas concretas; recriações sócio-históricas de culturas ou/e movimentos culturais, ou, ainda, descrições culturais etnográficas, o que é bem conhecido como procedimento da chamada literatura realista de ficção, em que “as experiências socialmente localizadas são recriadas” (ESCOSTEGUY, 2010, p.42). Neste sentido, a obra literária tem o valor de documento histórico e sociológico, como já apontado pela crítica literária.

Cultura e identidade se imiscuem neste território das águas chamado Amazônia. São conceitos que se mesclam na chamada identidade cultural, ou seja, são aspectos da identidade que surgem do nosso pertencimento às culturas étnicas, linguísticas, religiosas e nacionais (HALL, 2003). É com boa dose de realismo que Sousa recria os espaços de sociabilidade, as festas, os encontros em locais públicos como a botica, por exemplo, com a única finalidade de saber das novidades da cidade. O texto literário revela aparatos culturais, como a forma de preparar alguns alimentos, de se vestir em ocasiões especiais, os apelidos, afinal,

Óbidos é a terra dos apelidos. Não há **homem importante** do lugar que não tenha **a sua alcunha**, sendo que é mais conhecido por ela do que pelo nome próprio. E se algum gaiato lembra-se de dar a uma pessoa um nome qualquer, esse nome perpetua-se e o desgraçado nunca mais se pode livrar dele (CS, p.19, grifo nosso).

Note-se que, mesmo quando se trata de alcunha ou apelido, apenas os homens importantes a possuíam. Do ponto de vista da cultura, o conjunto de valores e crenças constituem os saberes tradicionais que funcionam nas sociedades tradicionais como elementos de controle e ordem desse mundo. Assim, violar qualquer um dos preceitos que organizava esse mundo (cosmogonia) à margem dos rios significava estar sujeito a

graves consequências. Alguns desses elementos são recorrentes nos contos amazônicos, relacionados com a rotina de trabalho, por exemplo, não sair para pescar depois das seis da tarde, não tomar banho de rio neste horário, não passar em frente à casa do judeu na sexta feira, entre outras.

As crendices e alguns mecanismos de interdição e controle social aparecem como elementos da cultura desses povoados. Em *O Cacauleta*: “às vezes por cima do teto ouvia-se o lúgubre canto do cacauã agoureiro que passava : as mulatas entreolhavam-se com terror e calavam-se por um momento. Dona Ana fechava os olhos como se receasse ver o pássaro mensageiro da desgraça” (C, p.32). Na Amazônia, ouvir o canto desse pássaro era índice de que alguma coisa ruim estava para acontecer.

As festas, enquanto espaço de sociabilidade, são recorrentes nos três romances e, pelas descrições, ficamos conhecendo desde a forma de vestir, até como preparar vinhos, passando por danças, como a quadrilha, influência das danças de salão da corte portuguesa. Vejamos alguns fragmentos. No capítulo VI de *O Cacauleta*,

Em casa dançava-se uma quadrilha. Os pares estavam possuídos de uma alegria ruidosa, e o dono da casa cruzava-a em todos os sentidos dando ordens, trocando uma chalaça com um convidado, repreendendo um moleque e exortando o único músico que compunha a orquestra. As xícaras de café, as cuias de mingau, os copos de cerveja encontravam-se em todos os cantos, e na cozinha uma cabocla escorria no tipiti uma porção de cacau, do qual saía um vinho grosso e espumante (C, p.63).

Nesse mesmo romance, aparece o ritual de uma festa religiosa. Os foliões chegam em canoas. Em determinado momento alguém grita “-Os foliões, os foliões! O divino!” (C, p.117). É a festa do divino descrita com tintas realistas:

Uma canoa cheia de homens, mulheres e crianças subia o Paraná-miri em direção ao sítio do tenente. Um caboclo alto e magro, sentado no fogão, agitava uma grande bandeira branca, em que estava pintada uma pomba, fazendo-a por vezes beijar a superfície d’água. Outro batia pausadamente numa caixa.

Encostaram na ponte, e saltaram. As mulheres e crianças, pela maior parte caboclos, tinham a cabeça coberta com um lenço branco, e traziam em uma das mãos um pires coberto com um pano, o qual lhes servia de saco de pedir esmolas. Uma cafuza gorda e alta segurava em uma salva a coroa de prata do Divino espírito Santo, e uma velha apresentava aos olhos dos fiéis uma grande estampa, representando o Batismo de Cristo, e o céu entreaberto (C, 2004, p.117).

HUP, por sua vez, evidencia vários elementos da cultura local, como por exemplo: as redes armadas na vasta varanda. Neste cenário, as redes armadas eram sinal de boas vindas aos visitantes dos sítios às margens dos rios na Amazônia oitocentista, portanto simbolizava uma atitude de apreensão, de compartilhamento, mas também de

diferenciação. Afinal para a gente pobre havia os toscos bancos. As festas nos sítios duravam três dias e nota-se como são marcados os lugares sociais,

Corriam em rios a caxaça e o vinho de cacáo, e uma grande mesa, formada de taboas sobrepostas a três barricas, para a gente que aceitára o convite do senhor alferes.

Havia **redes** armadas na vasta varanda para as **pessoas de consideração** que se achavam presentes, e **toscas bancas** para a **gente pobre**.

Ora dançava-se na varanda, ora no terreiro. Na cosinha um negro tocava n'uma espécie de tambor uma musica monótona e triste, enquanto que as negras cosinheiras trabalhavam nos assados rindo e dansando (HUP, p.63, grafia original, grifos nossos).

Nestas ocasiões, as pessoas vestiam a sua melhor roupa:

A familia do velho Sarapião estava toda prompta. A velha Joanna trajava a saia de *chita-pirarucú* dos grandes dias, a camisa de renda, e trazia ao pescoço o grande collar de contas douradas, e na cabeça o immenso pente de tartaruga. Joanhinha estava encantadora. Vestia um lindo vestido de cassa branca, grandemente decotado e de mangas curtas. A cinturinha de fada estava apertada por um cinto de fita azul, que fazia sobressair as cadeiras tentadoras, e os magnificos braços estavamornados de braceletes de contas encarnadas (HUP, p.62).

Os artefatos utilizados nas atividades de trabalho, caso da canoa, aparecem como símbolo do trabalho e comunhão com o rio, não apenas meio de locomoção. Tanto é assim que José herda a canoa de seu pai. O arpão, artefato utilizado na pesca do pirarucu constituíaforma própria de pescar dos grupos indígenas, que foi assimilada pelos caboclos.

Há em especial um espaço de socialização, que é citado nos registros históricos sobre a região: o espaço do Lago Grande, formado pelo Amazonas, onde se reúnem os pescadores para pescar o pirarucu e salgá-lo. Ali eles convivem durante um período em pequenas habitações arranjadas:

Para muitos desses pescadores o Lago Grande não é senão um lugar de divertimento em que elles vão esbanjar o dinheiro do cacao do inverno. Como se reunem em grande numero fazem grandes bailados a noite, onde corre a caxaça, e onde graves conflitos se travam ás vezes (HUP, p.93, grafia original).

Em HUP, o modo de extrativismo da pesca, a ida ao Lago Grande, também referenciadas em obras históricas, constituem forma peculiar de trato com o trabalho. Era costume dos pescadores a ida ao Lago grande, lugar de pesca referenciado pelo narrador de *História de um pescador*. A convivência levava os pescadores a ter um momento de folguedo, de baile ao relento, momento de confraternizar, dançar, beber, alegrar-se. Trabalho e lazer enquanto práticas cotidianas são evidenciadas na obra:

Ahi passam elles as suas noites, quando não em folguedos e bailes ao relento, porque o dia todo é empregado na pescaria

Atraz dos pescadores vão também os negociantes chamados regatões que em uma montaria andam adar volta do lago, tocando de cabana em cabana , e trocando a aguardente, o assucar, o café e a chita pelo *pirahem*, ou peixe secco (HUP, p.94,grafia original).

José Veríssimo, em capítulo de sua obra que trata dos usos e costumes do homem amazônico, revela tarefas exclusivas das mulheres: fabrico da farinha, preparo de comidas, tecelagem das redes, costura, fiação do algodão. Cita como atividade exclusiva dos homens, a caça e a grande pesca com arpão ou flecha, entre elas a pesca do pirarucu: “O tapuio mete-se numa pequena montaria e dirige-se para um lago, pois é principalmente nos lagos que de setembro a dezembro o grande peixe desta região abunda” (VERÍSSIMO, 1970, p.77).

Veríssimo chama os tapuios de inconstantes e despreocupados. No texto faz a seguinte observação sobre a ida aos Lagos: “a ‘**falta de educação**’, havendo-os degradado, encontram nesses ajuntamentos periódicos, onde reina a maior licença, além da satisfação do seu herdado **instinto nômada**, a dos vícios a que mais dão-se: a bebedice, a dança, a devassidão, a vida fácil, em suma” (1970, p.79, grifos nossos). Assim, como Inglês de Sousa, Verissimo oscila em relação à forma como representa os tapuios e/ou caboclos, ora imprimindo a eles uma visão preconceituosa e etnocêntrica, ora colocando-os como vitimas da sociedade em formação.

Outro componente social importante na conformação das identidades na Amazônia são as relações de poder e as formas próprias de sociabilidade das pessoas nesta região. Neste sentido, a obra *O Coronel Sangrado* retoma alguns personagens do primeiro romance e trata de questões ligadas ao fazer político nesse período, marcado pelo cabresto do voto comprado e por relações em que fica claro quem manda na região: os cacaulistas e os donos de grandes extensões de terra e gado.

Além dos votantes seguros que andavam livremente pelas ruas, e que eram em número menor, havia os dos *viveiros*, que só saíam em bandos, acompanhados sempre por algum dos patrões ou por um cabo de confiança.

Os viveiros eram as casas em que se prendiam os votantes incertos fartando-os de carne fresca e de cachaça até a hora de seguirem para a igreja, em bandos, guiados pelos chefes, e guardados por todos os cabos. Votante que pusesse pé no viveiro não podia mais sair sem licença ou sem acompanhamento (CS, 1968, p.135).

As relações de poder que se estabelecem mostram que os homens livres, que no romance comparecem são submissos à vontade do *outro*. No caso, dos coronéis do

cacau, políticos da província e de pequenos proprietários de terra e gado. Essas relações de controle sobre a vontade política e social de categorias sociais menos abastadas aparecem embrionariamente na primeira obra *O Cacaalista*, quando o personagem principal Miguel resolve entrar numa disputa com o Tenente Ribeiro pela posse de terras de um lugar chamado Uricurizal. Os caboclos, assim chamados pelo narrador, vão testemunhar contra ou a favor. São as demandas por terra. No romance, um destes personagens é descrito da seguinte maneira:

Mendes era um homem velho, conhecia-se, mas seria difícil determinar-lhe uma idade; tinha os cabelos negros de ébano, e poucas rugas sulcavam-lhe a fronte; [...] Era **baixo, robusto**, os cabelos ásperos e corredios, a tez cor de cobre e as feições grosseiras indicavam bem a sua origem; os olhos pequenos e vivos giravam-lhe constantemente nas órbitas; a desconfiança estava-lhe estereotipada na fisionomia, e as palavras raras e malsonantes contribuía pra formar-lhe um exterior pouco atraente (C, 2004, p.75, grifo nosso).

5 EM BUSCA DE NOVOS PORTOS

A Amazônia é um território que precisa ser (re)pensado. As relações que aqui se estabeleceram historicamente denotam a tragédia social e humana vivida por diferentes grupos étnicos que habitaram a região em séculos passados. A riqueza cultural da região, pouco difundida e tomada muitas vezes como baixa-cultura precisa ser trazida à luz. Mesmo na contemporaneidade nos deparamos com resquícios de relações desiguais e desfavoráveis para algumas camadas da população. A semiescravidão ainda é realidade em alguns lugares deste imenso território.

Usamos a metáfora de uma breve parada em um paraná-mirim em busca de vislumbrar novos portos, o que significa pinçar o fundamental das reflexões colocadas por esta dissertação a fim de evidenciar alguns condicionantes sociais, políticos e econômicos que concorreram para conformar as identidades no contexto da Amazônia.

Os sítios interligados por cacauais e Paraná- mirins são os principais locais onde os personagens dos romances de Sousa se movem, com exceção de *O Coronel Sangrado*, cujo enredo se dá na maior parte na cidade de Óbidos. Os personagens são seres de papel que apesar de não estarem representados com grande densidade psicológica pela pena do escritor, estão imbricados em relações com outros seres, relações humanas sempre tranquilas, assimétricas, evidenciando quem detinha o poder na região.

Subserviência, trabalho servil, pobreza, ameaça, violência, calar, luta pela terra são alguns implicantes das identidades representadas pelo escritor. Inglês de Sousa, em HUP, produz um confronto entre o homem livre, mas agregado, José, o pescador, torna-se presa fácil do esperto capitão, paga uma dívida da qual não sabe a origem, nem o valor. Sujeita-se a trabalhar de sol a sol, entrega todo o fruto do seu labor ao capitão, dono da fazenda e juntamente com a mãe sobrevive de poucos recursos. É um tapuío, identidade étnica dominante em HUP, não apenas José, mas vários outros tapuíos são agregados do capitão.

A literatura produzida por Inglês de Sousa se diferencia dos outros autores do naturalismo, pois o que traz para as suas *Cenas da vida do Amazonas* são seres humanos em meio a conflitos sociais, étnicos, políticos e econômicos. Em *O Cacauleiro*, já não temos conflitos étnicos tão marcados como no anterior, mas a luta pela posse de uma terra. A diferença aqui, é que o antagonista no conflito é um mulato, estava numa escala social inferior, mas tem uma índole forte e resolve disputar a terra com o vizinho português. Portanto não pesa a questão racial; por último, o *Coronel Sangrado* exterioriza as formas do fazer político, a compra de votos, o aprisionamento dos tapuíos em “viveiros” para beber e comer às custas de algum correligionário.

A importância de mergulhar na obra literária. Mergulho em águas barrentas e agitadas reside na reflexão sobre os nexos históricos, sociais, econômicos e políticos entre a Amazônia traduzida literariamente por Herculano Inglês de Sousa e esta vivenciada por nós, na contemporaneidade. Pensamos que as mortes engendradas no campo pelo controle e obtenção de grandes extensões de terra, a forma como a política é conduzida nesta região, as ações de alguns líderes locais são sem dúvida, prova do diacronismo da obra literária estudada.

Por fim, a identidade concebida como processo inacabado, de identificação, como propugna os Estudos Culturais, possibilita pensar as representações da identidade tapuías no romance de Sousa como processo de identificação provisório e variável e concluir que essa identidade tapuíia tem uma correferência existencial no mundo concreto. São índios segregados de suas tribos, sujeitos a semiescravidão e a todo tipo de representação que a sociedade cacauera branca e colonizadora pudesse criar sobre eles. Mas é também um conceito em construção, dado a complexidade da formação das sociedades amazônicas.

É possível que o termo tapuío, como o próprio autor diz nas notas de C: “Segundo o Sr. Alencar, esta palavra deriva-se de tapa e puir (o que foge de casa). No

Amazonas dá-se este nome a todo e qualquer homem de cor vermelha” (C, p. 188). Assim, tanto pode ser o filho de indígena e branco, possivelmente em alguns personagens como a Maria Mucuí, do conto, e em José de HUP, mas em outros parece ser mais uma generalização estigmatizada tapuio- quem não era *marinheiro* ou descendente direto de negro. Foi usado por inglês como sinônimo de caboclo. Nossas reflexões sobre a identidade tapuia cuja representação aparece em maior evidência (na História de um pescador) ou menor evidência (nos outros dois romances)

Finalmente, a obra de Inglês de Sousa permanece aberta, no sentido de possuir literalmente um caudaloso rio de possibilidades de análise em diferentes perspectivas teóricas, desde as ocorrências linguísticas do tupi-guarani, da metalinguística, inventário do linguajar do povo caboclo presentes nos romances e nos contos; passando pelo cabedal de costumes e credences até as formas de organização e de convivência social dos ribeirinhos da região ocidental das então Províncias do Grão-Pará e Maranhão.

Uma leitura crítica do texto literário deve levar em consideração as circunstâncias que a explicam, portanto o seu contexto de produção, a influência de correntes de pensamento sobre a produção do autor e ainda, as formas peculiares de organização do texto. Frente a estas considerações, conclui-se que obra literária de Inglês de Sousa traz para a ficção brasileira problemáticas que identificam na contemporaneidade, o território amazônico como território de conflitos, de luta pela terra, de luta entre desiguais: dos que detém poder e capital e aqueles que querem apenas um pedaço de terra para lavar e viver. Além disso, percebe-se o germen de uma forma de fazer política que é marca fundamental de O coronel Sangrado.

O encarte do jornal paraense abaixo reproduzido diz: “o escritor que revelou a realidade amazônica através da ficção”. Há certo reconhecimento da produção literária do escritor e da sua importância quando revela as relações sociais, econômicas e políticas vividas pela Amazônia do século XIX, apesar de muito tímida, uma vez que pouco se fala de Inglês de Sousa nos bancos da academia.

Figura 3: Caderno “Personalidades Históricas”- Inglês de Sousa, Jornal Diário do Pará, 09/04/2010.



Figura 4: Caderno Cultura e Arte. Inglês de Sousa: O Introdutor do Naturalismo no Brasil, Diário do Pará, 9/42010.



É sem dúvida uma epopeia de um povo: os tapuios, identidade interrogada nesta dissertação a partir das discussões teóricas dos estudos culturais, que dialogam com a história, a sociologia, a geografia, e que traz uma contribuição fundamental: pensar o texto literário enquanto artefato de uma cultura, objeto discursivo que em sua textualidade, engendra a articulação entre cultura, significação, identidade, relações de poder e território.

A narrativa aberta desperta no leitor o desejo de traçar interrelações e diálogos com os diferentes conteúdos das ciências históricas e sociais. Ler a obra deste autor é, sem dúvida, fazer uma viagem que deve parecer com a dos viajantes pela Amazônia diante do desconhecido. Reveladora, salutar, capaz de motivar a busca de novos portos e, por meio do texto literário, desvelar os seres humanos, as tradições, as narrativas orais, enfim, todo um cenário social e cultural cujo conhecimento é imprescindível para a conformação de identidades capazes de resistir aos apelos da sociedade civilizada e descartável.

Do porto onde me encontro vejo outros e termino esta dissertação usando a metáfora de Antonio Candido, na obra *Literatura de dois gumes* (1989): a literatura amazônica vislumbrada pela obra de Inglês de Sousa, assim como pode ser eficiente objeto de reflexão para questionar e denunciar a colonização, pode ser também forma de manutenção de uma visão etnocêntrica, e produtora de uma representação sobre a sociedade amazônica e os que aqui habitam.

Quem dá o rumo para esta nau somos nós, desfazendo os nós tecidos pelos discursos literários e históricos e refazendo as malhas dessa trama histórica urdida com grande peso ideológico, que imputa a nós, sermos celeiros do mundo e a região mais rica do planeta, e, ao mesmo tempo refratários ao progresso.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, João M. Positivismismo Culturalista da Escola de Recife. In: **Revista Novos Estudos Jurídicos**, Vol.8, N. 2, p.303-326, maio-ago.2003

ANDRADE, Oswald de. Dois emancipados: Julio Ribeiro e Inglês de Sousa. In: **Revista do Brasil: publicação mensal de ciencia, letras, artes, historia e actualidades**, Rio de Janeiro (RJ), v. 4, n. 35, p.152-155, Maio. 1941.

ARAÚJO, José Mourão de. **Literatura e história na recepção crítica do conto de Inglês de Sousa**. 2006. 126f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2006. UFPA.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. Teoria do Romance. São Paulo: Ed. Annablume, 2002

BARTHES, Roland et all. **Análise Estrutural da Narrativa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

BARRETO, Mauro V. **O Romance da vida amazônica: uma leitura sociológica da obra literária de Herculano Marcos Inglês de Sousa**. 2000. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2000. UFPA.

_____. Mauro V. **O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa**. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003.

BHABHA, Homi. K. **Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna**. Trad. Maria L. Cyrino Valle. Belo Horizonte: UFMG/FALE – Pós-Lit, 1995.

_____, Homi K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e Cultural**. Manaus: Editora Valer, 2009

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI. Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: companhia das letras, 2002.

_____. Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectivas, 2011

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: **A Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, pp. 140-215.

CANDIDO, Antonio et al. Estrutura Literária e função histórica. In: **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2010. p.177-199.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Cenas da vida amazônica. por José Veríssimo. Crítica Literária de Machado de Assis, Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. Publicado na Gazeta de Notícias, janeiro de 1899.

CORRÊA, Paulo Maués. **Contos Selecionados**. Literatura Comentada. 2005

_____. Paulo Maués. **Inglês de Sousa em Todas as Letras**. -Belém: Paka-Tatu, 2004.

CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca produções culturais, 1999.

CRUZ, Elaine Ferreira de Oliveira. **Os romances da mocidade 'Cenas da vida do Amazonas'** (um estudo do discurso narrativo na obra de Inglês de Sousa). 2003. 98f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém, 2003. UFPA.

DANIEL, João (1722-1776). **Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas**, vol2/Padre João Daniel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto- Manaus 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 2007.

DOTTO, Lucimeire Ferrari. **A personagem Miguel e o contraste matutice X civilidade em O Coronel Sangrado de Inglês de Sousa**. 2008. Dissertação (Mestre). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2008. PUC-SP.

ESCOSTEGUY, A.C. et al. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____, A.C. Os Estudos Culturais. In: **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. RJ: Vozes, 2001, p. 151-170

FERNANDES, José G. & CORREA, Paulo. (Orgs). **Estudos de Literatura da Amazônia**. Belém, 2007

_____, José G. Literatura Brasileira de expressão Amazonica, Literatura Amazonica ou Literatura da Amazonia? In: **MOARA**. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPA. Belém: CLA/UFPA, n. 23, 2005.

FERREIRA, Marcela. **Ideias em evolução: Inglês de Sousa cronista**. Art.XII Congresso Internacional da ABRALIC. UFPR: Curitiba, Brasil, 18 a 22 de julho de 2011.

FIGUEIRA, Lauro Roberto do Carmo. A feiticeira: uma análise estrutural pró-barthesiana. In: **Espaço Científico**, Santarém. V.6 n.1/2, 2005, p.47-55

FOUCAULT, M.A **arqueologia do saber**. TradRio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1955.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOBSBAWM, Eric. J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Guacira Louro e Tomaz Tadeu. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

_____, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HARRIS, Mark, **Presente Ambivalente: uma maneira Amazônica de estar no tempo**. In: **Sociedades caboclasamazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

JAMESON, Fredric. Sobre os “Estudos de Cultura”. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n.39, julho de 1994, pp.11-48.

JÚNIOR, Araripe. **Teoria, Crítica e História Literária**. Seleção e Apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro, livros técnicos e científicos; São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1978.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da Razão no Ocidente**, São Paulo Cortez editora, 1988.

LEANDRO, Rafael Voight. **Inglês de Sousa: Amazônia, História e Ficção**. Revista Água Viva. Estudos Literários. 2011

LEITE, Marcus V.C. **Sobre alguns pontos em Inglês de Sousa: Um ensaio caleidoscópico**. Dissertação de Mestrado. Belém/NAEA/UFPA, 1998.

LIMA, Luciano Rodrigues. Estudos Culturais: propedêutica, rivalidades e perspectivas. IN: **Fólio- Revista de Letras**. Vitória da Conquista, v.2, n.2, jul./dez.2010.

LIMA, Deborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. In: **Novos Cadernos NAEA**, vol 2, n.2, Dez/1999.

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LOPES, Nei. **Dicionário literário afrobrasileiro**. Rio de Janeiro. Ed. Palhas, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **O Imaginário Amazônico**. In: Obras reunidas, volume 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do Romance: histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas cidades, editora 34, 2000.

LUNA, Luiz. **Resistência do índio à dominação no Brasil**. Rio de Janeiro: leitura, 1963, 151p.

MACHADO, Irene A. **O Romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago, São Paulo: FAPESP, 1995.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Vol. III(1855-1877). São Paulo: Cultrix, ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. Cenas da vida do Amazonas: um estudo dos contos de Inglês de Sousa. In: **Revista de Literatura** - 2006. Belo Horizonte: Associação Pré-UFMG, 2005, p. 31-62.

MEGGERS, Betty. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Inglês de Sousa versus Luiz Dolzani. In: **Escritos da Modernidade: seleta de textos publicados em periódicos**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

_____, Lúcia. **História da Literatura Brasileira. Prosa de ficção (1870-1920)**. Rio de Janeiro: ed José Olympio, 1957.

MIRANDA, Wander M. Projeções de um debate. In: **Revista brasileira de literatura comparada**, Rio de Janeiro: abralic, 1991, p.11-19

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1987.

MONTELLO, Josué. ABL, disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/>> .Acesso em 20 de dezembro de 2012.

NEGER, Raquel Ripari. Inglês de Sousa e a Belle Époque Amazônica: um estudo sobre a 'civildade' e a 'matutice' na Óbidos do século XIX. In: **Revista Travessia**.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília:Paralelo, 2006.

PAIM, Antonio. **Estudos Complementares à História das ideias filosóficas no Brasil**. A Escola do Recife. São Paulo, 1997

_____, Antonio. **A Filosofia Brasileira contemporânea. Estudos complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil**, Vol. VII, 2ª edição, Brasília, 2007.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. **Obras Completas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971-1973. Coleção Cultura Paraense

PRYTHON, Ângela. Estudos Culturais nos anos 90. In: **BRASA V- BrazilianStudiesAssociation**, 2000, n/p.

RAMOS, João Antônio. Inglês de Souza na Paris das Selvas. In: **Revista Língua Portuguesa** (conhecimento Prático), São Paulo: Escala Ed.Edição 26, 2010.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. Prefácio da 1. Ed. In: SOUSA, Inglês de (Luiz Dolzani). **O Cacaulista**. 2. Ed. Belém: EDUFPA, 2004- (Coleção Amazônia).

REIS, Carlos. **Técnicas de Análise Textual**. Coimbra: Almedina, 1981.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

RIBEIRO, Antonio Sousa & RAMALHO, Maria Irene. Dos estudos literários aos estudos culturais? In: **Revista de Ciências Sociais**, n.52/53. Nov1998-Fevereiro de 1999.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. In: **Tempo**, 2006, p.5-30, Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v11n22a02.pdf> ;Acesso: 11 de janeiro de 2013

RODRIGUES, Carmem Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. In: **Novos Cadernos NAEA**, v.9, n.1, p.119-130, jun.2006.

SALLES, Vicente. Prefácio. In: SOUSA, Inglês de (Luiz Dolzani). **História de um pescador**. Belém: Fundação cultural Tancredo Neves, 1990.

_____. **O negro na formação da sociedade paraense**. Textos reunidos. Belém: Paka-tatu, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Para além da História social. In: **Nas malhas da letra**. São Paulo. Companhia das letras, 1989.

_____, Silviano. Democratização no Brasil-1979-1981. In: **Vale quanto pesa**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARCZ, Lilia M. **O Espetáculo das Raças**, São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____, Lilia M. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SALLES, Vicente. Introdução. In: **História de um pescador: cenas da vida do Amazonas**/Luiz Dolzani 2.ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de cultura, 1990, n/p.

SODRÉ, Nelson Werneck. O episódio naturalista. 2002, p.441-449.

SOUSA, Inglês de. **O rebelde e outros contos amazônicos**; org. Maria Viana. São Paulo: Scipione, 2007.

_____, Inglês de. A Feiticeira. In: **Contos Amazônicos**. Belém-Pará: EDUFPA,2005, p.45-55. (Coleção Amazônia).

_____,Inglês de. **O Missionário**. São Paulo: Ed. Ática, 1991

_____,Inglês de. **O Coronel Sangrado: cenas da vida do Amazonas**. 1 ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968

_____, Inglês de. **História de um pescador: cenas da vida do Amazonas**/Luiz Dolzani 2.ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de cultura, 1990.

_____, Inglês de. **O Cacauleta**. Coleção Amazonia. 2 Edição.Belém-Pará: EDUFPA, 2004.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: EditoraValer, 2009.

SOUZA, Marcos Aurélio dos S. O entre-lugar e os Estudos Culturais. In: **Travessias**, n.1. Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

SOUSA, José. **A narrativa curta em Inglês de Sousa: uma análise de “A Feiticeira”**. Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, , Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2006.Dis.

TRINDADE, Maria de Nazaré B. **MARIA MUCUIM, A FEITICEIRA DO PARANÁ - MIRIM DE CIMA: Um estudo sobre a não permanência identitária dos povos indígenas no Pará**oitocentista.UFPA, Belém, 2010.Tcc.

TUPIASSU, Amarílis. Texto de orelha do livro *O Cacauleta*. Inglês de Sousa, 2 Ed. Belém: EDUFPA, 2004

VERÍSSIMO, José. As populações indígenas e mestiços da amazônia; sua linguagem, suas crenças e seus costumes. In: **Estudos Amazônicos**. Belém: UFPA, 1970.

_____. José. **Cenas da vida Amazônica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica. Estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988

INFOGRÁFICAS

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0318z01.htm>, em 21 de novembro de 2012

http://super.abril.com.br/superarquivo/1996/conteudo_115368.shtml, em 21 de novembro de 2012

O rigor científico na ficção de Inglês de Sousa. Disponível em: <www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira08/noticias8/noticia8.htm,> Acesso em novembro de 2012

A Importância De Inglês De Sousa Para O Realismo-Naturalismo Com Sua Obra 'Contos Amazônicos' Disponível em: <<http://artigos.netsaber.com.br/>> Acesso em 21 de novembro de 2012

Inglês de Sousa na obra Contos Amazônicos: O homem na luta com o mundo selvagem. Disponível em: <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/>> Acesso em 21 de novembro de 2012

<http://www.pgletras.uerj.br/gthistoria/pressler.pdf> artigo

www.ufpa.br/naea/pdf.php?id=176 artigo

www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7766 artigo